

ISSN 0871-4428

ANTÓNIO LINO

O HOMEM E A CASA A CASA E O TEMPO



IDENTIDADE
CULTURA PORTUGUESA

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

Neste convite a mais um encontro com a obra de António Lino, de imediato nos vem à memória o seu infatigável apego à pintura mural — o fresco, o vitral, a tapeçaria e o mosaico — traduzido em resultados artísticos que se dão a conhecer em dezenas de monumentos nacionais e estrangeiros, igrejas, palácios da justiça, câmaras municipais, solares e residências privadas.

Do vasto e universal conjunto de trabalhos, retenhamos uns quantos do património português e lembremos, dos outros, alguns dos que mais se ligam a uma temática cristã que desde muito cedo o cativou e deu também azo a múltiplas conferências e debates e à intervenção activa no Movimento de Renovação de Arte Religiosa que ajudou a fundar.

Frescos para que sempre gostamos de olhar são, entre outros, a Paz de Santa Isabel do Palácio da Justiça da Guarda (1952) e a Batalha de S. Mamede do Palácio da Justiça de Guimarães, onde, aliás, o nosso apreço vai também para uma harmoniosa série de mosaicos (1960) de que fazem parte Os Visigodos— Mumadona, As Cortes, Os Concelhos, Os Mesteres e Os Forais.

Na mesma cidade, mas nos Paços dos Duques de Bragança, imperdoável seria não reparar apreciativamente nos belíssimos vitrais evocativos de figuras da nossa antiga história, tais como D. Afonso Henriques, D. João I, D. Filipa de Lencastre e D. Nuno Álvares Pereira.

Mais recentes, os vitrais encomendados para a Sé de Braga, acompanham-nos na comemoração dos noventa e seis anos da sagração da vetusta e imponente igreja.

No domínio da tapeçaria, fica a menção elogiosa à que se encontra na Câmara Municipal de Lisboa (1954), onde num vasto aglomerado se recorta um grande plano com o primeiro rei de Portugal.

Quanto a tarefas criativas dispersas por outras paragens, atenhamos-nos a dois painéis sobre as aparições de Fátima: um está na grande Basílica da Anunciação de Nazareth, na Terra Santa e outro na Síria, em Damasco, na Nova Basílica Cristã Latina. O primeiro é em cerâmica e utiliza mármore de Vila Viçosa, o segundo, em mosaico, abrange o fundo da capela-mor.

Abreviemos num elogio generalizado as informações sobre aguarelas (muitas com paisagens portuguesas), desenhos (alguns de antiquíssimas povoações espanholas), gravuras em madeira (castelos, igrejas, ruas e casas típicas) e convenhamos preferencialmente num rápido percurso pela biografia profissional e cultural do artista.

Deixou há poucos anos (1984) a docência da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde desde 1964 se dedicou com particular entusiasmo ao ensino de tecnologias da pintura, na regência das cadeiras de Mosaico e Vitral. Lecciona agora Arqueologia e História da Arte Cristã na Universidade Católica.

Para trás ficaram outras experiências, talvez socialmente mais esquecidas mas nem por isso humanamente menos enriquecedoras: o magistério primário (1936-1942) em Seide e na Afurada (Foz-do-Rio-Douro) que em parte acumulou com a frequência da Escola de Belas Artes do Porto (1937-1945) onde concluiu o curso com uma tese de homenagem a Fernando Pessoa e temática de D. Sebastião, e o Ensino Técnico em Guimarães e em Lisboa (1942-1948).

Da Escola de Belas Artes do Porto, gosta de relembrar os seus Mestres Teixeira Lopes, Acácio Lino e Dordão Gomes. Mas gosta

IDENTIDADE

SÉRIE CULTURA PORTUGUESA

O HOMEM E A CASA
A CASA E O TEMPO

ODIVELAS

1990

ANTÓNIO LINO

O HOMEM E A CASA A CASA E O TEMPO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

1990

O HOMEM E A CASA
A CASA E O TEMPO

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

LINO, António

O homem e a casa a casa e o tempo: a arte do povo /
/ António Lino. — Lisboa: Ministério da Educação. Instituto
de Cultura e Língua Portuguesa, 1990. — 132 p., 110 grav.,
16,5 x 24 cm. — (Identidade: cultura portuguesa).

Arte popular — Cultura popular — Dicionário — História —
Portugal.

Título**O HOMEM E A CASA — A CASA E O TEMPO**

1.ª edição, 1990

INSTITUTO DE CULTURA E LINGUA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

© Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Divisão de Publicações

Praça do Príncipe Real, 14-1.º — 1200 LISBOA

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Tiragem

3000 exemplares

Capa: Afonso Henriques — Cerâmica de Mafra**Composição e Impressão**

Rádio Renascença

Rua Duques de Bragança, 6 — 1200 LISBOA

Depósito Legal N.º 30575/89

ISSN 0871-4428 Identidade. Cultura portuguesa

*Ao Minho e a Trás-os-Montes, terras de meus
Avós, que, com a espada desenharam Portugal, e,
com o arado abriram a terra e fizeram a sementeira
que nos deu o pão nosso de cada dia.*

*A Guimarães, minha pequena Pátria, e ao seu
Povo, esta pequena homenagem do meu sentir.*

Escrito ao correr da pena, sem erudição, sai o pouco que sabemos sem consultas demoradas ou bibliografia estudada.

Por isso, além dos erros ou falhas, haverá algumas repetições, mas serão como o altear da voz no discurso ou palavra grifada na escrita, para destacar uma ideia. Também poderá haver alguns plágios, não intencionais, pois os nossos apontamentos, que se foram avolumando com os anos, tomados só para estudo particular, são de natureza espartana. Mesmo as palavras num outro arrumar, num outro conjunto, tomam um sentido novo, diferente. Não há notas. Úteis para o investigador, aqui quebrariam o fio à escrita e a sua unidade.

Um pequeno dicionário, com termos ligados à vida rural, basta.

António Lino

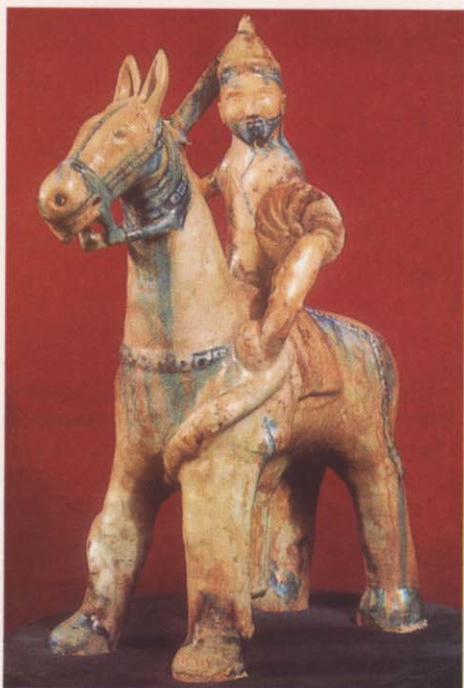
A TRADIÇÃO em poesia.
É A HISTÓRIA Ela permanece, geralmente por via oral, nas suas *lendas*,
DO POVO, nos seus *cantares* de trabalho, de romaria, de escárneo e mal dizer, no aforismo latino, rindo se corrigem os costumes, da vida dos santos e os romances nascidos da reconquista cristã, a encomenda das almas na recordação dos seus mortos, e o *Culto dos Mortos* é a primeira noção, da pré-história, da civilização, de espírito, e da sua arte. A tradição oral explica a criação dos *Poemas Homéricos*. Os Povos, a Grécia e Roma, criaram a nossa Civilização, e, eco desses cantares dos AEDOS, em Portugal florescem as canções da gesta, os cantares que os nossos Romanceiros recolheram, e os nossos *Trovadores* cantavam, transmitidos nos séculos na voz popular.

Vem de longe a nossa tradição popular. As suas manifestações em Arte. Temos de ir buscá-las à *pré-história*, as suas raízes aos *Lusitanos*.

Chegam os *Romanos* e a sua alta civilização (herdada dos gregos e etruscos e codificada por eles), as suas leis, seus monumentos e obras públicas, vias, pontes, aquedutos... acrescentados aos usos e costumes achados; civilização e paz, interrompidas pelas cruéis invasões dos *árabes*, que, no norte, apenas acrescentaram novos termos à língua materna, técnicas agrícolas, a numeração árabe, e artífices que aqui ficaram e ergueram templos cristãos à sua maneira, os moçárabes. Mas quando ainda não tinham terminado a conquista, começa o seu recuo, iniciando-se a *Reconquista Cristã*. Começa com ela a formação dos *Reinos Visigodos* — do Reino de *Leão* — do Condado e Reino de *Portugal*.

Com a tradição surgem-nos a casa, os costumes, as artes, os motivos que já vêm de longe. Um dos primeiros monumentos que aparece, a celeberrima *Pedra Formosa*, hoje no Museu de Arqueologia de Martins Sarmiento, em Guimarães, é padrão a copiar, pelos séculos fora, na arte popular, nos seus gravados decorativos de entrançados, encordoados, enlaçados campos semeados de flores estilizadas de 4 pétalas. Os brincos de filigrana e a indústria de *filigrana* que viveu no sopé dos montes da Citânia de Briteiros e Sabroso, e que no século passado é transferida para Gondomar. Um paralelismo, raro, encontramos, num trabalho arcaico de cerâmica da *Antiguidade Oriental* e uma cerâmica de arte popular portuguesa, onde a composição, a côr, a técnica e as soluções encontradas na estilização dos seus elementos são iguais: um *cavaleiro* no Museu de Damasco e um *cavaleiro* da *Rosa Ramalho*, de Barcelos.

Com a cristianização das terras de Portugal, e grandes nomes nos aparecem a dirigí-la, desde o século VII ao século X, sendo em que foi



CAVALEIRO DO MUSEU DE DAMASCO



CAVALEIRO, de Rosa Ramalho



A CITÂNIA DE BRITEIROS

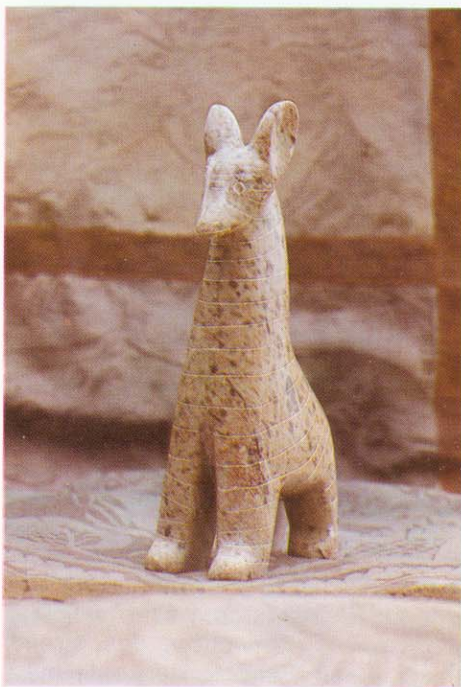
erguida a actual Sé de Braga, que o aforismo popular data com precisão dizendo «*tão velho como a Sé de Braga*», com os seus Arcebispos São *Frutuoso*, São *Martinho* de Dume e São *Geraldo*, tudo é baptizado em Cristo. Os usos e costumes romanos dos *altares do Lar*, dos lares, dos pequenos *monumentos* votivos das encruzilhadas dos caminhos, dos *ex-votos* dos seus santuários pagãos, são agora os pequenos *santuários* caseiros colocados sobre as cómodas, com o Cristo Crucificado entre São João Evangelista e a Virgem, imagem do Santo Patrono, tanta vez o Menino Jesus, todo florido em volta; são as *Redomas* com seus palmitos artísticos, onde a cruz domina; são os *cruzeiros*, nos adros das igrejas e as *cruzes* no caminho do monte, o calvário, com 3 cruzes no ponto mais

alto, e as *Alminhas*, pequeninas capelas pelos caminhos e encruzilhadas; são os ex-votos, os *Milagres* e os *Registos*.

O símbolo cristão, a cruz, é o elemento decorativo mais em evidência, predominando no norte em tudo; até o pão, antes de entrar no forno, leva uma cruz incisa, todo o portal seja de solar nobre ou de casa rural a tem no topo. Ainda aparece na arte popular do Rio Douro ao Mondego; e vai diminuindo a partir daqui até ao Rio Tejo, desaparecendo em seguida, daqui para o sul.

Da Idade-Média nos chegou por tradição a arte popular que até nós veio. Organizada a Nação nas suas três grandes divisões, clero, nobreza e povo. Ao primeiro, a camada culta, competia o ensino das letras e da cultura das terras, fomentando a criação e povoamento de aglomerados; à nobreza competia a reconquista e defesa e governo da terra e ao povo o Trabalho, a riqueza do País. O povo ingressava no clero, passando do trabalho manual ao trabalho intelectual, e, ingressava na nobreza, por feitos de armas. O trabalhador manual, organizava-se em MESTERES, nas ARTES e OFÍCIOS, e com a aprendizagem da profissão passavam sucessivamente de *aprendizes*, a *oficiais* e *Mestres*, com estudos, práticas, exames e diplomas, depois de provas dadas do seu saber. Cada *profissão* reunia-se em *irmandade* com a sua capela, seu Santo Padroeiro e sua Bandeira, onde eram tratados todos os seus problemas inerentes e se faziam os exames profissionais e se entregavam os diplomas.

O trabalho rural mecânico é realizado em pequenas oficinas ou na própria habitação, em pequenas indústrias especializadas, de artes industriais, com a matéria-prima da própria região, reunidos por poucos artífices, ou, casal ajudado por familiares, com a produção vendida directamente,



ANIMAL EM PEDRA-SABÃO (Brasil)

mas geralmente nas feiras mais próximas, ou naquelas de nome, anuais, com festas e romarias dedicadas a um Santo, são as criadoras do *artesanato* e a este, em parte, anda ligada a *arte popular*. Geralmente o artesão andava ligado ao agricultor. Com a industrialização aparece o *operário*, parte, separado do agricultor e do artesão, como uma nova classe da sociedade. Com ele outra classe, a do *industrial*, que a do comerciante já existia e dera origem à *Burguesia*, em que ingressara mais tarde o industrial, classes que não pertencem a nenhuma das antigas divisões nem às camadas cultas da população, saídas do ensino, as chamadas profissões liberais, e a profissão dos escritores e artistas. A aldeia e a cidade, agora, tem um conceito diferente e são um meio diferente no viver. O verdadeiro povo, incluído na Nação e sentido pátrio, agora, é o que mantém a tradição, aquele que para exercer a sua profissão, seu labor, não necessita de estudos. O saber ler, escrever e contar, por si, não é cultura, quando não há o sentido moral do dever, dos tais direitos e deveres, dos privilégios e regalias que regiam a rés-pública, descritos no *Foral*, autêntica Carta do Poder Local, diploma que integra todas as tradições, usos e costumes, dum núcleo, duma região, dum povoado, dum Município, de acordo com a geografia, divisão natural que viveu até aos fins do século XIX, substituída por leis artificiais nas divisões artificiais dos concelhos, Distritos e Províncias. Poder local, agora, de novo, ao de cima.

O povo, muita vez, equilibra o seu quase analfabetismo, com aquele saber sentido, o saber da experiência feito no dizer de Camões, puro e emocional, ao criar a Arte que embeleza seus materiais de trabalho e de lazer. O conhecimento científico e técnico industrial muita vez tem como consequência o abastardamento do sentir puro da Arte Popular.

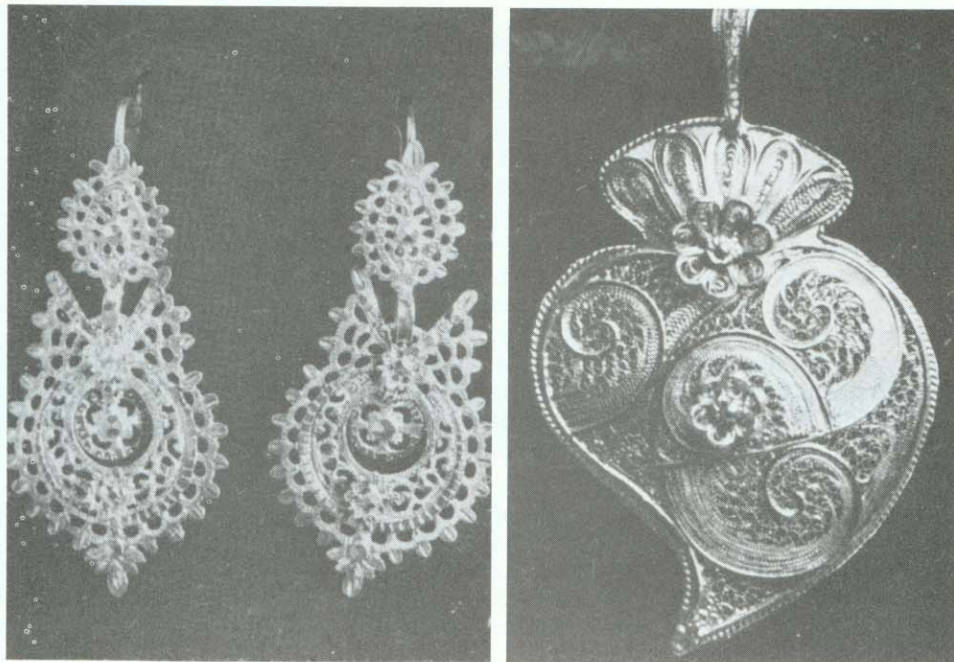
A olaria, os teares rústicos de linha, vêm-nos das Citânias dos Lusitanos... as formas da sua olaria, lá as vamos buscar à célebre cantarinha de Guimarães serve de exemplo... assim como a arte da filigrana. Os *Registos* são a decoração das paredes da Casa Rural. Na arca o Bragal de linho. Na cómoda singela, o ouro: as argolas, os corações e o crucifixo em filigrana, os cordões, as libras encastoadas, os anéis, os berloques, as correntes dos relógios, as cruzes raiadas como esplendores dos santos.

Já no tempo anterior à Fundação de Portugal, existiam em Guimarães «indústrias» de tecidos de linho, pano adamascado, cutelaria, arte do ferro, olaria, curtumes, ferraria, etc., com grande projecção na Europa. Oleiros e lavrantes da prata de filigrana, curtumes, linho, ferraria, são herdeiros dos povos que habitaram as citânias, e, quase nos mesmos locais, atravessaram os séculos! Os ourives de Guimarães são famosíssimos: a maior cruz processional de prata de Portugal e rara no Mundo, que está no seu Museu de Alberto Sampaio, o testemunha. Para não falar doutros, basta nomear o nome dum ourives vimaranense, que enche os tempos: *Gil Vicente*, o dos Autos del Rei!

Desde os tempos primitivos encontramos uma constante nestas terras de Guimarães, nas suas artes, nos seus ofícios. Das vinhas da Citânia de Briteiros nos fala o escritor romano Plínio. Ainda hoje são célebres os vinhos Santa Cristina de Longos e Santa Leocádia, de Briteiros. Daqui partiram também os colonos com suas bordadeiras, que povoaram a Ilha da Madeira. Os seus bordados têm origem nos bordados de Guimarães, sua música e instrumentos lembram a música e instrumentos minhotos



BRINCOS DE FILIGRANA DA CITÂNIA DE BRITEIROS



FILIGRANAS POPULARES

acrescentados por quinhentos anos dum viver diferente, em terras diferentes, na geografia e no clima, isolados, em torno, pelo Mar.

O povo inculto quando cria, faz cultura; ele emociona-se com os valores do espírito, a sua arte é humana. Tudo o que a tradição lhes legou, faz parte da cultura popular. A Arte popular é, como toda a criação de arte, a expressão duma emoção, o pensamento plasmado em forma.

Poderá parecer estranho as quase permanentes chamadas a terras de Guimarães. Nela nasci e me criei nos caminhos da história, da arqueologia e me dediquei à cultura popular, nas suas manifestações de arte e literatura e músicas, e, na ARTE me realizei desde muito novo. Que outros façam o mesmo em relação às suas terras natais com o mesmo amor e o mapa da arte e cultura popular de *Portugal* ficará mais rico e mais completo.

O HOMEM E A CASA

A CASA E O TEMPO

ARTE POPULAR As características dum povo são-nos dadas, em parte, por um condicionalismo geográfico. O mesmo poderemos dizer quanto ao homem. E, com este, a casa é o seu reflexo.

De acordo com as condições geográficas e geológicas da terra, climáticas, ele constrói a sua Casa, procurando o Sol e defendendo-se das chuvas e dos ventos, ou, defendendo-se do Sol e procurando frescura, conforme o lugar em que ergue a casa.

Ainda a constituição da terra influi com aspectos próprios, nas formas e nos materiais empregados, no construir, dando uma presença diferente nas diferentes regiões do País, do Minho ao Algarve.

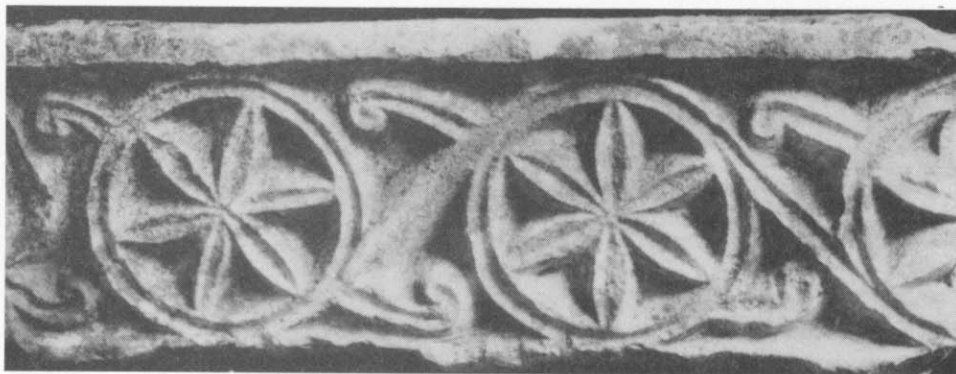
É no Minho, densamente povoado desde sempre de há milénios, rico em história, com economia variada, da agricultura à indústria, com características geográficas próprias — numerosos rios e afluentes, cavando vales e marcando relevos de montes, colinas e outeiros, com uma costa banhada pelo Atlântico, moderador do clima benigno e distribuição das chuvas — onde esse condicionalismo geográfico criou um tipo de construção da casa rural, vinda através de tempos ancestrais.

Outrora com grande povoamento arborícola, o Minho, ainda hoje faz parte da sua paisagem, o pinheiro bravo, o carvalho e o castanheiro, em menor escala.

Ao sábio arqueólogo Martins Sarmiento devemos o ressuscitar das Cidades Mortas, surgir, com as suas casas, o viver dos homens (*os Lusitanos*), que são o *Jessé* da Árvore dos antepassados de Cristo. E as citânias de *Sabroso* e *Briteiros*, com muitos outros castros e cividades, antas e dolmens, casas do homem vivo e do homem morto, lembrando o nascer do dia da civilização mediterrânica, servem também, para mostrar o início duma caminhada de milénios, do norte de Portugal.

Ainda hoje, nas regiões montanhosas, onde o regímen é pastoril e comunalista, se vêem os povoados construídos como nas antigas povoações dos Lusitanos da Idade do Ferro.

Os *Romanos*, quando tomaram conta destas terras mantiveram estas construções, transformando-as nas suas «*villae*», quando, em paz, os Lusitanos foram descendo aos vales ubérrimos. Esses aglomerados Romanos, quando importantes transformaram-se, nas divisões administrativas dos visigodos cristianizados, e depois em *freguesias*, que na maior parte ainda hoje se mantém. E, caso curioso, as «vilas» sem importância, são hoje «lugares» dessas freguesias.



FRISO VISIGÓTICO

Depois dos Romanos aparecem os suevos e os godos. Dominada pelos árabes, de seguida, se une e começa a reconquista e se incorpora no Reino Cristão visigodo. Esta evolução é estudada com clareza e sem pontos mortos por outro grande historiador, Alberto Sampaio. Entramos nos primórdios da nossa história com os Reis de Leão. A Rainha *D. Teresa* e o Conde *D. Henrique* são os senhores do Condado Portucalense. *D. Afonso Henriques*, depois da Batalha de São Mamede, junto ao Castelo de Guimarães, proclama-se Rei de Portugal. Passa a Primeira Dinastia, com a terra portuguesa ocupando a sua superfície definitiva. Passa a Segunda Dinastia e a Epopeia dos Descobrimentos. Passam os séculos XVII, XVIII e XIX.

A casa continua a existir. A sua construção, que até há pouco julgávamos ser uma herança do fabrico medieval, por estudos e conclusões recentes com o aparecimento em Itália de elementos construtivos, é aos Romanos que temos de a ir buscar. Estes a espalharam por todo o seu império. Foi através das construções medievais, que os séculos XVII, XVIII e XIX, e da sua técnica, ergueram as casas de habitação populares, urbanas, e, as casas rurais, dos povoados e campos de cultura.

Seus costumes e seus usos, foram legalizados pelos Reis nos *Forais*, que concediam aos *Concelhos*, onde as leis particulares — que regiam a res-pública e os privilégios e os deveres da população, com seus direitos e deveres, suas regalias — eram codificados.

Como curiosidade, transcrevemos o Foral dado a Guimarães, em 1096, pela Rainha *D. Teresa* e o Conde *D. Henrique*: «Em nome de Deus, Eu, o Conde *D. Henrique*, juntamente com minha mulher a Infanta *D. Teresa*, declaro que nos aprouve em testemunho de boa paz e de boa vontade outorgarmos carta de vantajosos privilégios a vós homens que viestes

povoar Guimarães...» (seguem-se as leis sobre comércio, indústria, agricultura e justiça). «E aqueles que estes privilégios infringirem, sejam amaldiçoados por Deus e excomungados e com o diabo e seus anjos condenados pelos séculos dos séculos. Amen.»

A casa minhota, urbana ou rústica, é constituída com pedra de granito, argamassa e cal. Com acesso directo para o primeiro andar, por escada de pedra, na casa rural do trabalhador da terra, casa da agricultura, é no outeiro ou do vale implantada.

Na serra, onde o amanho rude da terra é parco de colheitas, e a criação de gado é uma ajuda, a casa tem anexo um curral. Na dos outeiros e vales o conjunto anexo é mais rico e maior, para os serviços dos trabalhos do campo e seus apetrechos respectivos e ferramentas.

Completamente integrada no meio e na paisagem, funcional, rude mas com expressão própria, a casa rural minhota, é a lareira onde se reúne a família depois de um dia de trabalho, sol-a-sol, com os servos seus ajudantes, ceia, reza, e vai dormir.

Todos trabalham, os familiares e os servos, que aqui pertencem a um mesmo núcleo, como agregados familiares, mesmo os jornaleiros, aqueles pagos dia a dia. Comem à mesma mesa e a mesma comida, trata-se de igual para igual, só com o devido respeito de amo e criado, dormem muitas vezes no mesmo quarto dos filhos dos patrões, ou as criadas no mesmo quarto das filhas.



TÍPICA CASA RÚSTICA DE LAVOURA

Uma soalheira varanda corrida, onde muitas vezes comem no verão ou descansam a sesta, espaçosa, domina a residência e liga as diferentes divisões da casa, no primeiro andar. Uma escadaria de pedra, a meio ou num dos extremos da varanda, é o acesso ao andar habitado. Que no rés-do-chão são as lojas, do pão, o lagar e a adega do vinho com os pipos e as dornas, a casa da lenha e a salgadeira do porco, as arcas dos cereais e as talhas do azeite, o alambique da bagaceira de aguardente, e, as cortes do gado, as vacas do leite e suas crias, os bois de trabalho e os galinheiros dos parreiros, garnizés, perús e galinhas, que dão para o eido, quinteiro aberto junto à casa, geralmente nas traseiras, cercado com muro ou rede metálica, coberto com ramada de vinha.

Na frente da casa o lagedo da eira, palco da esbulha e seca dos cereais e das festas dos trabalhos de colheitas dos campos, as ripadas e as espadeladas do linho, o descamisar do milho, e, no lagar a pisada das uvas, tudo com a música das festadas, danças e cantares próprios ao trabalho que fazem, para marcar um ritmo ao labor e «matar o tempo», tornando mais leve a canseira.



TÍPICA CASA RÚSTICA DE LAVOURA

Ao lado da eira ficam a tulha, onde se guardam os cereais em grão, o celeiro, o alpendre com colunas e coberto, com os abertos tapados com rótulos de ripas largas, destinado à arrumação das alfaías agrícolas, e, o espigueiro, erguido sobre pilares de pedra, para guardar carolos do milho ou batatas resguardando-as dos ratos, construção em forma de pequena capela com a sua cruz, estreita e muito comprida, em granito, os lados abertos, com rótulas de madeira para arejar os produtos e com duas águas em telha de canudo. Em algumas regiões os espigueiros são completamente em madeira, salvo os pilares de granito.

Isoladas ou aninhadas em volta da pequena igreja românica, a casa rural minhota, completa a maravilhosa paisagem nortenha.

Infelizmente, é aqui lugar para protestar contra o que se está a permitir em construções sem projecto ou com mau projecto, de más interpretações, de casas de outros países, outras regiões e outros climas e factores geográficos e humanos, trazidos por imigrantes, deslocadas da nossa maneira de ser, do nosso sentir, da nossa paisagem.

A casa rural minhota da lavoura tem uma mobília simples, sóbria, como a vida simples e rude do lavrador, o trabalhador do campo. Na sala comum a cozinha e a sala de comer. No lar, em destaque, a grande lareira de granito encostada à parede, dos lados o escabelo, banco onde, também se come o caldo verde de couve galega, feito no pote de ferro de 3 pernas, com migas de pão de milho, a broa, e «tora» de chouriço, na malga e na mão, fiavam na roca o linho as mulheres e se aqueciam nas noites frias de inverno.

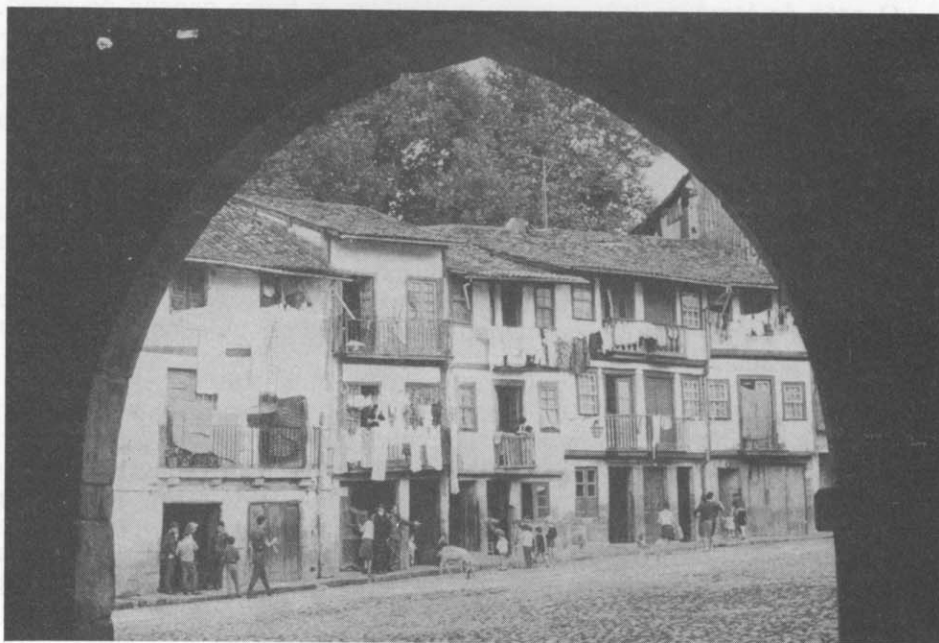
Uma grande mesa de pinho, dois bancos compridos, onde se comia, servindo-se todos duma grande travessa, ao centro, para o prato individual, garfada a garfada, relembando o que ainda agora assistíamos na Síria, entre cristãos, mesmo em classes cultas, onde, repetindo os tempos de Cristo, três a três comem do mesmo prato.

A masseira do pão, o louceiro onde guardava a louça regional de barro, o barreleiro de pedra de lavar a louça, os cântaros e as talhas, tapados com um testro de barro e pequena púcara para a água, o forno de cozer pão, assar cabritos, leitão ou perús, e fazer arroz de linguça em alguidares achatados especiais. No tecto de telha vã, não forrada, por onde sai o fumo quando não há chaminé, dependurados horizontalmente os paus do fumeiro, com os salpicões, linguças de carne e de sangue, os mouros, chouriças, paios e presuntos.

O pote de ferro de três pernas, o alguidar, a típica caneca de vinho, os copos que aqui são canecas pesadas com asa, de barro branco, parecidas no volume e forma com as canecas de cerveja alemãs, com a louça regional de barro, decorada com estilizações da flora e fauna, de singela beleza, e os agressivos garfos de ferro, mas práticos no «pescar» a comida do «presigo», são o complemento dos apetrechos da cozinha.

No quarto de dormir, a cómoda de castanho com um pequeno oratório, com Cristo na cruz e, ao lado, Nossa Senhora e São João Evangelista, ou um Menino Jesus abençoado e com o globo na mão, lavatório de ferro com espelho, bacia, balde e jarro. Emoldurados vários registos de santos, de santuários célebres e de afamadas romarias, nas paredes, e, a arca de castanho, na parte interior do tampo mais registos colados, as roupas de linho, o bragal.

Conforme as regiões, a casa da serra ou do vale, construídas em granito ou xisto, assentes na terra com caboucos ou na fraga, rebocadas ou com a pedra à vista, juntas abertas ou tapadas com argamassa ou pequenas pedras, a casa permanece inalterável, os séculos passam, resistente. Em geral, a sua cobertura é com telha de canudo, evolução da telha romana. Ainda hoje, no interior do Brasil, as telhas são moldadas, com a massa do barro cru, nas coxas dos oleiros. Com certeza era este o processo primitivo que da pré-história, por nós foi levado para o Brasil.



CASAS POPULARES URBANAS



CASAS POPULARES MEDIEVAIS

No Minho, densamente povoado, as casas estão disseminadas, junto às terras que o lavrador, família e auxiliares trabalham:

A célula social de base é a família. Segue-se-lhe a freguesia, entidade administrativa social, e a religiosa. O génio colonial romano soube conservar as instituições e as leis encontradas. O Município Romano, embora autónomo, colabora com o Estado, atravessa a era visigótica, persistindo através do período muçulmano, é transmitido aos actuais concelhos pelos Reinos Cristãos peninsulares.

Aglomerados, com as suas leis orais, acrescentadas às leis do direito legislado, as suas feiras e mercados periódicos, são a base de pequenas repúblicas locais comunais.

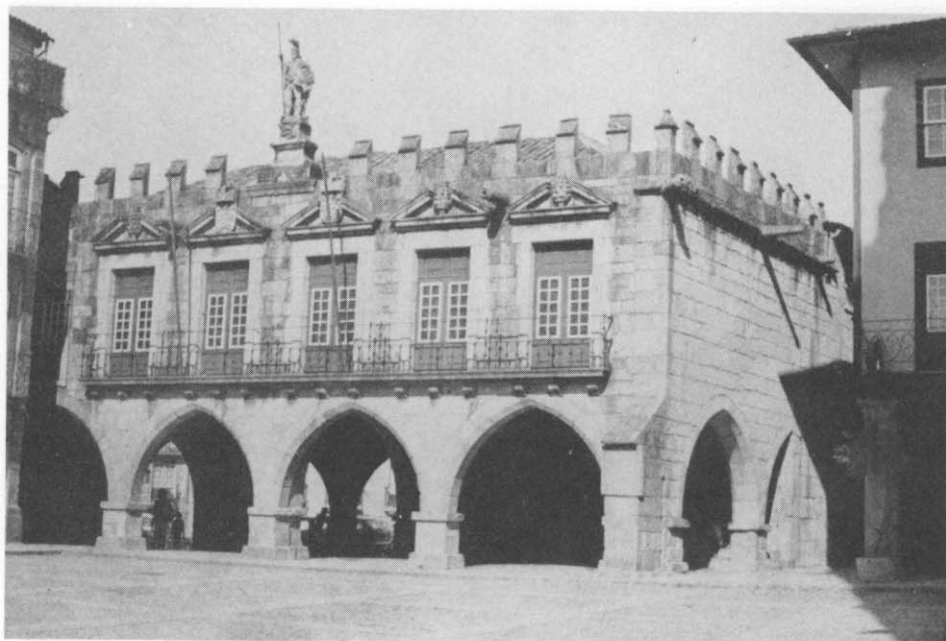
Os mercadores necessitavam de quem fosse a garantia da ordem e da paz. Elegiam os magistrados que aplicavam e disciplinavam as leis, penhor dessa garantia. Os povoados, conservando as instituições municipais romanas, aparecem em plena reconquista aos mouros das terras cristãs e continuam por toda a Idade Média. As associações dos agricultores e mesteres, e os mercados, estabilizados, são verdadeiras «comunas» sem carta, mas com suas leis e costumes, suas assembleias deliberativas e seus magistrados.

A comunidade dos Homens Bons e dos Homens Livres, regula as relações internas e marca a sua oposição a qualquer cobiça dos poderosos. Até ao próprio Rei havia o «não», quando justo.

Todos aceitam o seu juízo e a sua autoridade, para cuja nomeação participaram. Os Reis vão legalizando os costumes com os *Forais*.

No Concelho, a Casa de Audiências e o *Pelourinho*, e a Igreja e o *Cruzeiro* no seu adro, são o centro social, cívico e religioso.

O Padrão e símbolo da liberdade e justiça municipal estava no *Pelourinho*, como no *Cruzeiro* estava o símbolo da Fé.



A CASA MEDIEVAL DA CÂMARA



A PRAÇA MAIOR

Algumas casas rurais tinham a um lado uma pequena *capela*, sinal de nobreza. Pertenciam a terras, onde ao abrigo de uma lei do Rei D. Dinis, os fidalgos que trabalhassem os seus próprios campos não perdiam a nobreza nem os seus privilégios, lei promulgada para defesa das propriedades agrícolas, que estavam a ser abandonadas, por despovoamento, com a partida de nobres e seus homens de armas para a guerra da reconquista cristã.

Na construção da casa, os muros e os pilares e listéis usados eram de pedra, a cobertura de telha de canudo, travejamentos e soalho de madeira, e rótulas, nos sequeiros, num conjunto onde o contraste de materiais, os pormenores estudados, a simplicidade e o sentir, criavam uma unidade perfeita, na variedade e jogo de volumes. Na montanha porém a construção é monolítica, para defesa das intempéries e dos animais selvagens ferozes. Casas de pedra solta, coberturas de colmo, para as tornar mais quentes, pedras de perpianha, trabalhadas nas duas faces, rectangulares, paralelogramas, em fiadas, com as juntas verticais travadas. Arquitectura franca, rude, resistente, mas expressiva.

A madeira é usada nas traves, nos soalhos, nos caibros, nas portas e nas caixilharias das janelas. Mas a base da casa, principalmente, é sempre de pedra; Os prumos, com função de suporte também o são, na construção serrana. A madeira passa ao exterior da construção nas sacadas



CASAS URBANAS ANTIGAS



RUAS E CASAS POPULARES

das varandas corridas, em pinho ou castanho, com belos recortes artísticos nos seus balaústres. Com um belo efeito é usado na região de Basto, num enquadramento em granito, enchidos com argamassa e xisto, a construção das paredes.

Na região de Aveiro a casa fôï copiada em parte, mas sem qualquer sentido, empobrecida artisticamente no seu conjunto, da casa minhota. Aqui a casa não tem um sentido típico, regional. Usa o xisto e o adobe, blocos de barro secos ao sol, amassados com areia ou palha trilhada.

Uma característica, ainda hoje muito usada, é o dos telhados e beirais terminarem muito salientes, de madeira assentes em caibros de perfis trabalhados, donde saem enormes telhas especiais, os telhões, chegando a atingir um metro e meio fora da parede da fachada, para abrigo preventivo das chuvas no inverno e resguardo das fachadas de madeira e tabique e resguardar do sol no verão, frescura e sombra nos dias quentes. É a característica dominante nas casas urbanas de Guimarães e seu termo.



CASAS RESTAURADAS DE ANTIGOS «PALHEIROS» DE AVEIRO



RUAS MEDIEVAIS E CASAS POPULARES



LARGO E CASAS MEDIEVAIS



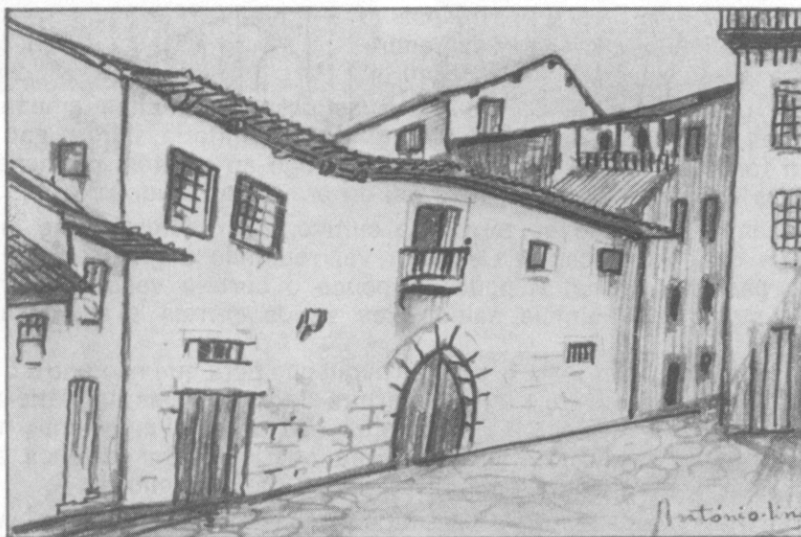
CASAS DA SECA DOS CORTUMES,
INDÚSTRIA MILENÁRIA



OLEIROS — OUTRA OFICINA MILENÁRIA

Resistindo aos séculos, com uma fábrica que através da Idade-Média, herdamos dos Romanos, como já dissemos, as casas típicas de Guimarães, das suas ruas e praças, com sacadas artísticas, de torneados balaústres e obras de talha em madeira, rés-do-chão em granito com a entrada e, nas casas de mesteres, com uma janela mais larga que alta, com um tabuleiro de pedra saliente, que era o balcão (a montra) onde expunham os seus trabalhos, as suas obras.

Com seus andares salientes, um ou dois, raramente três, para dar maior superfície às plantas superiores, pois com as estreitas ruas o rés-do-chão não as poderia ter, *ressaltos* apoiados em cachorros de pedra ou de madeira e vigas, ressaltos que com os telhados salientes eram o abrigo climático das fachadas.



O SERRALHO: LARGO E CASA DA JUDIARIA MEDIEVAL

Os andares, em paredes de madeira de entramado, feitos com vigamentos, traves e caibros, verticais e cruzados, travados por caibros oblíquos, formam um esqueleto, enchendo os vãos com tijolos ou pedras pequenas, à vista, com argamassa, um estuque com o esqueleto medieval de madeira de castanho ou carvalho, argamassa de saibro argiloso e cal. A partir dos fins do século passado uma lei camarária obrigou a cobrir tudo de argamassa de cal e areia, e, pintar ou caiar, bem como suprimir todos os ressaltos, balcões do rés-do-chão das janelas e erguer a fachada verticalmente apuradas, embora com o mesmíssimo tipo de construção, aproveitando os mesmos materiais. No entanto, as caixilharias e as portas das janelas, que antes eram montadas na parte interior das aberturas da parede, que dava à fachada uma aparência de robustez construtiva, uma maior riqueza volumétrica, além duma maior resistência e duração, pois resguardava as madeiras da chuva miudinha, que é a que mais as

deteriora, são agora inseridas na parte exterior da parede da fachada. Felizmente muitas casas de ressaltos ficaram, o ambiente carregado ainda de reminiscências medievais ainda é patente na cidade de Guimarães.

O mal dessas ideias liberais anti-feudais (sic), num país onde nunca existiu o feudalismo, que incompreensivelmente demoliu cruzeiros e pelourinhos, símbolos de poder popular, os balcões dos trabalhadores e as humildes casas populares, empobrecem Braga, pois hoje bastava ter a Rua do Souto como ainda era no século passado: seria uma via maravilhosa, única no Mundo.

Na casa rural ou solar rural, a sua entrada é sempre acolhedora, com a sua escadaria exterior que sobe e liga a varanda corrida de madeira com caibros aprumados segurando o telhado e balaustre trabalhados na casa rural; de pedra com colunas e capiteis no lugar dos caibros e resguardo de pedra com moldura no solar rural. Esta escadaria tem sempre um motivo artístico, mais ou menos enriquecido na forma, no arranque do seu corrimão, de madeira ou pedra. Em casas urbanas ou nos seus solares essa escadaria nasce no átrio interior com as mesmas expressões.

Nas altas terras de Barroso as suas casas com altas empenas de granito, as coberturas de palha, a sua vida comunitária, com o seu forno que é o forno da aldeia, de todos, onde o fogo se mantém permanente... como pira votiva de povos ancestrais, ou ara, cipo, lápide romana...

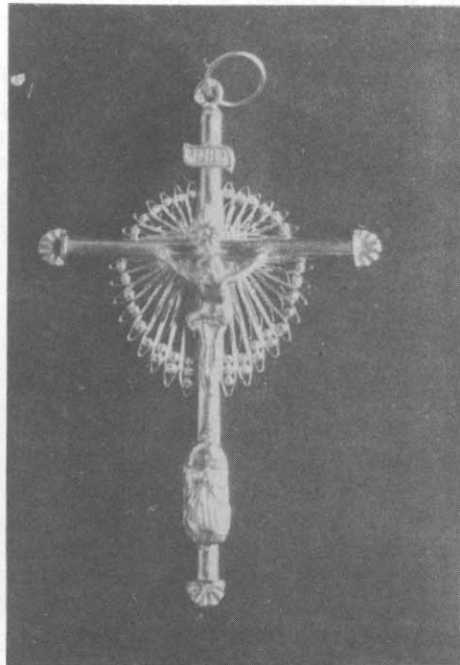
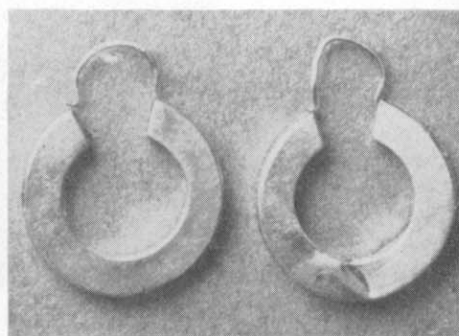
Poucas e pequenas as terras de cultivo, é o pastoreio que lhes dá o leite, o queijo e a carne. O pastor vai reunindo o gado para o levar para os pastos comuns. A pouco e pouco o cortejo vai-se avolumando com a junção dos animais saindo dos vários currais e acompanhando o pastor.

As casas com poucas aberturas e pequenas para que não entre o vento e o frio e não saia o calor que a cobertura de colmo lhes dá. Pátio aberto ou com cobertura. Barroso e Montalegre são um prolongamento natural do Minho para Trás-os-Montes e, embora politicamente pertença a esta província, todas as características vão para aquela província.

Guimarães ocupa o centro da antiga província de Entre-Douro-e-Minho, velha divisão territorial de sólida base geográfica, situada nos vales do Rio Ave e seus afluentes, formada pelos ricos e industriais Concelhos de Fafe, Guimarães, Santo Tirso (Douro!), Vila Nova de Famalicão e Vila do Conde (Douro!). São excluídos, embora o Rio Ave nasça na serra da Cabreira, terras de Barroso, e no início por eles passe, os Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso, mas para equilíbrio, por sua pobreza económica, agrícola, anexando, as terras de Basto — Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Mondim de Basto (Província de Trás-os-Montes!) — Paços de Ferreira, Lousada e Amarante (Província do Douro!). Tão ligada a Guimarães por S. Gonçalo, nascido em suas terras.

Seria uma divisão administrativa lógica, da província minhota dividida pelos vales dos seus rios, classificação que a história do Mundo é exemplo, como as civilizações do Tigre, do Eufrates, do Nilo e do Ganges.

O vale do Rio Lima, formaria o Alto Minho com os Concelhos do actual distrito de Viana do Castelo. O Baixo Minho no vale do Rio Cávado com os Concelhos de Braga, Vieira do Minho, Montalegre (Trás-os-Montes!) Póvoa do Varzim (Douro). Assim teriam todas as características próprias esta divisão em Alto Minho, Baixo Minho e Entre-Douro-e-Minho.



FILIGRANAS E OUROS POPULARES

O minhoto gosta de usar jóias, ouros típicos seus, regionais. Com uma tradição secular dos grandes lavrantes da prata — e não é necessário lembrar o autor da célebre custódia de Belém e autor dos autos de El-Rei, Mestre Gil Vicente — as suas filigranas atravessaram fronteiras.

Mas as jóias, o ouro, no minhoto não tinha um fim meramente decorativo. Ele era uma reserva de que serviam nos anos maus das colheitas ou nos casos de doença, em tempos de «*vacas magras*».

Mas nos anos de «*vacas gordas*» comprava-se o ouro, as argolas, os brincos-à-princesa, os grossos cordões muito trabalhados e de variegados entrançados, as libras e meias-libras encastoadas com uma moldura, que lembra fina renda de bilros ou esplendor de Santo, os relógios de bolso e suas respectivas correntes de elos entrançados e berloques cinzelados, os anéis de noivado e casamento, em algumas regiões eram-lhe soldados um pequenino coração por cada filho que nascia e os ricos corações e crucifixos de filigrana.

Como testemunho e registo do noivado, a noiva bordava meticulosa-mente a ponto de cruz um *lencinho* de linho com nomes e dizeres próprios e o noivo oferecia-lhe a célebre *cantarinha*, vinda da lonjura dos tempos.

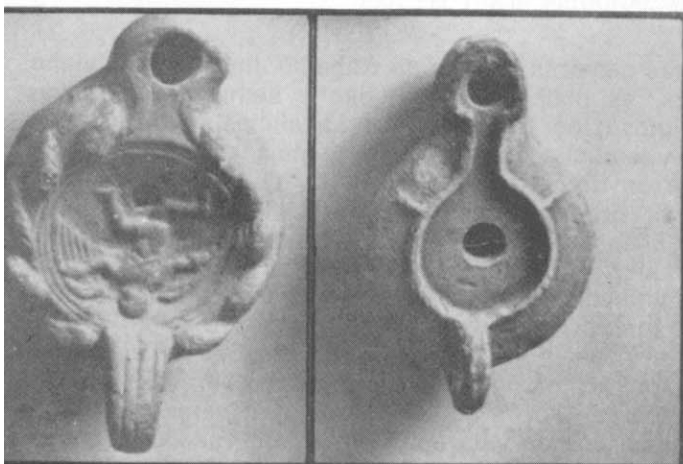
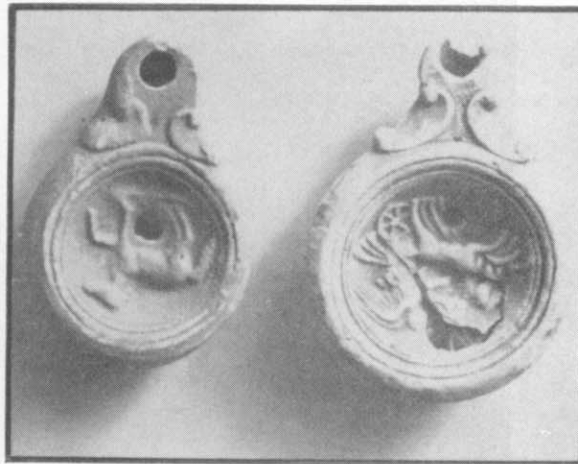
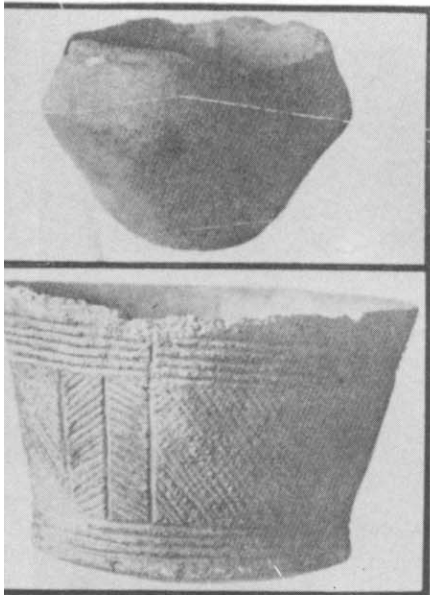
As velhas vestimentas tradicionais vão desaparecendo a pouco e pouco e são hoje quase que peças de museu. No entanto ainda prevalecem as camisas de linho dos lavradores, fina e ricamente bordados com pontos típicos da região, cheios e vazados, a branco, com o nome, horizontalmente, escrito com letras manuais maiúsculas, a vermelho ou a preto.

Branco, azul, vermelho e preto, são bordados os «*coletes de rabo*» das lavadeiras; a jaqueta de pele e pele natural de bezerra ou de veludo ou seda lavrada, os socos de pau ou tamancos de pele, a saia de seda de pregas, rodada, com barra de veludo e vidrilhos pretos e o respectivo avental de veludo preto, decorado com contas de vidro da mesma cor, formando um ramificado desenho floreal, as chinelas de setim bordadas e coloridas, as algibeiras bordadas a cores, os lenços da cabeça ou os xailes, de lã, vermelhos, com ramagens verdes e amarelas, são peças ainda usadas e típicas duma região. Que noutras, como no Alto Minho, predomina o vermelho nas fazendas das vestes. Mesmo a cor base dos lenços de cabeça é um elemento precioso a marcar uma região minhota.

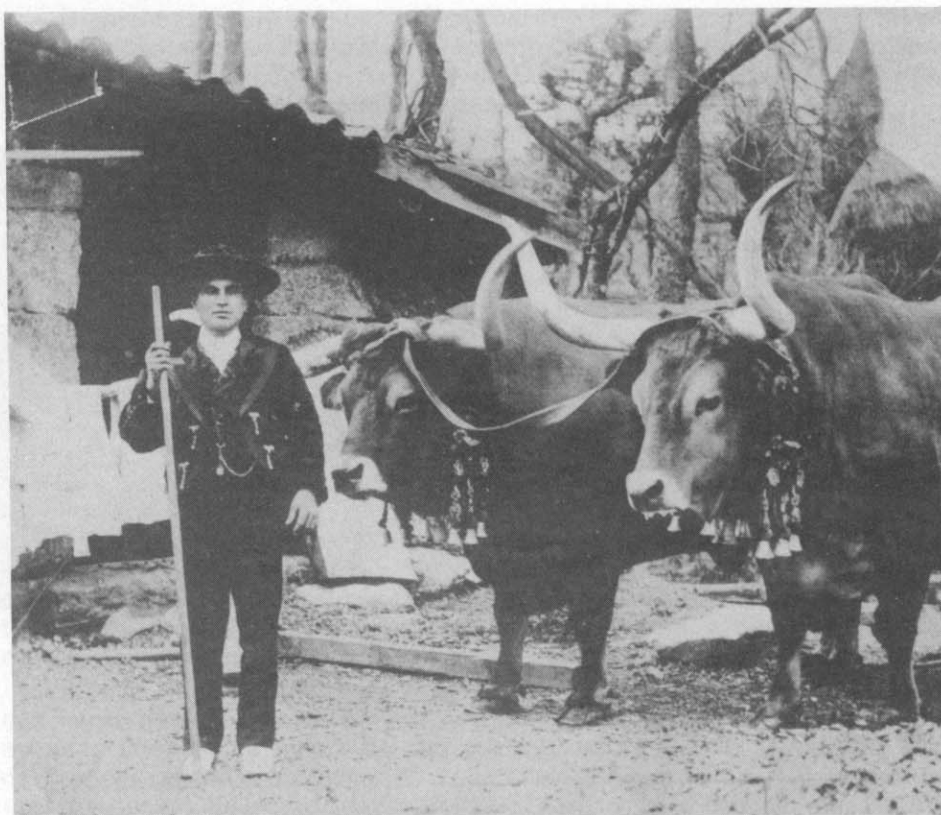
Os instrumentos de trabalho, vários e variados, nas formas e nas ornamentações, são uma constante na vida minhota: a arte popular. Para o trabalho caseiro a espadeladeira e a espadela, decoradas com gravados de goiva ou a fogo, os fusos e as rocas de cana ou de vime de Carvalho, a peneira e o crivo, todos os aparelhos ligados ao linho desde o fiar até ao tear.

No trabalho do campo, o arado, a grade, o sachinho, o sacho e a sachola, e o alvião (cavadeira, picareta, machado e enchada), o ancinho, o forcado, o engajo e o gadanho, o machado e a machadinha, a foice, a tesoura da poda e a podôa, o mangoal para malhar os cereais, as cardadeiras e as ripeiras e as maceradeiras do linho, as altas escadas para as vindimas das cepas de enforcado, o alambique, as dornas e os pipos, as gamelas, as celhas, as medidas de madeira do grão e as de folha dos líquidos, os cântaros de almude.

Não esquecemos os jugos ou cangas de bois que no seu lugar próprio estudaremos. Para alumiar as candeias.



CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS
E CÂNTARO ACTUAL COM ORNATOS
TRAZIDOS DA PRÉ-HISTÓRIA



HOMEM EM TRAJE REGIONAL E JUNTA DE BOIS BARROSÃOS

Além das suas festas caseiras ligadas ao trabalho, linho, milho, vinho, as segadas, as mondas, as malhadas, as podas e sementeiras, tinham ligadas à sua vida religiosa, os Clamores, as Ladaínhas, evocação das almas, os Passos da «via-crucis», e, em maior escala as Peregrinações a santuários célebres e as Romarias, em geral incluindo feiras de gado e de produtos das terras, promovidas por confrarias de Santos Patronos de nomeada, protectores da riqueza das colheitas e da Saúde dos seus animais e do povo, com arraial de iluminações, que antes da electricidade eram características, iluminadas com tigelinhas de barro cheias de cebo animal e um pavio no meio, as «grisetas» nos festões e papel florido, dentro dos «cópinhos» de papel, fogo preso e do ar, bandas de música, e, com as cerimónias religiosas, uma imponente procissão com ricos andores e famosas imagens. Célebres são os de São Torcato, a maior romaria de Portugal, com carros alegóricos da vida do Santo e, em escadaria, o coro e solo de meninas, cantando louvores ao Santo, e eram até nossos dias, os altos andores, com um esqueleto de madeira coberto de lantejoulas, festões e arcos do chamado «papel de prata» de todas as cores, com as primícias do campo, milho e uvas, da Festa de Santiago, de Santa Marinha



PAR EM TRAJE REGIONAL

da Costa, com os andores de Santiago, Santa Catarina da Serra e São Roque, em Guimarães.

Mas as Festas da Senhora da Agonia, de Viana do Castelo, da Assumpção e de Nossa Senhora das Dores, da Póvoa do Varzim, de São Bento da Porta Aberta, Senhora da Peneda, da Senhora do Alívio e da Abadia, do São João de Braga com a sua famosa «dança do Rei David» e o «Carro dos Pastorinhos», Senhora do Antime de Fafe, Santa Marta da Falperra, Santa Maria da Oliveira de Guimarães, o primeiro Santuário Mariano da Península, São Gonçalo de Amarante, as Festas da Cruz e da Senhora da Franqueira de Barcelos, no alto do monte onde se passa o drama histórico, belíssimo, do Alcaide do Castelo de Faria, São Gualter de Guimarães, Senhora de Porto de Ave, são festas em santuários ainda hoje muito venerados. Às romarias minhotas a Santa Maria poderíamos chamar a Ladaíinha de Nossa Senhora, tantas são as invocações da Mãe de Deus.

LADAINHAS DE MAIO

Pela Ascensão, em Maio, à voz da igreja
Há preces, procissões e ladainhas
Por entre as sementeiras, entre as vinhas
Para que Deus as guarde, e mesmo as veja.

Lá vão, terras além, mal rumoreja
O sol em opa de ouro. As campainhas
Tlitam, chamando o Povo e as avesinhas:
Pois tudo reza, como quer que seja.

É quando o vento é bafo de perfumes;
Quando as rosas ascendem os seus lumes;
Quando, nos ninhos, vão abrindo os ovos...

Na Cruz, entre as searas, nosso Pai
Até parece um lavrador que sai
Ao campo, a deitar conta aos seus renovos !

Pão Nosso, alegre Vinho,
Azeite de Candeia — 1920
António Correia de Oliveira

Não há festa ou romaria sem «festada», nem cantos ao desafio de mal-dizer ou de temática histórica, geográfica ou religiosa. Um a defender os Reis que se dedicaram às armas, outro a Reis que se dedicaram à Paz! um a defender a Terra, outro o Mar; e um defendendo o Antigo Testamento, outro o Novo Testamento.

Meio cultural popular de grande valor etnográfico. A Festada é uma orquestra rural, tendo como instrumentos a rabeca, o pífaro, as violas e os violões, o cavaquinho, que partiu nas caravelas e floresceu nas Ilhas do Havai (Hispaniola) e nos povoados Far-West dos vaqueiros americanos das Terras dos Corte-Reais, o reque-reque e os ferrinhos, as castanholas, acompanhadas ao ritmo da dança dos pares da cana-dos-bonecos, em trajes regionais e castanholas, que com os primeiros colonizadores minhotos renascem na Ilha da Madeira, acompanhando o coro dos cantores e solistas.

Das várias danças, o vira, com ricas variantes nas regiões minhotas e que invadiu outras províncias, a Chula, o Regadinho, a Tirana, o Verde Gaio, o Malhão, São João Traçado, Fandango Minhoto, Corridinho, entre tantas.

Destacamos o Velho e a Vareira Descançada da região de Guimarães porque são únicas e para as compreender, temos de regressar à Idade Média, aos seus cantares de mal-dizer e à Grécia arcaica nos seus ritos de dança sagrada.

No Minho quase que desapareceram as comédias e danças, os autos e os «esterlóquios», as chacotas contra os judeus e os bailados sacramentais, os autos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e Temas do Velho e do Novo Testamento populares, vindos da Idade-Média, que em algumas regiões de Trás-os-Montes ainda se fazem. Até na Procissão de Corpus-Cristi, deixaram de espalhar pelas ruas folhas cheirosas da alfazema, alecrim, limonete e loureiro e, já a imponente imagem de São Jorge, preso ao selim dum autêntico e fogoso cavalo, não se incorpora, seguido de cavalos ricamente azaejados com seus telizes brazonados levados de arreata por criados de libré a rigor.

Este é o Minho tanto quanto possível com a sua imagem inteira, na vida e na casa do seu povo.

Marcada por serras e grandes diferenças térmicas do clima — «nove meses de inverno e três de inferno» — «terra fria» nos altos, «terra quente» nos vales, nos planaltos e vale do Douro terrenos xistosos, com uma economia auto-suficiente, com poucos analfabetos, uma vida simples e mediana, a água procurada em terrenos impermeáveis, com picotas e pequenos poços, é a Província de Trás-os-Montes e Alto-Douro.

Os povos do Marão, vivendo da agricultura, parques e diminutos retalhos de terra entre castanheiros e do pastoreio, onde o gado é guardado e levado aos pastos distantes e pequenos em comum — erguem suas pequenas casas, fechadas, em bloco, com pequenas aberturas. No interior sala comum tosca, a lareira é um rochedo aproveitado no seu sítio. A cobertura de lages de xisto. Muros, socalcos, paredes, com a aparência dum amontoado de calhaus de arestas cortantes — o *xisto* — postigos ou pequenas janelas. Além do xisto — a *lousa* — é característica da construção, em placagens grosseiras nas paredes, ou sobre os rudes cachorros, que ladeiam as janelas, como base de uma caneca partida, cântaro ou bilha da água, desasados, ou lata velha, servindo de vaso, floridos.

Nas casas dos outeiros do planalto destacam-se as varandas e as escadas. No rés-do-chão as lojas e o *estábulo* do burrico e no primeiro andar a habitação. Varandas toscas com *prumos*, em madeira, numa desordem aparente que um ritmo une, dando transparente o calor humano e familiar do sentir transmontano. A varanda é o mundo da casa. Aberta para a sala comum, espaçosa, é o coração vivo da casa, juntamente com a lareira e o *escano*. A varanda é no inverno o abrigo das chuvas e quando há sol, refúgio dos velhos, e no verão a sala comum, onde se recebem as visitas e se tomam as refeições.

Muitas vezes a cobertura com placas de lousa e montada com requintes de decoração, raros, na disposição e na forma. Mesmo nas suas irregularidades as paredes, os muros, o xisto aparece com uma *textura* procurada de acabamento, verdadeiramente artístico. A matéria empregada aparece-nos na sua pureza com uma expressão que não nega o material empregado.

No planalto domina o granito envelhecido, escuro. Casas abrindo para pátios murados, íntimos, com uma larga abertura para entrarem os velhos e pesados carros de bois, para o exterior, com dois grandes batentes de grossas tábuas envelhecidas e cheias de rugas, como a pele da cara de velhas, e, nós dos galhos, pregos antigos de grande cabeça redonda em relevo, enriquecendo-as e enobrecendo-as, lembrando em simplicidade os

ricos portais das catedrais medievais. Num batente, aberta, uma pequena porta, de serviço. Este portal de recolha dos carros de bois, domina toda a fachada da casa e destaca-se dos muros do pátio ou curral.

Estas características construções desaparecem no vale do Douro, substituídas por varandas envidraçadas, as varandas abertas, uso da cal e do rebôco, da telha e chapas de zinco. As casas sofrendo uma influência urbana, descaracterizaram-se, ao usarem materiais importados. Até nas cores empregadas a casa perdeu carácter.

Terrenos acidentados e pedregosos cortados por cursos de água, com grandes manchas de Pinhais, com castanheiros e carvalhos, terra fria com granitos e poucos xistos, nas encostas a vinha, a oliveira e a amendoeira, são características da *Serra da Estrela*, Cova da Beira e as outras terras que formam as terras das *Beiras*, Beira-Alta e Beira-Baixa.

Um meio rural rude, terra pedregosa e pobre, a casa é construída de pedra, coberta de colmo, xisto ou telha, confundindo-se com a paisagem de penedias. Casas de rés-do-chão e primeiro andar, acesso exterior por escada ao primeiro andar, pequenas aberturas, sem chaminés, varandas alpendradas, solheiras, quentes nos dias frios, espaçosas, as casas ligadas ainda por caminhos rústicos, empedrados com lajes, mantida ainda a tradição Romana.

Uma construção típica a desaparecer, o muro e as paredes das casas, construído com pedras roladas do rio com largas juntas de argamassa de barro vermelho e pedras de xisto de topo cravadas no reboco, eram as características e decorativas casas de Paúl, que foi uma das aldeias mais típicas de Portugal!

Noutras casas da região beirã com uma dignidade que se impunha apesar da sua rusticidade usavam o xisto travado por fortes cunhais de pedra. Os interiores são rebocados com argamassa e caiados, caiação que *esborda* para fóra nos rebordos de pedra dos vãos das portas e das janelas, destacando-os com uma branca moldura. Os pavimentos do rés-do-chão são de lajedo, no último piso, geralmente o segundo andar, varanda corrida, com belos recortes nos balaustres, de madeira. Predomínio das paredes sobre os abertos e, uma bancada de pedra corre na parede junto à terra.

Entre os Rios *Mondego* e *Tejo*, com uma paisagem predominantemente horizontal, terrenos calcários permeáveis, terrenos próprios para a cultura do arroz, em parte charneca em parte lezírias, aglomerados habitacionais, lugares compactos, pinhais e terras de cultura, são um comum característico da Estremadura e Ribatejo. A criação de gado bovino, predominando o *gado bravo* para ser lidado nas touradas. O homem que trata do gado, o *campino*, é figura destacada.

A casa, de pedra calcária, usa como materiais de construção a madeira, o colmo, o *adobe*, a taipa, o xisto e o granito conforme a região, a cal, a areia, lajes no pavimento ou, ao alto, nos muros.

Casas térreas, *cúbicas*, na região saloia, a cal dominando, listadas de azul, para «abafar» o pintalgado sujo da terra que as chuvas levantam.

Algumas de dois corpos, com alpendre recuado ao meio, que um mesmo telhado une, cobrindo esse alpendre.

Aglomerados brancos, fechados, concentrados — os montes — como velhas «*villae*» romanos, destacados nas imensas *planícies* secas, pouco relevo orográfico, *ribeiras* raras que não secaram no verão, terras graníticas ou calcárias, pobres e barrentas, ou ricas em alvos *mármore*s, desafiando as melhores mármore italianos de que Carrara é padrão, com um clima quente, terras bravias onde cresce o *azinho*, o sobro e a oliveira, algumas vinhas, e regímen de pastoreio de gado suíno e ovino, são as características do Alentejo.

No «monte», núcleo habitacional e armazéns dos utensílios e produtos da propriedade, na casa predomina a horizontalidade, o rés-do-chão, raramente o primeiro andar, e a «cal» é senhora de qualquer muro ou parede. Com a cal, o tijolo predomina na construção, com a taipa, argamassa de areia, brita, argila e reboco de cal, com imensas sobreposições, pois caiar é trabalho de todos os dias. Quase não é usada a madeira. O barro os pavimentos de grandes *ladrilhos*, quadrados, de tijolo, arcos e «*abobadilhas*», criação construtiva típica da região, espanto de técnica arquitetónica, tijolos unidos de forma especial, por operários especializados de uma criatividade rara, em abóbada quase que horizontal, sem *moldes* («cofragem» termo estrangeiro usado em arquitectura), são características construtivas. Para amparo do peso das abóbadas grandes e salientes *contrafortes* triangulares são acostados às paredes das casas. A *chaminé*, com o seu volume domina o da própria casa.

Voltado ao sul, defendido dos ventos e do calor do Alentejo, com uma muralha montanhosa, terrenos em declive a caminho dum mar sereno, quase que mediterrânico, semeado de figueiras, alfarrobeiras, laranjeiras e tangerineiras, oliveiras e amendoeiras, terminando em hortas e portos de pescadores, era a Província do *Algarve* antes da invasão dos turistas, dos hotéis, dos bares e discotecas, dos aglomerados e marinhas inventados, para enriquecimento do burguês e descaracterização de lugares e de gentes.

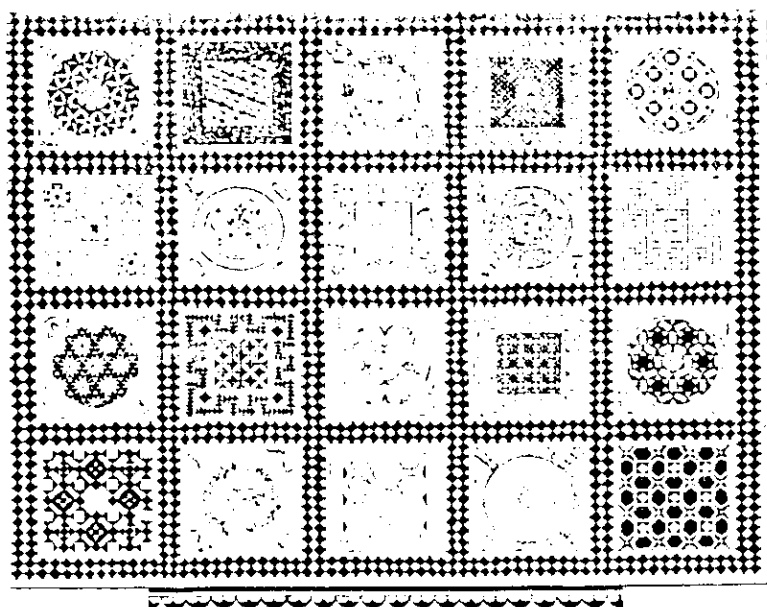
Aparece como característica, agora, a *cobertura* horizontal formando um terraço-varanda, a «*açoteia*». Também são largamente usadas as canas, formando tapetes, nos tectos e na divisão de compartimentos da casa. Quase todas tem pátio murado, anexo, o *pátio* algarvio, ladrilhado com tijolos grandes, quadrados, que também é o pavimento dos interiores, com parreira em ramada, para dar sombra e frescura nos dias quentes, que é um prolongamento, no verão, da casa, como sala de convívio, pátio que caracteriza a construção e um povo alegre.

As *chaminés* algarvias são por demais conhecidas e empregadas por todo o país em casas de imigrantes, com funções das mais ridículas, até como pináculos nos extremos das corrijas. Perfuradas, com motivos geométricos, decorativas, as chaminés algarvias, duma variedade enorme, e, a grelhagem cerâmica de tijoleiras dos muros do pátio ou guardas dos terraços, são o complemento da construção típica do Algarve.

ROMANCE DO LINHO É curioso que quando queremos fazer um estudo de qualquer ramo de artesanaria de Guimarães temos de voltar às origens dos tempos, à pré-história de Portugal. Nesta terra isso é fácil porque esses tempos chegaram até nós projectados nos seus grandes povoados, as citânias de Sabroso e de Briteiros.

PRÉ-HISTÓRIA: — CITÂNIA DE BRIEIRO E a tradição é a história transmitida pelo povo oralmente nos seus cantares do romanceiro, manualmente na sua arte popular, nos seus artefactos, no traje, seus usos e costumes.

Assim acontece com a história do *Linho*. O tear rústico minhoto tem o seu antepassado nos teares da pré-história. Na Citânia de Briteiros



MOSAICO ROMANO

foram encontradas peças que a eles pertenciam. Do tecelão dessa época — o *Lezário* — em barro e em pedra, encontraram-se *patelas* redondas e furadas no meio, as *Fusaiolas*, lisas ou ornamentadas, que aparecem às dúzias, usadas no tear vertical para manterem direitos os fios de linho da trama, ou torcer os fios de linho, como ainda hoje fazem as *Fuseiras*, ou os *Coissoiros*. Pedras roídas serviram para maçar as hastes fibrosas do linho.

No grande vale do Rio Ave, no sopé de Briteiros encontramos a melhor terra de sementeira de regadio, rica para *Linarios* ou *Linares*, para a cultura do linho, desde esses tempos antigos. O *Lino temporario*, e o *Lino serotino*, aparecem em documentos do século X.

O LINHO A fiação, a tecelagem, a estopa, os tomentos ou tormentos, os *lenzários*, a roca e o tear, são já conhecidos das *VILLAE ROMANAS*, em documentos de latim bárbaro, pela época visigótica e árabe até à Rainha D. Teresa e Conde D. Henrique.

No século XVI era tão grande a fama dos linhos portugueses, destacando-se os de Guimarães, que entra em cantares populares, autos de teatro e novelas da literatura espanhola. Já o escritor romano, amigo do imperador Trajano, tão ligado às Caldas das Taipas, diz-nos no século I d.C. — (devia ser em Guimarães) que se faziam as delgadas e finas linhas e de maior alvura que há em todo o Universo. (Usa-se o termo Guimarães em vez de concerteza Villa da Cidade de Briteiros (?) para melhor localização).

O Fio Torçal e o linho de Guimarães tomou tal fama, lenços, mantilhas, sevilhetas, que até de Cambaia (Índia), vinham buscá-lo para fazerem as célebres colchas de Bengala.

Nas inquirições Régias de 1220, só na mais pequena freguesia, das 105 freguesias de Guimarães, se pagava de fóros e sensos tributários, 34 bracaes de linho, de 16 casais, *Linarios*.

Outra freguesia, hoje já dentro da grande Guimarães, S. Martinho de Cadoso, ainda com uma pia baptismal visigótica, pagava 206 varas de pano de bragal, de 19 casais, só no «imposto» de linho.

OFICINA A oficina é a casa. Os obreiros associavam-se na Irmandade com seu Padroeiro e Bandeira, com seus juizes de ofício e Cartas de exame, de aprendizes, oficiais e mestres, e votação no fôro municipal, o regimento de tabelamentos de salários, mão-de-obra e preços das suas mercadorias.

A Casa da Câmara era a Casa do Povo. *O Estado começava aqui.*

Linho, estopa, tomentos... para vestimentas do homem, a toalha para o baptizado e o altar e a mesa da boda e a mortalha para a cova.

A FIADEIRA
A ROCA

Mulher fiadeira,
É com'á galinha *podeira*, (/) poadeira.

Ó minha mãe:
que coisa é casar?
— parir, criar, fiar.

A Senhora da Lapinha, ⁽¹⁾
Anda no monte de roca;
Para acabar — a miada (meada)
Minga-lh'uma maçaroca.

As fiadeiras reuniram-se nas aldeias em serões caseiros
acompanhadas de cantigas próprias para marcar um ritmo
e espalhar o sono, nas longas noites de inverno.

A ROCA A Roca *carrega-se*, enrolando as *Feveras* à *Estriga* ou *Manelo*,
enrolando-a na *Barriga* da roca, atando-as com uma correia.
De seguida vai-se *Rifando*, da estriga uma porção que se liga à *Mainça*
do *Fuso*, que a mão direita faz girar, cirandar enrolando o fio, que a mão
esquerda vai torcendo e adelgaçando. De vez em quando a *Filaça* é hume-
decida com *Escupe* nos beijos, para melhor torcer o fio.

Quem me dera ser o linho,
Que vós na roca fiais;
Quem me dera tantos beijos
Como vós no linho dais.

ORNATOS Nas rocas os ornatos limitam-se a gravados a ferro quente
com os mesmos motivos geométricos da cerâmica pré-his-
tórica. Do mau governo caseiro o elogio da Roca: «é casa sem Rei nem
roca!...», diz, no ditado popular.

(1) Ver adiante, mais cantares.

O FIO O *Fio* passa então a ser colocado no *Sarilho* que faz as
MEADAS Meadas e serviam para medir o linho, o mesmo que mais
DOBADOURA tarde se transforma, aperfeiçoado em *Dobadoura*.

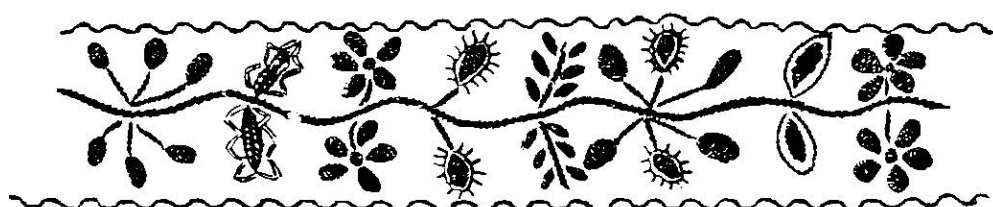
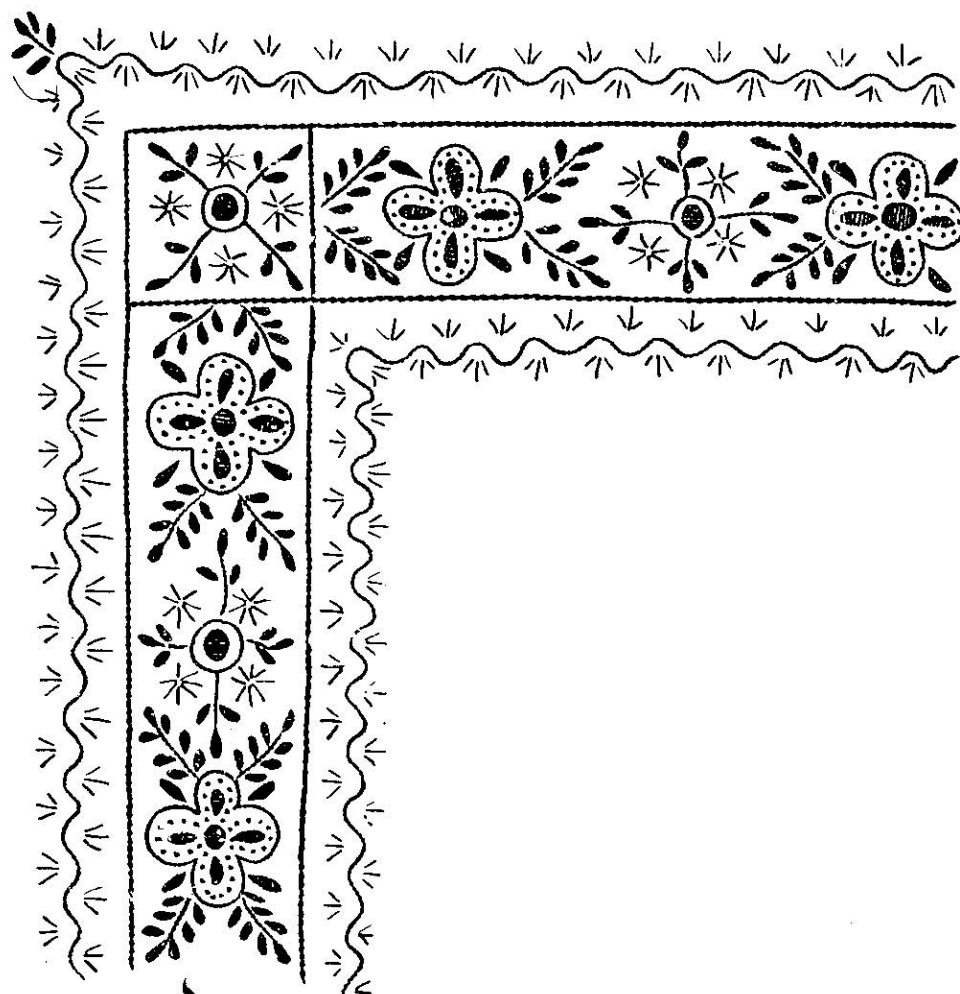
Nos conventos faziam-se lindos estojos cobertos de rendados de linho; PALMITOS floridos, e lindas flores que rodeavam os Santos nas redomas, tudo era realizado com fios de linho.

Dum escrito do século XVI, diz-nos que segundo o parecer do escritor Doutor Duarte Nunes de Leão, a vila de Guimarães é a mesma de que faz menção Plínio, embora com outro nome, que estava situada pouco distante da vila actual, pela riqueza do seu cultivo e fabrico de linho, muito apreciado em Itália pelos romanos e que pelos séculos fora reme-tido às melhores praças do Reino e da Espanha e outras nações da Europa, Ásia e América.

OS BORDADOS DE GUIMARÃES Os bordados de Guimarães são um complemento dos tecidos de linho. Sua vida centenária deslocou-se no século passado para as vizinhas Felgueiras e Lixa: o bordado a crivo e o de ponto de nó.

BORDADOS: Lavrados em *Damasquillo*, *Tremoia*, onde se usavam os
PONTOS pontos de «Olho de Perdiz», «Pelo de Cão», «Mercões», «Canutilho» e «Folhos e Favos», para colchas, toalhas ricas para *Cobertoiro* dos açaфates, que levavam as premicias dos frutos ao Senhorio ou ao Senhor Abade, de desenho à vista e a «ôlho», do tipo tradicional, com levantados a agulha; as toalhas de tear, com barras lavradas, tecidos com labores «Levantados» de ramagens e flores estilizadas, com gregas e molduras denteladas, e, o nome da terra ou do proprietário copiadas em maiúsculas da escrita manual para os baptizados. Mas é nos bordados dos coletes de «Rabichos», das mulheres, e nas camisas típicas dos homens do campo de Guimarães, que a arte se impõe em toda a sua beleza. Alguns peitos destas camisas, pela riqueza de imaginação, trazem-nos à lembrança, além de sempre presente na arte popular vimaranense (tão estranha é a tradição, e, imprevista), PEDRA FORMOSA, encantado padrão que se repete pelos séculos fora com seus ornatos; e um pouco adiante nos tempos, nos tapetes de mosaicos que os romanos espalharam pelo seu vasto Império (lembramos o mosaico da embriaguez de Hércules — em Vienne — França e um dos mosaicos geométricos hoje no Museu de Belém), numa riqueza de imaginação e composição raras, que só se pode tomar como paralelo o entrelaçado em mil soluções do estrelado do azulejo árabe ⁽²⁾.

(2) O peito, quadriculado, com uma variedade de desenhos enchendo os quadrados, a linha branca, e na carcela o nome escrito a azul e vermelho com letras maiúsculas manuscritas.

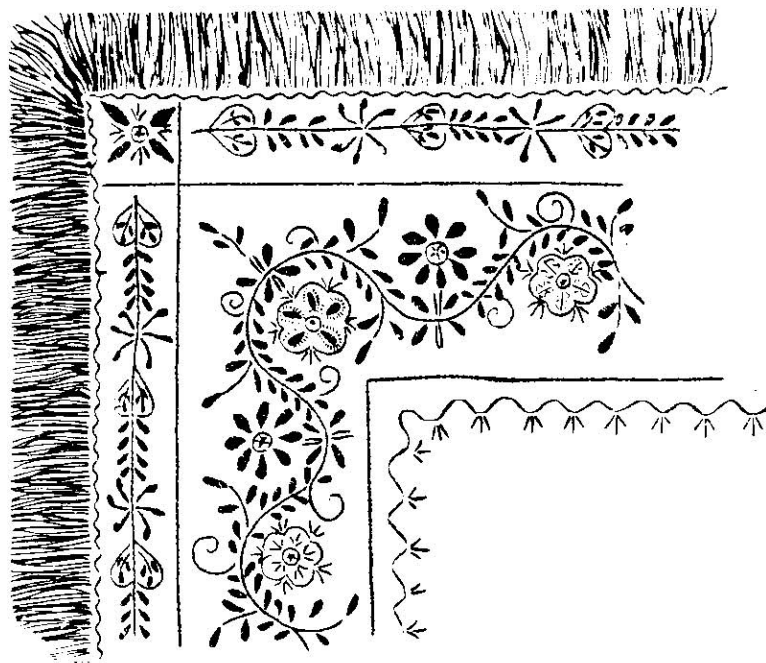


BORDADOS DE GUIMARÃES

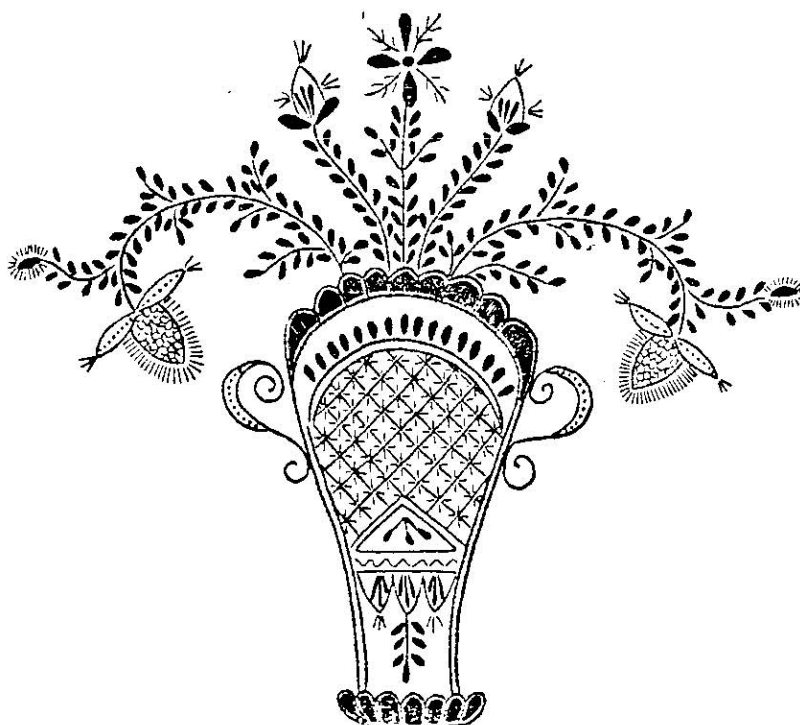
MOTIVOS Motivos inspirados na natureza, nos campos, espigas, lances, flores, gavinhas das vides, resplendores dos santos, cruces, vasos sagrados, o céu, as estrelas, o sol raiado, o *Stilo da Terra*, como o definem as gentes da aldeia, ou como na ourivesaria de uso popular de filigrana (também com raízes na Citânia de Briteiros, indústria que no século passado também se mudou para Gondomar), os corações, as meias luas (argolas), os entaçados, acordados e perlados dos cordões, os quadriculados, as rosáceas, etc., nascem livremente ao sabor das superfícies a bordar.

Cestinhas encanastradas com ramos cheios de pequeninas folhas aos pares a *Cheio*, bordado cobrindo toda a forma, com relevo, flores de cardos e de 4 pétalas, ouriços de castanheiro, flores crucíferas e resplendores raiados de auréolas de santos, espigas de milho, tudo muito estilizado, labrado em simplicidade e pureza como que nascendo no próprio tecido (cestinhos feitos totalmente com o mesmo motivo de flores de 4 pétalas formando um enxadrezado, da Pedra Formosa, e, propositadamente isto, repetimos), lágrimas, gotas, olivas, dentes de serra, a branco, a vermelho ou azul, pontos de *Crivo*, *Aberto*, de *Cruz*, a *Cheio*, *Enchumaço*, *Mercões* (Morções)... lindas rosáceas, gregas de ondas, etc.

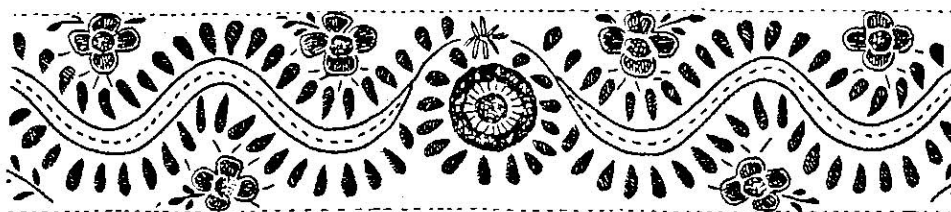
Os bordados da Ilha da Madeira têm a sua origem nos bordados de Guimarães. E nós sabemos que o seu povoamento e a sua colonização, foi feita por gente de Guimarães, mais precisamente da freguesia de Santa Cristina de Longos, perto da Citânia de Briteiros, de cujos vinhos famosos já nos fala o escritor romano, Plínio.



BORDADOS DE GUIMARÃES: os seus vários pontos e motivos a vermelho ou azul, executados por mulheres do campo



Cestinha com desenhos iguais aos da PEDRA FORMOSA



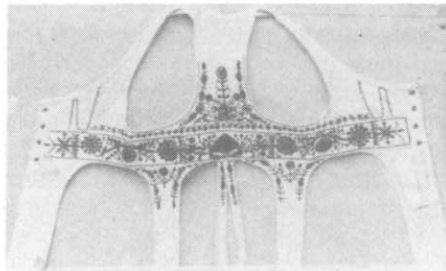
Um pormenor com «ondas»

Diz o ditado que onde há redes há rendas. As espumas das ondas são o modelo e a inspiração da criação da renda. Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Peniche... o confirmam. Mas o bordado é produto do interior. Porque apareceu na Madeira? Com um saudosismo, próprio do isolamento do ilhéu, o colono recorreu ao trabalho em linho dos seus bordados de origem. Em linho eram feitos os bordados antigos da Madeira.

O ponto singelo, dobrado ou em ponto de cadeia ou de crivo, de cordão ou de caseado, a cheio ou abertos, entrançado ou encanastrado, contando ou não os fios do tecido, são pontos de Guimarães. Com a intrusão de ingleses, franceses, alemães e o trabalho de sírios que para a Madeira vieram trabalhar, acompanhados da flora rica da ilha, foram

acrescentados outros pontos ao bordado original e outros motivos florais: ponto oriental, ponto richelieu, etc., com desenhos de novas flores e novo colorido, com o ponto de matiz.

Os motivos dos bordados de Viana do Castelo não diferem dos outros bordados minhotos: corações, flores, cruzes, ramos, a palavra «Amor» muito usada, mas aplicam várias cores em lã e algodão, antigamente em pano de linho caseiro, depois em tecidos finos na roupa interior e blusas, de lã nas saias e aventais.

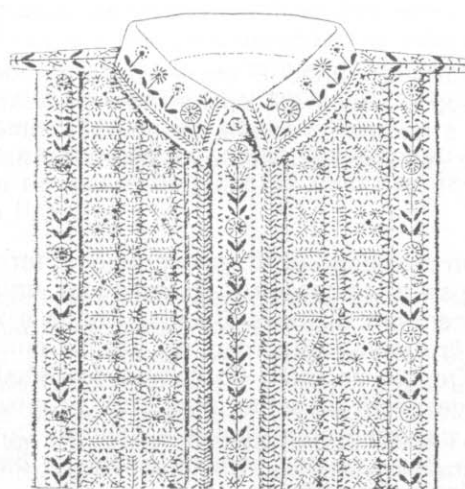


COLETE BORDADO

Há um traje rural minhoto com variantes, na cor, nas várias regiões mas predominando, sempre, o vermelho ou o preto, nos trajes ricos de romaria, de boda, ou domingueiro. O traje minhoto é conhecido por traje de lavradeira e mais ainda por traje de Viana. As cores dos tecidos ou linhas dos bordados das aldeias de Viana do Castelo, de Santa Marta de Portuzelo, de Meadela, da Areosa, Afife, Carreço e Pêrre, vão do vermelho papoula, verde salsa ou verde loureiro, a cor de laranja, o amarelo dos malmequeres bravos, o azul do céu ou de prata do luar, no preto com vidrilhos, a cor de folha seca ou do musgo, da flor do rosmaninho ou da urze, sempre em referência à natureza, integradas nela; as algibeiras têm a forma do coração; os desenhos dos bordados, são silvas onduladas com flores e folhas, estilizadas; camisas bordadas a azul; a cor do vinho, os fios de lã, missangas, vidrilhos, lantejoulas, são os elementos essenciais da decoração.

Uma cor predomina no gosto minhoto: o rosa forte, parolo, rural. Uma cor de importação: a cor de café. Pregueados a formar favos, os «favos», e leves puxamentos de fios, as «moscas» completam o arranjo do traje de Viana, do traje minhoto. Flores e folhas, ondeado com três-folhas dum lado e outro, elementos vegetais em cruz, com sóis e estrelas, o desenho bordado a ponto de morcão, corações ou cabo torçal, o sol de raios em rodízio (a cruz suástica da pré-história). Chaves e setas, passarinhos, amores-perfeitos, malmequeres, três milénios a repetirem-se no simbolismo geometrizado de gravados em pedra, em cerâmica, lavrantes de prata e ouro, filigranas, tecidos, bordados. Foi em 1913 que os bordados de Guimarães passaram para Felgueiras e Lixa.

As toucas e lenços de toucas tinham uma barra vermelha para as moças, azul para casadas e viúvas a aliviar o dó e preto para as viúvas. Com vidrilhos negros, as barras de veludo preto dos aventais e saias, fazendo desenhos, dum gosto e requinte raros.



CAMISA DE HOMEM BORDADA



BORDADOS POPULARES

A VIDA DO LINHO

O LINHO A história do linho é um verdadeiro poema desde que é semeado e nasce até ao caminho do tear rústico, em pano de linho para vestir o homem, a toalha do seu baptismo, a rica toalha da sua Boda e do Altar no seu casamento, a mortalha na sua morte, como já dissemos.

SEMENTEIRA *Antre* Março, Abril, prepara-se a terra e estruma-se e faz-se a sementeira. O sementeiro antes faz o sinal da cruz. No fim da sementeira diz: que Deus te ponha a virtude e me dê a mim saúde! ou, S. Frutuoso, milagroso, te *afruite* em bem, e te cresça pera Deus, Amém. Depois no meio do campo do linhal erguem um *arco* enfeitado de flores de papel e ramos, uma cruz ao alto, um lampadário a meio, erguido entre cantares apropriados e danças. Quando não há arco, erguem num pau um *Ramo*, quase sempre o que foi benzido no Domingo de Ramos (de oliveira e florido).

FLORAÇÃO Passada uma semana nasce o linho que tem de ser muito regado. As ervas malignas têm de ser todas arrancadas. Aparece o campo todo florido de azul, flor que dura apenas do nascer ao pôr-do-sol.

Ó minha linhaça esperta,
Aos três dias és aberta.

ARRANQUE Está já o linho *Marelido* para ser arrancado nos fins de Julho, trabalho comum com a ajuda dos vizinhos. Uma brincadeira acontecia com a arrancada. Moços convidavam as moças a *Talhar a Camisa*, a atirar-se abraçados por cima dos molhos do linho, e às vezes o par era tirado às sortes. Isto faziam na noite de S. João nas orvalhadas, antes da arrancada, as moças para alindamento da sua pele.

RIPAR Agora o linho é *Ripado* em ripeiros, atados no cangalho do carro, onde é ripado o linho com força, para separar as sementes e a casca, do miolo, em fios, ao tom de cantigas a marcar o ritmo.

Ripa Pedro, Ripa Pedro, Ripa Pedro;
o nosso rancho não confessa medo.

Outro trabalho comunal da aldeia, gratuito e lembremos que estamos em fins de Junho (o dia 29 é o Dia de S. Pedro). Pão, nozes e vinho é «serviço volante».

Viva a ripada,
do nosso linho;
Quere comer pão,
e beber vinho.

As mulheres fazem pequenos molhos que entregam aos ripadores. Partidas e brincadeiras servem para amenizar as canseiras dos trabalhos. A alegria minhota preside a todos os trabalhos do campo. Elas, dando nós nos caules do linho dos molhos, dificultando a ripada. Eles metendo sapos, ratos, lagartixas nas algibeiras das mulheres!

No chão ficam as *sementes* ⁽³⁾ e as cascas, que são separadas com o engaço de dentes de pau, e deitadas no eido das galinhas, que debicam os grãos que ainda ficaram.

SEMENTES As sementes, a *Linhaça*, ficam ao sol na eira 3 dias, estralejando, são depois peneiradas.

Em seguida o linho ripado vai para o Rio, águas correntes, os *Aguadouros*, *Enterradouros* (não dizem deitar à água, banhar, mas enterrar o linho), em carros de bois enfeitados e a *Chiar* (ver adiante Jugos ou cangas) e no alto um ramo de oliveira florido, uma *Tocata*, viola, bombo e armónica na frente, com todos os que trabalharam na ripada, até ao ribeiro, onde é «enterrado», pondo-lhe pedras por cima, para não ser levado pela corrente.

AGUADOUROS

Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta;
Eu sou como o rouxinol
Quando bebe, logo canta!

Dez dias depois *Ergue-se* o linho. Agora o carro que transporta o linho só leva a *Chiadeira* das *Cantadouras*. Posto a secar em penedos se os há, sobre os matos, ou em lugares *Soleiros* à *Torreira* do sol e *Arrelentar* ao orvalho da noite, a *Curtir* 9 sois e 9 orvalhos. Por *Comparanças*, o povo chama a uma planta selvagem, parasita, que vive à custa do mato, de fios avermelhados, «linho de raposa» ou «barba de cuco».

CURTIR O que ainda fica do linho é levado pelos «papa-figos» para fazerem os seus ninhos.

MALHAR Com o Mangual é o linho batido na eira, ainda trabalho comum, em ritmo marcado para que *Zupem* certos, postos em duas carreiras uma em frente da outra, alternadamente vão melhorando. De vez em quando, para aliviar o silêncio das bocas fechadas por causa do pó, param, bebem um golo do vinho da caneca de louça decorada de Barcelos e gritam alto o seu *Evoé A'* — á, á, á, á, á, á.

(3) Noutras terras usam o *Ripo* para tirar as sementes do linho antes de ripado.

MAÇAR Com uma *Maça* de madeira era batido o linho que agora se faz no *Engenho*, o *Maçadouro*.

Do *Maçadouro* ficou o belo e célebre coro das maçadeiras, entoado, trabalhando, para cadenciar a canseira do trabalho:

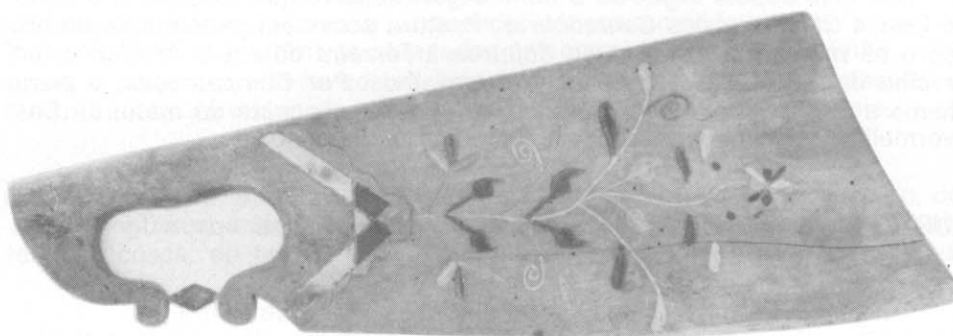
Maçadeiras lá de baixo,
Maçai o meu linho bem;
Não olheis para o Portêlo,
Que a merenda logo vem.

Ai, lá-ré, olaré, lai-lai
Oh, la-ré, olaré, meu bem.

Ainda cantamos no grupo universitário que o Dr. Gonçalo Sampaio organizou no Porto.

Na eira o linho é posto às *Manadas* para distribuir pelas espadadeiras.

ESPADADA A Espadada do Linho é trabalho feito ao serão, em noites de luar, com toques de viola, rabeca e clarinete. Canta-se e dança-se. Em alguns lugares mascaradas e danças grotescas de sabor medieval.



ESPADELAS

Chegam as espadadeiras com a sua *Espadela* e *Espadouros*. Aqui são os moços que se encarregam de dar as manadas. Para animar e ritmar o trabalho as cantigas e começam as galhofas e os mascarados. Nas espadeladas ou espadadas se trocam lembranças entre as moças com raminhos de cheiro e os moços com pequenas e vermelhinhas maçãs. Na primeira espadada saem do linho os tomentos de *Arrebouça* e na segunda os tomentos da *Alimpa*.

RESTELO Passa o linho agora ao *Restelo* e ao *Sedeiro*. Começa a ser
SEDEIRO como que penteado ao contrário, os linhos é que batem no
 pente, fixo, e tomam o nome de *Estopa Restela*, que passa
ao sedeiro saindo a *Estopa sedeira*, e são as três matérias que alimentam
a *Roca* e *Fuseira*, mas três qualidades de linha: a grosseira, a média e a
fina.

SARILHOS Vão aos *Sarilhos* e *Dobaduras*, que são as rodas arcai-
DOBADOURA cas de dobar o fio, feitas maçarocas ou *Meadas*, a se-
MEADAS guir em *Novelos*. Lá diz o romance:
NOVELO

Pela manhã cedo,
Inda mal se via
Lá na minha aldeia
Ai, tudo dormia.

Ai, tudo dormia,
Só eu «ascordada»,
Minha dobadura
Dobava, dobava.

.....

BARRELA As meadas vão agora para a *Barrela*, tantas quantas as
 necessárias.

CORADOURO Depois de cada *barrela* vão a *Corar* ao sol onde são
 batidas, para lhes tirar as asperezas no *Tendal*.

A Senhora da Lapinha,
Tem uma meada d'ouro.
Lavada na Fonte Santa,
Córada no Miradouro!

A Senhora da Lapinha com grande devoção das gentes do campo, todos os anos de há séculos vem em *Ronda*, procissão precedida de bombos e danças a Guimarães trazendo as primícias da terra, milho e uvas, a Santa Maria da Oliveira, Padroeira de Portugal. A Fonte Santa situa-se no lugar onde viveu como ermitão o discípulo que S. Francisco deixou em Guimarães no primeiro convento franciscano, São Gualter (Gualtierio), que deu o nome às afamadas festas da cidade, as Gualterianas. Miradouro ainda é lugar da arcaica freguesia, hoje da cidade, a villa de Creiximir (freguesia de Creixomil).

TEAR Não acaba a vida do linho no tear; transformado em pano grosseiro, fazenda de vestimenta, ou pano fino do bragal ou finíssimo dos lenços de noivado (quase que enchidos de bordados a ponto-de-cruz e a cores, com os motivos populares, corações, chaves, cruces, tudo muito

florido e com palavras ditadas na simplicidade de namorados), conforme a fiada é de tomentos, estopa ou linho.

Ainda a *Barrela* — o *Coradouro* — é por fim *lavado* no Rio ou na poça (tanque).

ADÁGIOS Lume ao pé da estopa o diabo lhe assopra. Curiosa a cena que ainda assisti e que agora foi extinta, na Praça de S. Pedro em Roma, na coroação dum novo Papa, um clérigo transportava uma enorme espécie de roca carregada de estopa a sua «barriga», a que era chegado o fogo por outro clérigo, e isto repetia-se por três vezes, declamando em cântico: Beatíssimo Padre — HIC JACET GLORIA MUNDI! Assim acabam as glórias do Mundo!

A Moça como é criada, a estopa como é fiada.
Bem fiei pois os meus filhos criei.
Cada Terra tem seu uso, cada Roca tem seu fuso.
Fias e teces, o lar enriqueces.
Gente do Minho, neste pano de linho, bebe do enforcado o
vinho e come pão de «passarinho».
Não há casa farta onde a Roca não anda.
Quem ora e fia, ouro cria.
A teia no tear, o gado a cantar, a chaminé a fumar, o cão
a ladrar.

No auto de Gil Vicente, «Quem tem Farellos?» e na «Farsa de Inês Pereira», as moças, contra o conselho dado pelos idosos, nem querem *lavar*, nem *fiar* (que é pior que *lavar*...), nem *tecer*, mas «*ataviarem-se*»...

Eu também sou lavadeira
Lavo no Rio Sabor
Um lencinho de entremeios
Para dar ao meu amor.

A renda do avental
Tem um coração no meio;
Quando estou ao pé das moças
Então é que eu me maneo.

Foste gabarte, garoto,
Que me tinhas dado um cravo;
Não foi cravo, não foi rosa,
Foi um lencinho bordado.

Não foi cravo, não foi rosa,
Foi um lencinho bordado;
Numa ponta tinha a lua
No meio o Sol arraiado.

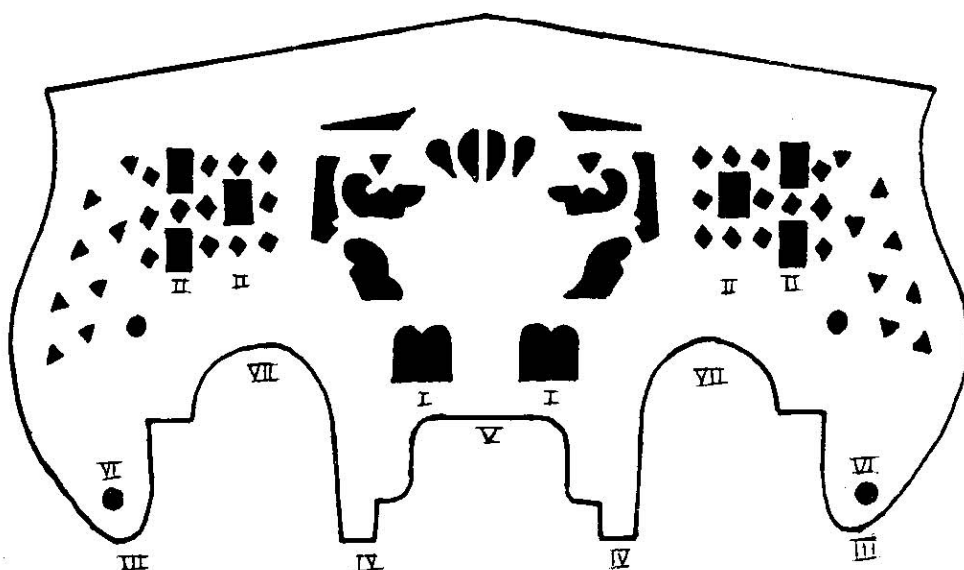
(Na tradição transmontana dos lencinhos de linho fino com bordados de Guimarães).

CARROS DE BOIS

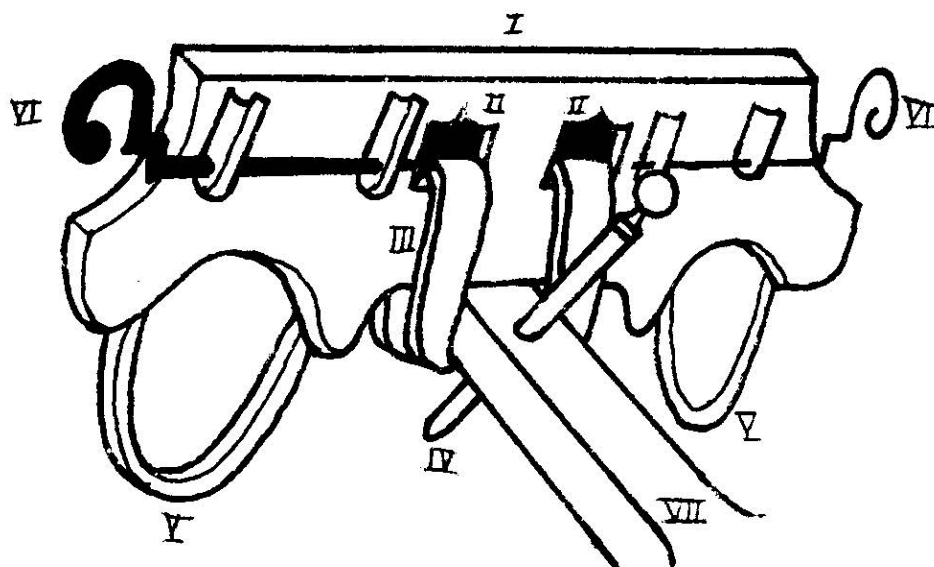
Há grandes diferenças no carro de bois do Minho, Trás-os-Montes, Beiras, até aos Açores. Nas rodas, jugos ou cangas, nas cores usadas, o fecho do espaço superior dos produtos transportados e a maneira como é puxado pelos bois.

As rodas minhotas inteiriças e pesadas com duas aberturas aos lados do vasado quadrado onde encaixa o eixo, tem estas mais largas que as transmontanas e menos que as beirãs. O carro do norte. Pré-romano? Romano? Visigótico?

O minhoto é puxado pelo pescoço dos bois, o dos transmontanos pela cabeça; daí a diferença dos jugos ou cangas e do cabeçalho ou cangalho. No Minho há o jugo grande e o pequeno. O grande, rectangular, com os lados maiores horizontais, ornamentado com um trabalho que



A CANGA OU CANGALHO. JUGO GRANDE MINHOTO: I — FURAS do tamoeiro (a negro). II — FURAS das ensogas (a negro). III — CAMALHÕES laterais. IV — CAMALHÕES do meio. V — DEITADA. VI — PIARÇAS. VII — ARCOS, que assentam no pescoço dos bois. As furas não identificadas têm o papel decorativo.



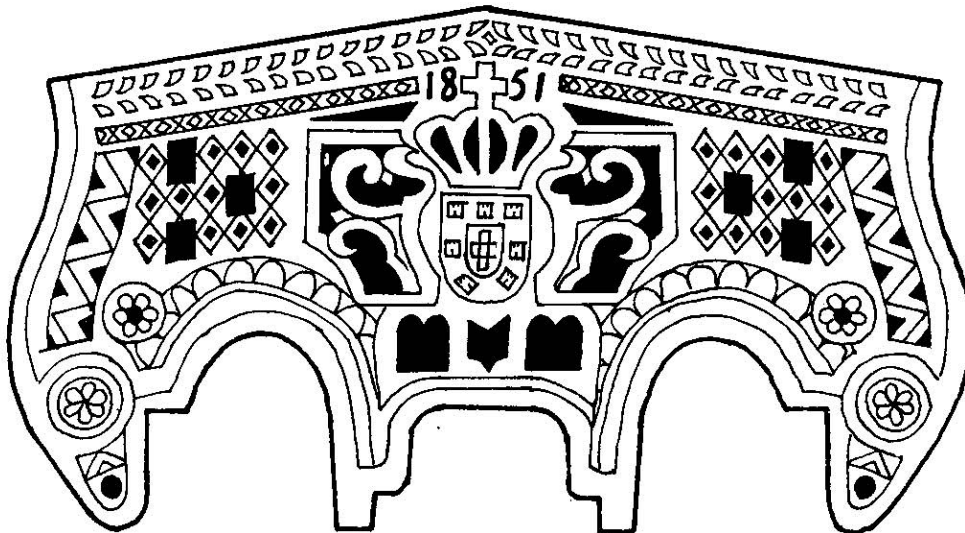
JUGO PEQUENO DE VARANDA MINHOTO. I — VARANDA. II — FURAS do tamoeiro (a negro). III — TAMOEIRO. IV — CHAVELHA de pôr. V — ARCO. VI — PERTIZELAS. VII — CABEÇALHO do carro. Santa Marta de Portuzelo de Viana do Castelo e São Paio de Carvalho de Barcelos, são das poucas terras onde ainda se fazem as lavradas e decorativas cangas e cangalhos, de jugos, no Minho.

podemos chamar as vezes de filigrana em madeira, nos seus gravados, seus vasados e obra de talha, num fundo de desenhos geométricos e elementos vegetais estilizados, numa verdadeira e belíssima renda, que apetece nominá-los de decoração de lusitanos, ou romanos, ou bizantinos, ou visigodos, ou azulejos árabes, tal a riqueza de seus ornatos.

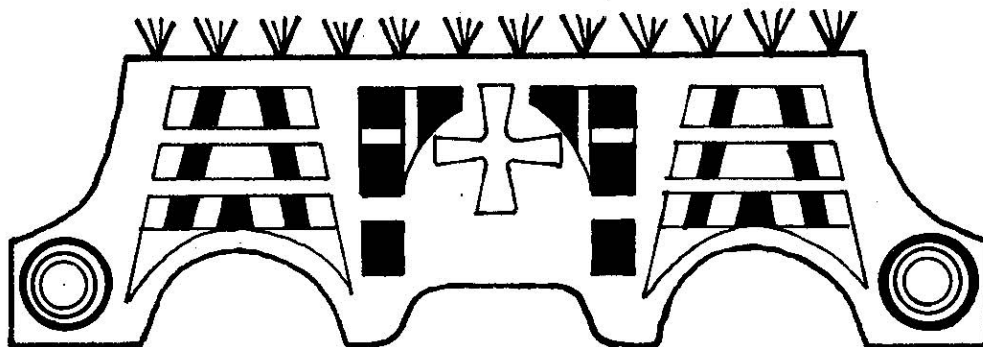
A melhor madeira é a do freixo, mas também se usa a da nogueira e a do choupo. Os desenhos são gravados a palheta, goiva e formão, batidos à mão ou com o martelo de madeira. Este é o *Jugo grande* ou *Canga*; o mais pequeno é o *Gangalho*. O cangalho tem duas variantes: de *Varanda inteira*, com a mesma altura no comprimento (largura) e os de *Meia Varanda* com as partes laterais rebaixadas. A decoração dos cangalhos é mais pobre que a dos jugos ou cangas; nos de varanda ainda há fusos ornamentais mas nos de meia varanda os fusos reduzem-se aos funcionais e quase as *Furas*, reduzida à cruz do meio, a ornamentação, por onde passam as correias de couro que atam o jugo aos bois e ao carro. As *Ensogas*, ensogaduras que prendem o arco ao jugo; e as do Tamoeiro, por cima da parte central do jugo, que ajudavam a prender o carro à canga. As *Piarças*, que ajustavam os 2 *Camalhões* laterais que com os 2 do meio, entre os 2 camalhões laterais e os 2 do meio a canga é um arco. Neles assentam o pescoço dos bois; e entre os 2 camalhões do meio fica a *Deitada* já não em arco mas quase horizontal em curva para baixo.

Os Arcos são de madeira arqueada a fogo que se ajustam ao pescoço dos animais e se prendem com as ensogas de couro, nas furas respectivas dos jugos quase que unindo as suas duas extremidades, mais ajustadas e seguras ainda por meio das *Pertizelas* que amarram as ensogas ao jugo, por detrás, e, ainda directamente a este por um gancho que têm. A canga é ligada ao carro por meio de 2 tiras de couro que passam nas furas do tamoeiro, ligadas por um pequeno pau de boa madeira, decorado com entalhados a *Chavelha de Pôr* atravessando o cabeçalho do carro. Há ainda a *Chavelha de descanso*, maior que a anterior, vara também toda decorada que se apoia no cabeçalho, para repouso dos bois, aliviando-se do peso do carro.

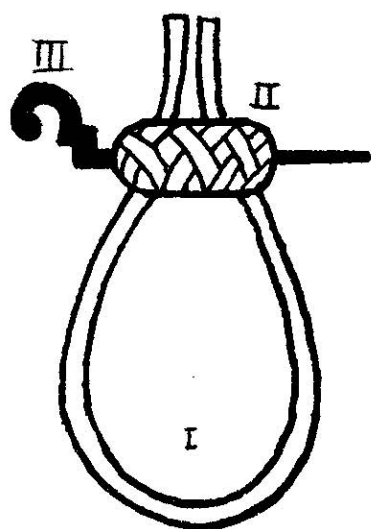
Um tema no ornamento permanece: as *Silvas*, elementos vegetais de ramos de folhagem, e a *Cruz do Meio* em evidência na composição. Na parte superior da canga, horizontal ou ligeiramente curva, algumas vezes tem um friso de crina em tufos, como decoração, nas cangas de *Cabeleira*.



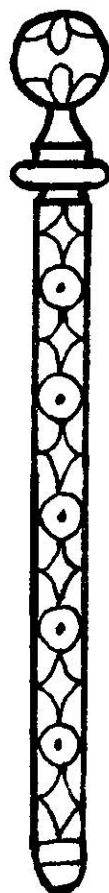
JUGO GRANDE MINHOTO. A negro as furas funcionais e decorativas.



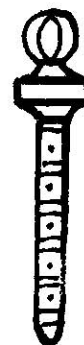
JUGO PEQUENO DE VARANDA E CABELEIRA MINHOTO. Com furas funcionais e decorativas a negro.



O ARCO (I) que rodeia o pescoço dos bois, amarrado com a ENSOGA (II) de couro encanastrado, presa com correias nas respectivas FURAS (abertos dos jugos) das ensogas, atravessada por detrás do jugo por um ferro, a PORTIZELA (III), que prende arco e ensoga ao jugo.

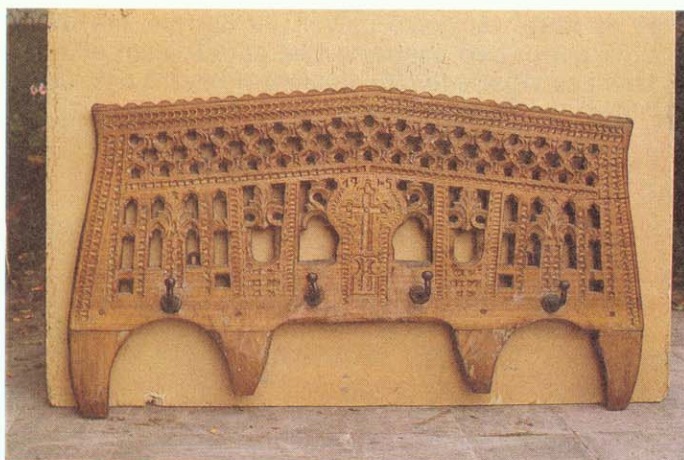


CHAVELHA de descanso, que ampara o extremo do cabeçalho do carro para descanso dos animais, e CHAVELHA de pôr, muito mais pequena, que firma o tamoeiro que prende o jugo ao cabeçalho do carro.



O carro de bois compõe-se do *Chedeiro*, estrado solho ou sobrado com forma mais ou menos quadrangular a parte dianteira a estreitar até ficar uma trave, o *Cabeçalho do carro*, que separa os dois bois, e, no extremo se ata à canga, sobre rodas chelas, maciças, como vimos os *Olhais* mais ou menos abertas conforme as regiões. No carro romano agrícola não havia estas aberturas e que ainda se usa no Marão.

Os carros alentejanos e algarvios de *rodas radiadas* com *toldo cilíndrico* são os descendentes dos carros romanos de transporte de mercadorias e bagagem. O carro minhoto segue a tradição Romana, de tracção

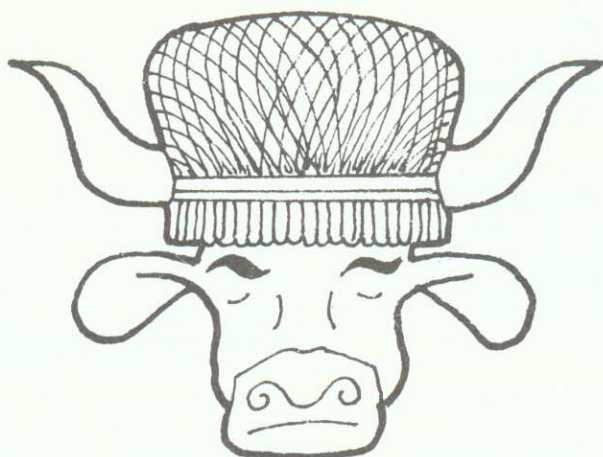


CANGA MINHOTA

pelo pescoço dos bois. A canga da região de Aveiro tem a forma de frontão, é colorida, semelhante ao cangalho de varanda minhota na forma, mas mais rico na decoração.

Molduras trabalhadas, embelezam as cangas, motivos geométricos, rosetas inscritas em círculos, nomes de santos em relevo ou do dono, ao centro a cruz, a custódia com J. H. S. e a hóstia com entalhes, gravados, vasados, torneados, penachos de crinas, flores, rosáceas, escamas, ondas, gavinhas, plumas, corações, signo-salomão, flores, jarras, pinturas, e, ao centro, a *Cruz*.

Em Trás-os-Montes e Beiras, já vimos que a tracção dos carros se faz pela cabeça dos bois. Para sua protecção é usada a *Molhelha*, que *coleiras* ao pescoço, alegam as caminhadas com a sua música, usadas também no Minho em dias de festa.



A MOLHELHA. Usada na cabeça dos bois em Trás-os-Montes, com almofada e franjas.

Os carros do norte têm eixo móvel (no Sorraia, em Coruche, já desapareceram estes carros) ao contrário dos do sul, com eixo fixo. No norte, nos eixos 2 cavilhas *Apertadeiras* regulam o aperto das *Cantadeiras*, para cantar, os *Chiões*:

CANGONHAS DO CAMPO

... ..

E, lá em cima na palma da mão da Montanha
A Igreja no círculo arquitectónico dos Passos.
Painéis, quadros imagens,
A religiosidade no sossego do Sol,
Tudo puro, como o Aleijadinho!

... ..

Um carro de bois canta como um órgão !

do poeta brasileiro

Com tristeza e saudade lembramos o encantamento que era ouvir na nossa juventude ao fim da tarde o cantar dos carros ... Esse cantar saía mais afinado esfregando no eixo limões: meio limão no eixo do carro, que é de carvalho, faz chiar o *Perro* as chiadeiras, as cantadouras

Eixo de salgueiro,
Cantadoiro de giesta,
Todo o caminho é festa !

complexos de «progresso» levaram as autoridades a proibir a chiadeira. Agora não era com limão que se untavam os eixos, mas com sabão, para os calar, com a tristeza dos homens do campo e das gentes sensíveis!...

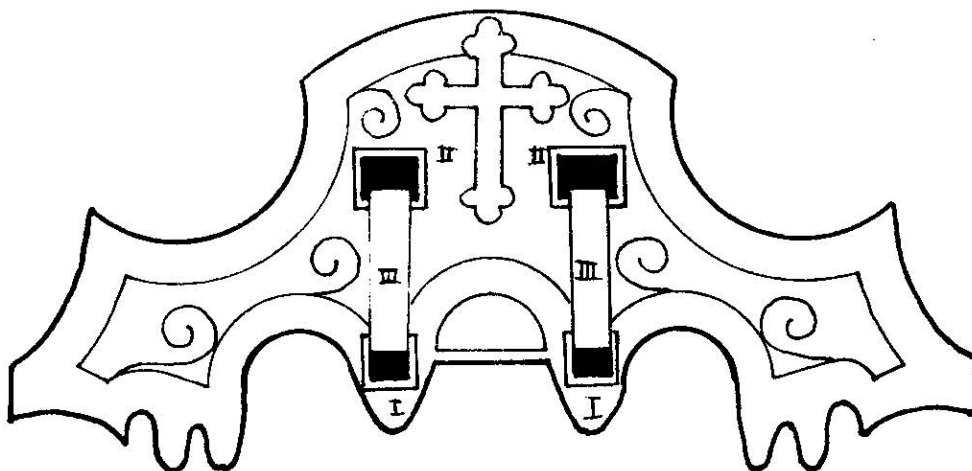
Quem quiser que o carro cante
Molha-lhe o eixo no Rio.
Depois do eixo molhado,
Canta como um assobio.

Se queres que o carro cante
Companheiro meu vecinho
Bota-lhe o eixo de freixo,
E as treitoras (chiadeiras)
de sangrinho.

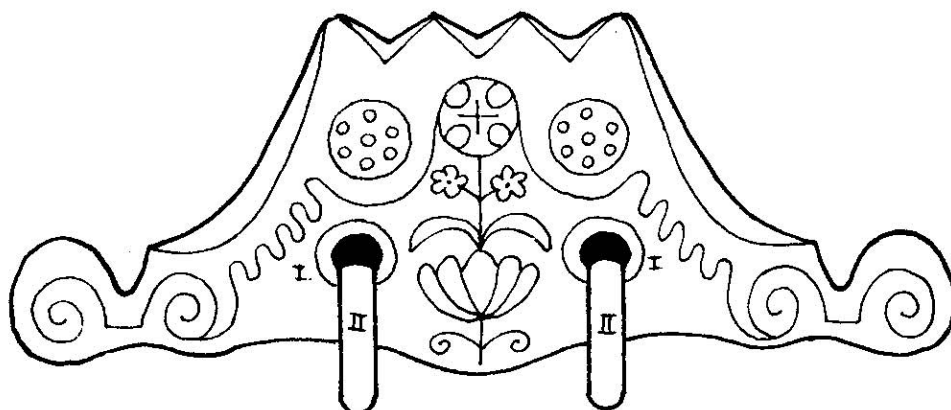
(cantar galaico-minhoto)

O limão para cantar, o azeite para o calar.

Carro que canta, o seu dono avança.



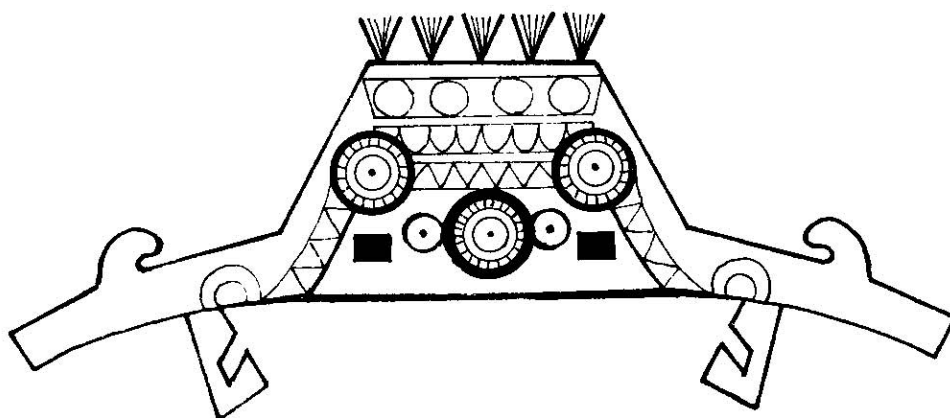
JUGO PEQUENO de meia-Varanda Minhota. Só com 4 fúras funcionais (I) e (II) a negro, para atar as correias de couro (III) ao cabeçalho do carro.



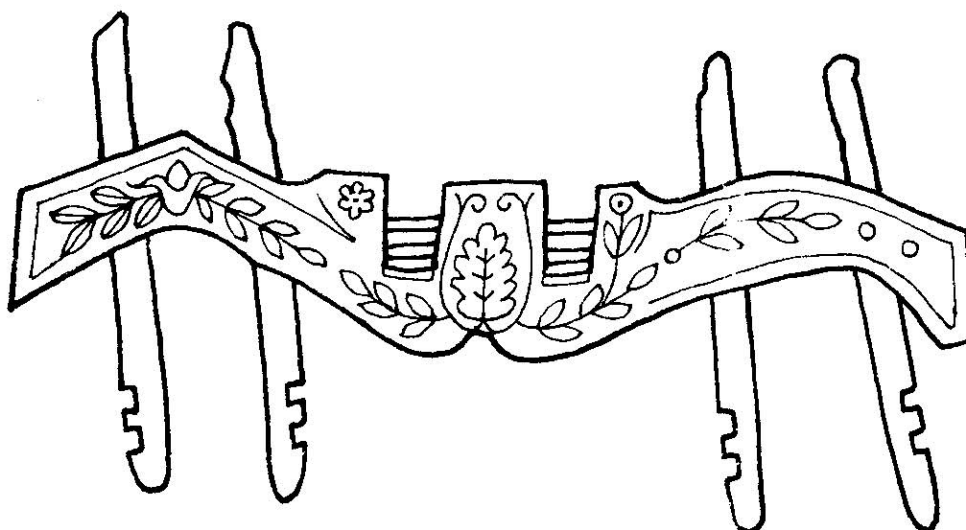
CANGA DA REGIÃO DE OVAR. Gravada e pintada, sem abertos. A negro as fúras (I) por onde passam as correias (II).

Os jugos são mais ou menos coloridos no norte, mas os carros não no são, ao contrário do sul que, assim como os móveis, são pintados com flores azuis ou vermelhas, debreadas a branco. No Minho tudo é côr, alegre, com cores puras, dominando o berrante vermelho. Trás-os-Montes, usa cores acastanhadas, mais sombrias, tristes. No Alentejo domina a monotonia das cores e do tema, sempre o mesmo em tudo, tudo igual, como a planície... um ar de parado...

Assim a escolha das cores, os cantares, relacionam-se com o modo de vida do Povo; pescadores, montanheiros, gente de campos férteis ou planícies áridas, lavradores ou pastores, etc.



JUGO DE CABELEIRA. Pintado e sem abertos, só com 2 furos funcionais a negro.
(Região de VILA DA FEIRA).



CANGA DA ILHA TERCEIRA, DOS AÇORES. Na sua simplicidade mostra uma
rara beleza na composição do seu conjunto e expressão decorativa e funcional.

O CARRO Enquanto no Minho a carga dos carros de bois é amparada com paus ao alto, os FUEIROS, cravados em aberturas à roda do assoalhado do carro, o CHEDEIRO, e em Trás-os-Montes com *Taipais*, nos AÇORES usam encanastrados de vime, como a feitura dos cestos.

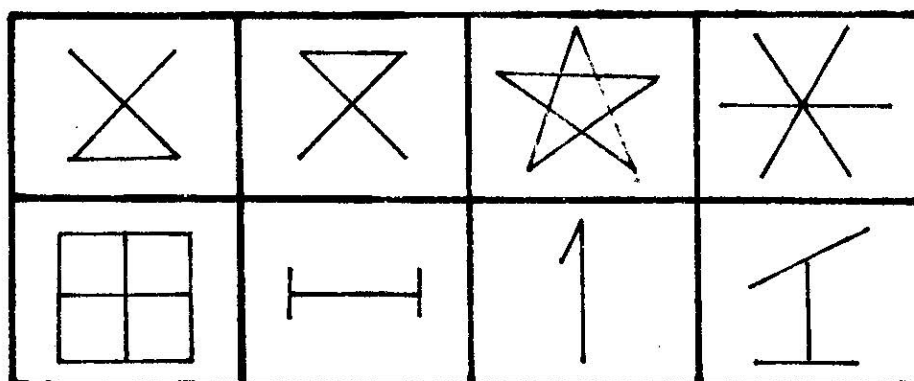
O BARCO A arte popular tem uma das suas expressões mais belas na forma e decoração dos seus *barcos*, seus nomes e legendas, suas siglas, brasões autênticos de família, suas quilhas que lembram os brumosos vikings ou normandos, gregos ou romanos, a lenda de Ulisses a navegar nos nossos mares, tradição com fundo de realidade dos povos cretenses, fenícios, etruscos, romanos e outros, que aqui chegaram, comerciaram e exploraram suas minas de metais — ferro, cobre, estanho — dobrando aquele promontório que mais tarde se chamou de S. Vicente, depois de atravessarem o «Mare Nostrum» dos romanos.

Os romanos aprenderam a arte náutica dos povos que lhes antecederam, aperfeiçoando os seus barcos espalhados pelos mares na romanização das terras conquistadas para o seu império.

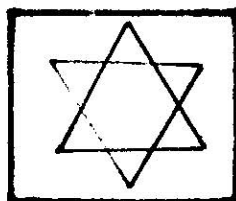
De norte a sul da costa portuguesa há como que uma teoria de barcos, com suas formas, seus nomes. Foram eles a origem do barco português, *A Caravela*, que nos levaram ao mar sem fim e descobrir Mundos novos. *A lancha* poveira, barco de pesca do mar, domina no Minho, que na Beira Litoral são as *Bateiras*, *Murtoseiras*, *Labregas* e *Chinchorros*, *Saveiros* (2) e *Meias-Luas* (1) conforme as terras e os extremos do barco com duas *Proas* iguais (1) ou desiguais (2), as suas quilhas curvas, longas e aduncas. Os *Catraios*, os *Bateis* do Seixal, são lanchas deformadas. Na Costa da Caparica, os *saveiros* e *meia-lua*, com as suas formas ainda mais acentuadas, com um olho estilizado pintado à proa, recordando o olho de Zeus nos barcos gregos e fenícios e o de Maomé nos árabes. No Algarve, a partir de Sines, os *Caiques* e o *Calão* com esporões na proa com uma bola de pele de carneiro com a sua lã, vestígio da cabeça de ariete dos barcos romanos. Que nos barcos dos rios e das rias temos destacado o *Rabelo* do Douro, ainda com a torre de comando dos barcos romanos, de perfil e alçado egípcios. Os barcos de Aveiro e os *Moliceiros* do Vouga, ricos de pinturas e elegância da forma, as *Faluas*, os *Varinos*, os *Caiques*, as *Fragatas*, *Canoas* do alto, *Moletas* do Tejo, conforme os fins a que se destinam, transporte de mercadorias e pesca no rio ou fora da barra.

A decoração dos barcos vai desde a simples cor uniforme, de zonas com duas cores ou listas de várias cores, às cores garridas da ornamentação dos *moliceiros*, *varinos* e *fragatas*, com figuras humanas, às vezes máscaras carnavalescas, animais, formas simbólicas ou geométricas, vege-

tais estilizados ou não com cercaduras várias, flores, festões, rosáceas, cruzes, corações, estrelas, o sol, a lua, a estrela formada por 2 triângulos (signo saimão), círculos, encordoados e encanastrados, em que as legendas são parte importante da composição.



SIGLAS POVEIRAS: Cálice aberto, Cálice emborcado, Sinselimão e Estrela. Quartos, meio Sarilho, meio Arpão e Mastro-de-verga.



Signo de Salomão: o verdadeiro Signo de Salomão, Saimão, Sinselimão, é formado por 2 triângulos que se entrelaçam, em estrela de 6 pontas. Com 5 pontas, o Pentagrama, toma várias significações, desde o Pentalfa pitagórico aos Celtas, e na Idade-Média como Selo de Salomão, Cruz diabólica. A estrela de 5.pontas é o Sinal da divindade, dos 5 Livros mosaicos, Símbolo da segurança e longevidade, e, em Nossa Senhora, coroa as estrelas usadas na sua auréola.

Póvoa do Varzim, Espinho, Nazaré, Caparica... Bateiras do Mar, em crescente, decoradas ricamente como a Meia-Lua com sua proa mais alta e elegante, com faixas largas e lisas alternadas no colorido a todo o comprimento do costado, as cores de identificação da *companha* a que pertencem, baptizados com o nome dum *santo*, o padroeiro na faixa central e, entre decorações florais e ondas de cores alternadas e símbolos cristãos, nos painéis de ré, com figuras emblemáticas à proa, a pintura de Cristo Crucificado, de Nossa Senhora ou de São Pedro. Mais flores, estrelas de 6 pontas, tiaras papais (de S. Pedro), chaves, e, no remate da proa, a cruz latina com pedestal e ramo florido aos pés, com uma estrela de 6 pontas de cada lado. A decoração vai decrescendo desde o Meia-Lua, bateira, moliceiro até à *Neta* e *Netinha* da Nazaré, com facha, círculos, marcação e nome. O varino e a fragata, barcos de carga do Tejo, muito semelhantes, são belamente decoradas e coloridos. Os saveiros da Caparica e da Fonte da Telha seguem o modelo da Meia-Lua, com o calão de Monte Gordo, ainda usam na proa o olho pintado, estilizado, dos barcos gregos e fenícios ou árabes.



+ ∞ {Sr. Naprisão} *

☐ ★ {São Pedro} ☐

x[▽]x + {Fra. das Dores} ‡

⊥ * {Bamos cum Deos} x

∞ ‡ {N.ª. da Assunção} +

BARCOS POVEIROS: Barco com a Marca familiar, o nome dum Santo como nome da embarcação, Siglas e Símbolos decorativos.
Algumas invocações de barcos poveiros.

Decoração de alguns moliceiros:

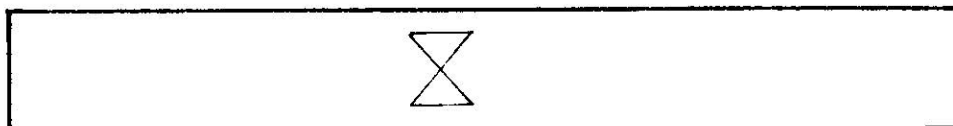
- Cavaleiro e Dama antiga: *Bamos lá com Deus.*
- Um par de namorados: *Bão indo que eu cá bou.*
- Um casal: *Está quieto amôr — Os dois namurados da moda.*
- Um casal peixeiros com canastras: *Já vendestes roza.*
- Num rabelo, grupo a tocar e bailar: *Barco Ti Zé moleiro.*

Nos barcos minhotos o motivo é sempre religioso, no senso da arte cristã que é essencialmente simbólica.

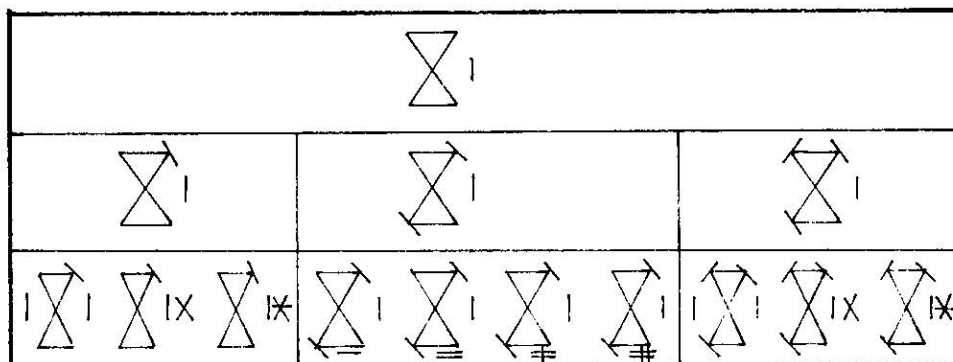
A pintura dum barco moliceiro de Ilhavo, o painel representava D. Pedro V, sob docel heráldico e Coroa Real. Outro num quadrado emoldurado, metade com o escudo nacional com coroa real, ladeado de ramos de louro que se cruzam por baixo e a outra metade debaixo dum arco ornamentado, um homem a deitar um foguete e, por baixo deste quadrado a legenda: «CÁ BAI O PORTUGAL BELHO», *Póvoa do Varzim*, decoração típica: as *divisas* — peixes, cornetas, *sanselimões*, sinos — saimão, signo-salomão, *Simselimão*, sarilhos, óculos, *panais* de pano, panejamentos, aves, escadas (Velho Testamento — o sonho de Job) *Albarradas* (*), vaso com duas asas para flores, lança, esponja, torquez e coroa de espinhos (da Paixão de Cristo), pintados à proa e à ré. No centro o *Nome*.

HERÁLDICA: LINHA DE DESCENDÊNCIA FAMILIAR DO PESCADOR POVEIRO

Simbolismo e heráldica. Antes os barcos não eram pintados como agora mas *Crenados* com crenas de 3 cores: a cor natural da resina, branco amarelado, lacas (vermelho) e breu (preto). Fundo branco com molduras a preto, fundo vermelho e desenhos, letras e barras pretas.



CHEFE DE FAMÍLIA: 1.ª geração.



PRIMEIRO FILHO: 2.ª geração. 3 Netos: 3.ª geração. 3 Bisnetos do 1.º Neto, 4 do 2.º Neto e 3 do 3.º Neto: 4.ª geração.

(*) Ver motivo do mosaico romano para o dicionário.

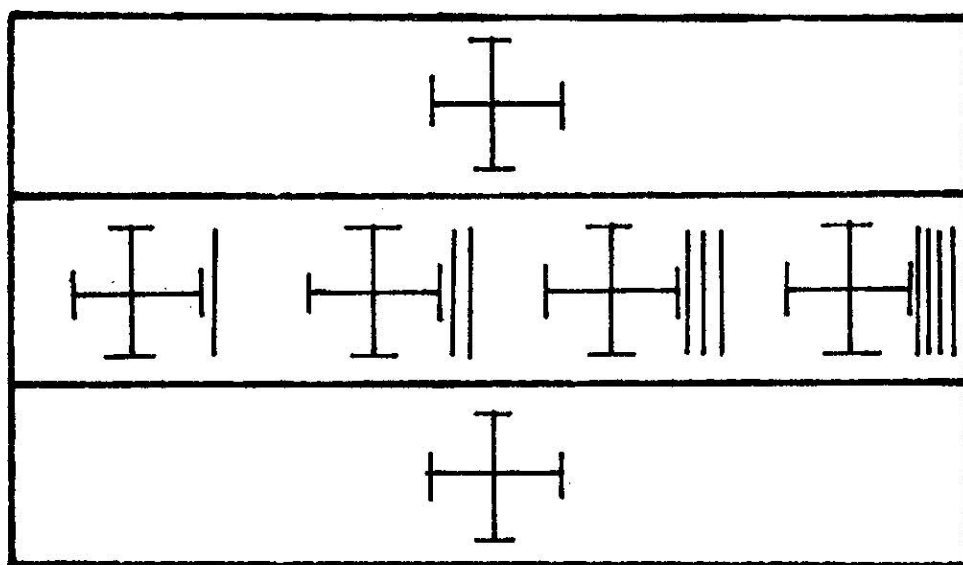
		
		
 		 +  *  # 

SEGUNDO FILHO: 2.^a geração. 2 Netos: 3.^a geração. 2 Bisnetos do 1.^o Neto e 4 do 2.^o Neto: 4.^a geração.

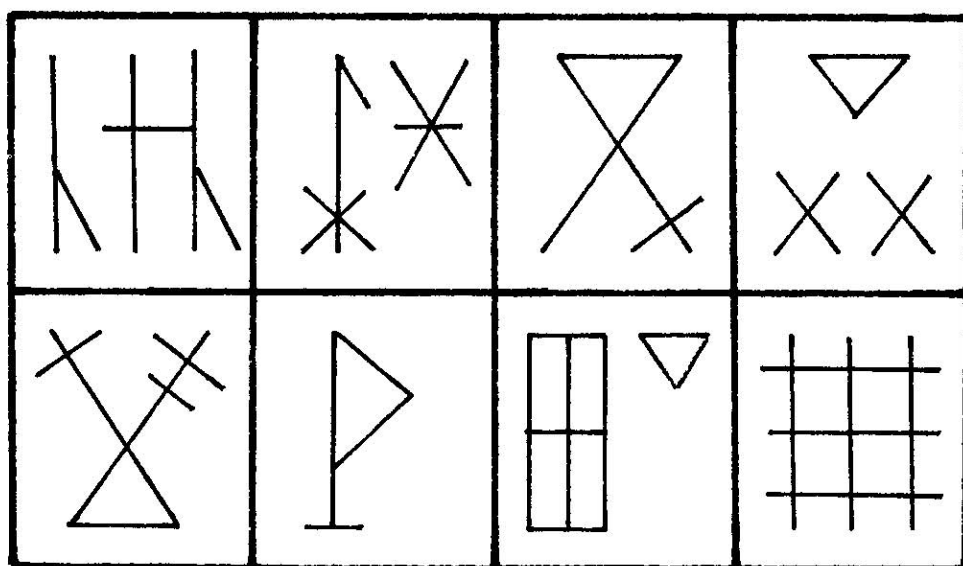
	
	
  *  # 	   

TERCEIRO FILHO: 2.^a geração, que é o herdeiro da Marca por ser o filho mais novo. 2 Netos: 3.^a geração. 4 Bisnetos do 1.^o Neto e 4 do 2.^o Neto: 4.^a geração.

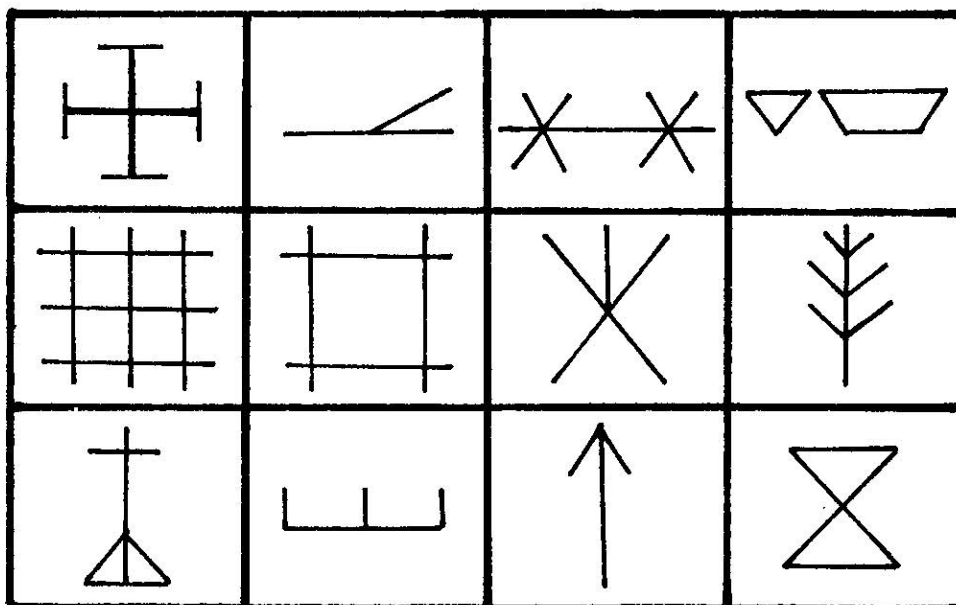
Uma muito antiga heráldica plebeia. Todos os barcos poveiros são marcados com os símbolos familiares dos seus antepassados. Até nas suas grossas camisolas de lã branca, são assinalados em bordado a ponto-de-cruz de linha vermelha e azul ou preta esses símbolos: do lado esquerdo o paterno, do direito o materno. Cada família tem o seu «brazão» com regras heráldicas precisas. O Chefe da Família usa a marca inteira, os filhos acrescentam-lhe 1, 2, 3... *Piques*. Mas é o mais novo que toma a marca inteira do Pai e é seu herdeiro. Porém só podem usar o seu «brazão» aqueles que forem pescadores. As *síglas* ou *marcas* identificavam barcos, apetrechos, roupas e até a lousa da sepultura.



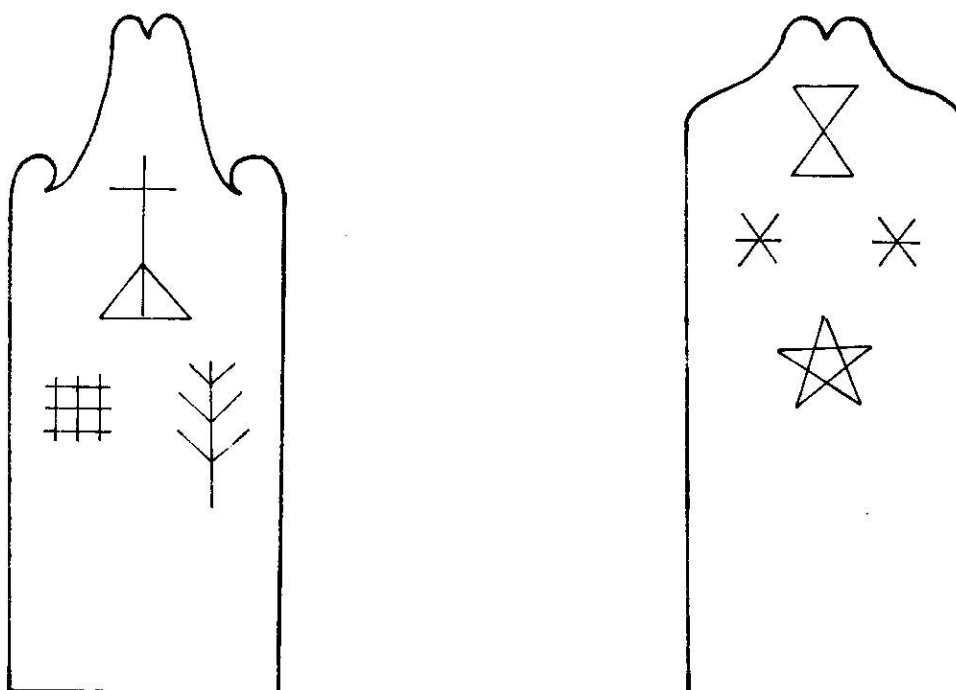
MARCA DE FAMÍLIA POVEIRA: Chefe de Família, com 4 filhos mais velhos e o Filho mais novo, que é o herdeiro da Marca.



MARCAS FAMILIARES.



SIGLAS POVEIRAS: Sarilho, Coice, Calhorda e Lanchinhas (em cima). Grade de 3 piques, Grade de 2 piques, Pé de galinha e Pena (ao meio). Padrão, Pente, Arpão e Cálce (em baixo).



CABECEIRAS TUMULARES POVEIRAS: Siglas, Símbolos e Marcas de Família.

**CRUZEIROS
PELOURINHOS
ALMINHAS
PADRÕES
MILAGRES
REGISTOS**

Nos adros das igrejas, nas praças principais dos concelhos, pelos caminhos ou encruzilhadas dos caminhos (decoração da casa rural e nas igrejas ou salas com santuários populares), erguiam-se os Cruzeiros, os Pelourinhos, os Nichos com santos, as Alminhas ou Oratórios públicos, e os caseiros, Ex-votos, os Registos e os Milagres.

CRUZEIROS Os Cruzeiros de pedra, das simples cruzes às altaneiras colunas finamente esculpidas e lavradas, tendo ao Alto a Cruz com o Crucifixo, ladeado pela Virgem e S. João Evangelista, ilustrando as palavras de Cristo na cruz: eis a tua Mãe, eis o teu Filho, ou a Senhora de ao-pé-da-cruz, a Pietá, e santos de devoção da terra; muitas vezes o Cristo é pintado na cruz de pedra ou de madeira, sob um alpendre, guarita ou oratório de pedra ou de madeira, envidraçado.

Manifestação de Fé popular e manifestação de arte popular do povo que crê em Deus, do povo que trabalha e canta, do povo que sabe amar o Lar e a Terra acima de tudo. São os cruzeiros do Senhor da Boa-Viagem, do Senhor do Bom-Caminho, do Senhor do Amparo, da Guia, ou os comemorativos de feitos em defesa de Deus e da Pátria, como os Padrões da Batalha do Salado e o de D. João I das Batalhas de Aljubarrota e Conquista de Ceuta, agasalhando riquíssimas cruzes, gótica e cheia de figurações aquela, duma finura renascentista com o Crucificado e a Pietá, esta. Destacam-se entre outros o da Senhora da Guia, de Guimarães, Arroios, S. Domingos, Aveiro, a Cruz de Portugal de Silves, o de Bragança e o minhoto de S. Pedro de Arcos. Os cruzeiros com o Crucificado pintado, estão sempre em povoados, encostados e abrigados, nas fachadas de casas, muros das igrejas ou em alpendres com o telhado de quatro águas assentes em colunas de pedra ou prumos de madeira, no cimo, em ferro, um cata-vento geralmente dum anjo, e muitas vezes a cruz envolta num pequeno oratório com vidros que, um lampeão dependurado ilumina, lembrando aos caminhanes o caminho justo dos homens: Deus.

Às vezes os cruzeiros andam ligados com as Alminhas, que adiante se estudarão, de pedra, com um pequeno Nicho na base, com um santo de pedra, ou alminhas no purgatório pintadas ou em relevo. Outras vezes

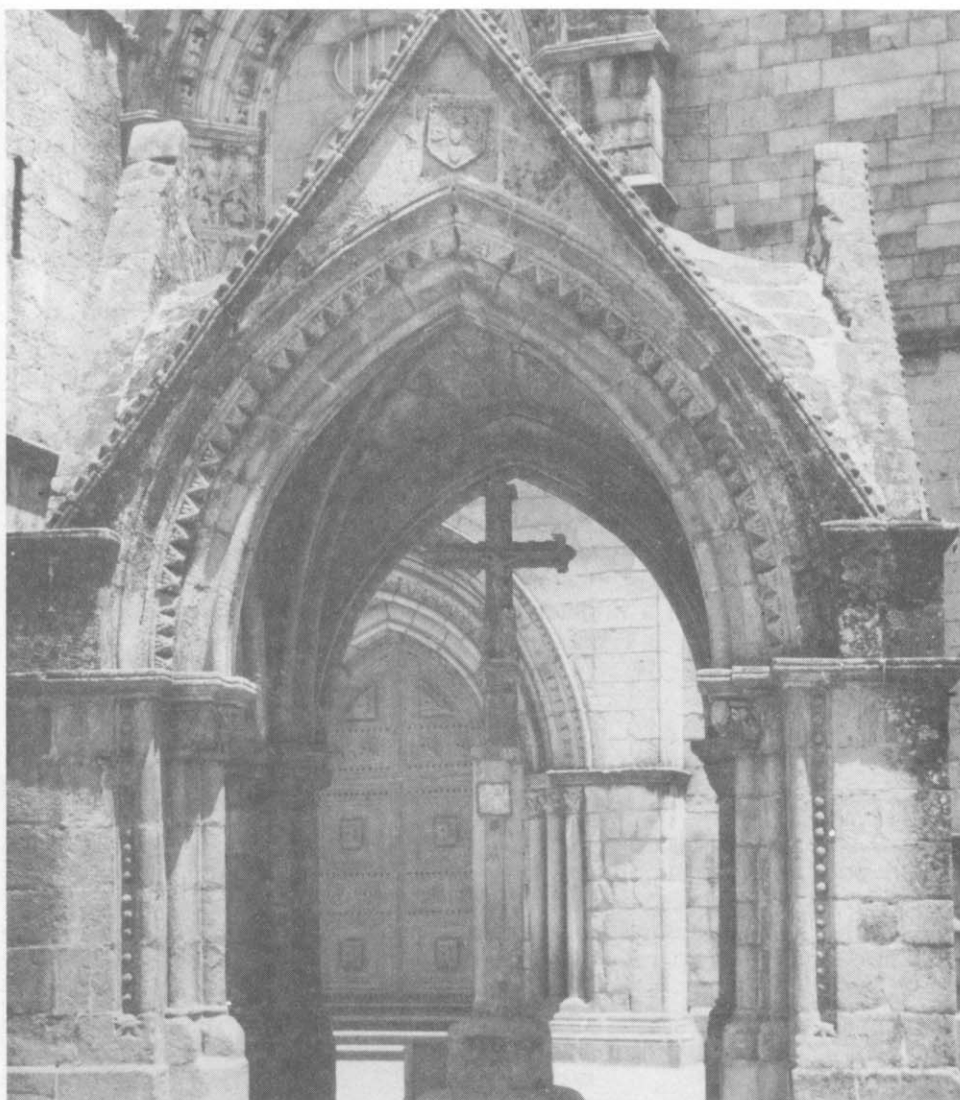
em cima duma base rude de lajes em cima dum cilindro, uma mesa de pedra redonda de trabalho grosseiro, ou utilizando uma mó velha de moínho, erguem, cravada no buraco central, uma cruz de madeira, tendo no seu cruzamento pregada uma grossa tábua em forma de capela, tendo pintados o Crucificado, a Virgem e S. João Evangelista.

Em 1940 ergueram-se os Cruzeiros da Independência, comemorativos, a lembrar ao povo as gestas heróicas da nossa história.

No ambiente contra tudo o que fosse espiritualidade e sentir religioso, de devoção cristã, o liberalismo derrubou muitos cruzeiros, o mesmo acontecendo aos Pelourinhos; a sua presença desapareceu, e a paisagem ficou mais pobre, perdendo a arte mais um padrão de cultura. Este crime iconolasta dos fins do século XIX repete-se no 1.º quartel da primeira metade do século XX. As suas pedras sagradas vão servir de esteios para os alpendres das entradas dos novos senhores, e, até, partidas para



CRUZEIRO DA SENHORA DA GUIA — GUIMARÃES

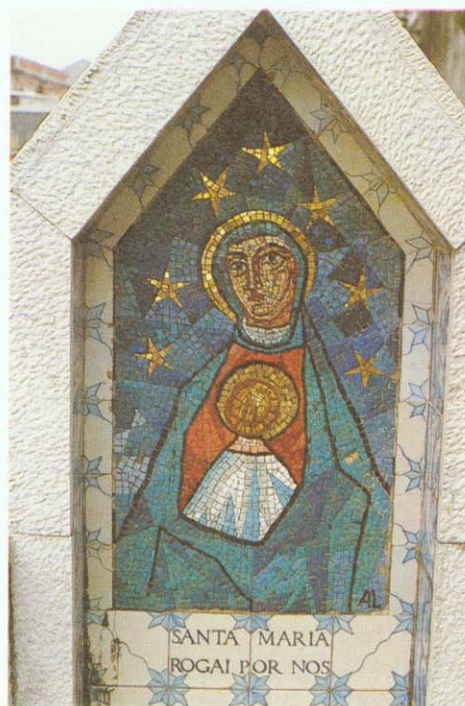


CRUZEIRO E PADRÃO COMEMORATIVO DA BATALHA DO SALADO — GUIMARÃES

calçadas. Em Guimarães, os escuteiros católicos ergueram um Cruzeiro da Independência, muito simples e humilde, mas carregado de simbolismo, marcando os séculos de Portugal (1140, 1640, 1940), as suas datas maiores e a sua missão no Mundo encimado pela esfera armilar e a cruz, em ferro, um verdadeiro Pelourinho, que estava erguido no largo onde se encontra a bela fachada do século XVIII do Convento de Santa Clara, agora Câmara Municipal, no seu lugar tradicional, que lhe era próprio; é apeado e substituído por um tanque meramente decorativo, talvez mais vistoso mas que não nos diz nada.

PELOURINHOS Pelourinho é o símbolo da liberdade municipal e evoca o passado de cada terra. É o descendente do marco ou da estrela romana comemorativa. Felizmente alguns escaparam ao camartelo e à fúria demolidora duma mentalidade tacanha e estúpida, ditando a sua destruição, ignorando que o Pelourinho era o símbolo do Poder Local e da Justiça, o cruzeiro da Vida Municipal. Em Guimarães, o Pelourinho que era o Cruzeiro da Independência, foi apeado e esperamos que não aconteça o destino que teve o Pelourinho de Guimarães, desaparecido à cerca de 100 anos.

ALMINHAS O culto dos mortos é na pré-história o primeiro sinal de civilização, e se mantém através de milénios na vida dos povos. O culto das almas e dos mortos nos cristãos deu origem em Portugal às *Alminhas*, pequeninas capelas, nichos de pedra, erguidos nos muros e encruzilhadas dos caminhos, na fachada das casas ou nas antigas torres e portas das muralhas e em passadiços das estreitas ruas dos seus povoados, onde a arte popular materializava o culto cristão dos mortos, a comunhão entre os vivos e os mortos para salvação de todos, materialização simbólica popular com a linguagem nova trazida pela arte cristã.



ALMINHAS (mos. do autor) dos caminhos

São pequeninos santuários a lembrar aos vivos aqueles que estão em perigo de morte na terra ou em águas do mar.

As ondas do mar são brancas,
No meio são amarelas,
Coitadinho de quem anda,
P'ra morrer no meio delas.

Ó mar que nas ondas levas,
um bem que tanto adoro.
Tu levas nas tuas ondas,
o homem por quem eu choro!

Lembrança e saudade que tão bem exprimem os versos de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
.....
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o Céu.

PADRÕES Misto de Cruzeiro e Pelourinho são os Padrões das Descobertas que erguemos pelo mundo, nas terras dos novos mundos que acrescentámos ao Mundo e que, ainda o grande poeta Fernando Pessoa, nos faz a descrição na sua criação de rara beleza, nos versos da Mensagem, o Padrão, e fica aqui bem na Era Comemorativa dos Nossos Descobrimentos.

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu Diogo Cão, navegador, deixei
Este Padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.
A Alma é Divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.
E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.
E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

Antes já o grande poeta António Correia de Oliveira, em 1902, nas suas *Cantigas*, escrevera:

Ó ondas do mar salgado
Donde vos vem tanto sal?
Vem das lágrimas choradas
Nas praias de Portugal

O penar das almas nas labaredas do «purgatório» serão libertadas as almas pela intercessão da reza de todos em rogos dirigidos directamente a Deus pedindo a perdão para elas, por meio da Virgem, de S. Miguel Arcanjo e dos santos protectores. As alminhas serão colocadas nos sítios que os romanos erguiam os seus votos, mas agora baptizados e com o sentido cristão, erguidos como memória de outros sem interesses pessoais a seu favor, mas um pedido espiritual de caridade, ao contrário dos pagãos, erguidos para seu próprio benefício. Isso distingue a riqueza espiritual do cristianismo. Erguidos nos mesmos lugares para que seja a terra cristã.

Uma pintura popular em composição simples e imediatamente compreensível de todos os passantes, predominando como tema São Miguel Arcanjo ao alto de espada em punho, o lutador de Deus, do Bem sobre o Mal, e com a balança de pesar o que de bem e de mal, as obras boas e as obras más, que na vida da terra fizeram as almas penadas, e, em baixo, a toda a largura do quadro, as almas entre as chamas do fogo eterno. Nossa Senhora do Carmo, do Monte Carmelo, entre S. Miguel e Santo António, sobre uma nuvem e as almas, penando, de todas as categorias sociais: nobres, desde o Rei, clero desde o Papa, Bispo, Padre ou Monge, o povo do campo, das artes, dos ofícios.

Algumas das alminhas evocam um assassinato, ou a morte por acidente ou naufrágio, pedindo para rezarem pelo morto, a Cristo, por intermédio da Virgem ou santo protector.

As alminhas são quadros votivos, estampas ingénuas coloridas, da vida de Cristo, invocações da Virgem e de santos de devoção popular, pinturas de sabor e feitura popular, pedindo aos que passam pela liberação das almas do fogo do purgatório. Essas pinturas, além dos nichos dos muros e dos caminhos, aparecem em caixas de esmolas, que muitos nichos também possuem, esmolas para o culto e missas pelos fiéis defuntos, em quadros, em bandeiras de confrarias, em pequenas capelas ou oratórios públicos, em arcas de confraria ou em cruzeiros, suspensas, com cenas do purgatório ou sem ele, com figuras ou sem elas, mas com o Cristo Crucificado, S. Miguel Arcanjo, a SS. Trindade, santos protectores e de devoção popular, a Custódia Eucarística, com seus símbolos, a cruz, emblemas de santos, chamas vermelhas, nuvens brancas, a Terra e o Céu, sublinhado tudo por pequena legenda em baixo:

Lembraí-vos das benditas almas
Ó vós, que ides passando,

Lembraí-vos de nós,
Que estamos penando.

P. N.: A. M.: (Padre Nosso, Avé Maria)

As alminhas testemunham o culto dos mortos, lembrando aos homens para rogarem pela purificação das almas pedindo a protecção da Virgem e santos como intermediários para o perdão divino. O tema do purgatório aparece na arte com a contra reforma.

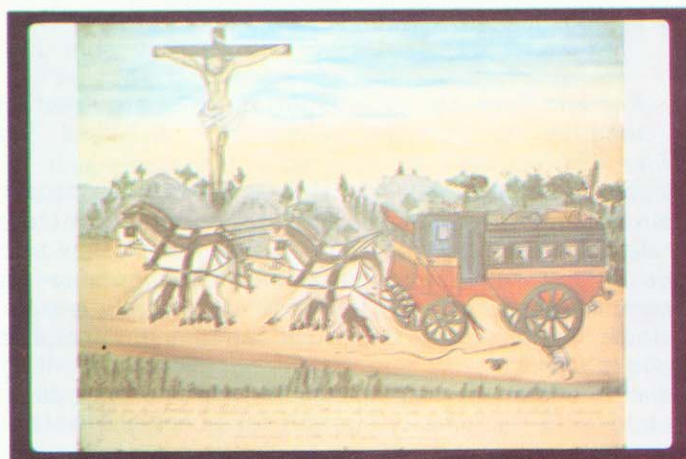
MILAGRES Por iniciativa dos jovens portugueses ergueram-se nos centenários de Portugal «alminhas»: a Nossa Senhora dos Caminhos.

As alminhas têm um paralelo na arte popular com os pequenos painéis pintados geralmente em madeira e encaixilhados com uma moldura siniples, de ex-votos, de milagres, assunto também religioso relacionado com os homens, onde a sua devoção se exprime plasticamente agradecendo favores concedidos por Deus, a Virgem e santos, a quem rogaram um pedido feito tanta vez em horas de aflição e momentos trágicos, que por sua intercepção milagrosa se realizaram. São os chamados Milagres. O que na Idade-Média foi a oferta de grandes obras de arte para as suas Igrejas desde a mais singela às grandes Catedrais, painéis, vitrais, tapeçarias, imagens, vestimentas de tecidos raros, bordados a ouro, auréolas e coroas de ouro e pedras preciosas, vasos sagrados de ouro, altares e retábulos em talha ou com polípticos de pintura, algumas vezes com os seus doadores em primeiro plano, de joelhos, rezando, têm o seu paralelo nestes pequenos quadros dos milagres, onde os doadores são substituídos pelos que rogaram o pedido protector, aqui substituído por pintor artesanal. O que naquelas obras era feito por mestres entalhadores, vitralistas, pintores, escultores, lavrantes de ouro e prata, da tapeçaria, e, os grandes senhores na nobreza e do clero, os reis e os bispos, seus doadores, aqui é, pela gente humilde do povo. Mas uns e outros com valor espiritual igual.

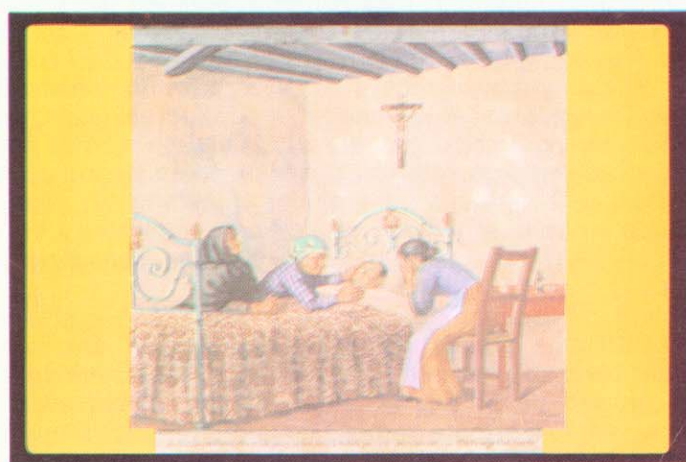
As igrejas, santuários populares e os nossos museus ainda possuem uma grande galeria de *milagres*.

As grandes romarias minhotas e nortenhas dos grandes santuários, Senhora da Agonia, de Viana do Castelo, Senhora da Peneda, raiana, Bom Jesus da Cruz de Barcelos, Senhora da Abadia, S. Bento, Senhora do Alívio, Bom Jesus de Braga, Santa Marta da Falperra, Senhora das Dores da Póvoa do Varzim, S. Miguel de Basto, S. Torcato de Guimarães, Senhora do Balsemão de Trás-os-Montes, Senhora dos Remédios de Lamego, Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Senhora da Nazaré, o Senhor da Piedade de Elvas, as mais importantes, estão cheias de «Milagres» e, senão tivessem desaparecido tantos nas razias que mesários incultos e ainda pior daqueles diplomados que não sabiam valorizar um importante ramo da arte popular, seriam milhares, que muito viriam ajudar o estudo no girar do tempo dos usos e costumes das gentes, na verdade os pintores de «milagres» — Pintura «naïf» —, foram os primeiros «pintores aos domingos» agora tão acarinhados.

São Torcato de Guimarães, que foi e ainda é a maior romaria de Portugal, possuía uma grande colecção de milagres dos poveiros, que tinham grande devoção por este santo, onde o barco, em todos os seus pormenores, próprio da pintura popular ingénua, e sua evolução, era o motivo central, um importante motivo de estudo, ainda hoje com alguns vindos da Venezuela, miniaturas preciosas de barcos. O mesmo seria para o traje, móveis, e até paisagem, que a evolução dos tempos iam modifi-



EX-VOTO — ELVAS



EX-VOTO — ELVAS



EX-VOTO — ELVAS



EX-VOTO — ELVAS

cando ou tradicionalmente permanecendo. É que, ao contrário das alminhas, nos milagres, entra a paisagem terrestre e marítima, urbana, e, os interiores das casas.

Os museus da Póvoa do Varzim, da Sé de Braga, de Arte Popular e Etnológico de Lisboa, na capela do Senhor dos Passos da Graça e em Nossa Senhora da Penha de França, de Lisboa, Igreja do Senhor Jesus de Elvas e N. S. de Aires de Viana do Alentejo, arquivam boas colecções de milagres.

A pintura popular raramente usa vernizes. Não tem escola, nem preparação, nem conhecimentos técnicos ou artísticos; a habilidade substitui tudo isto e a sensibilidade inata cria conhecimentos e técnicas próprias, uma arte própria: contornos bem marcados, todos os elementos da composição com a mesma força, pintura plana, uniforme sem perspectivas de côr, formando tudo uma unidade, sem nunca perder seu ar ingénuo, simples no desenho e em perspectivas suas que lhes dá uma expressão própria, característica, intemporal, tradicional.

O suporte também não é preparado, a pintura é feita directamente nele. Assim faziam os nossos pintores primitivos, pintando directamente na madeira.

Como nos motivos da arte popular das cangas dos bois, dos barcos, dos bordados, a pintura religiosa popular, as das alminhas, os milagres e os registos estudados a seguir, vai diminuindo do norte para o sul do país. Na pintura são usados diversos materiais como pedra, madeira, tela, pano de linho grosseiro (estopa), metal, vidro, papel, papelão, oleado e cerâmica (azulejo), com tintas feitas de pigmentos naturais, as terras, e artificiais, anilinas, com óleo de peixe ou de linho; a água na aguarela e cola de peixe na pintura em cartão; vernizes, na purpurina, esmaltes no vidro, etc., com cores fortes, berrantes, poucas e raras as meias-tintas, o esfumado; as penumbras das sombras não existem, e estas sem perspectivas côres inteiras, azul, amarelo, vermelho e verde; branco, preto, púrpura; dourados e prateados; rosa intenso, a côr do fogo, das telhas, da madeira; os pintores de «fingidos» de pedras de mármore com seus veios, dos grandes mestres dos séculos passados deixaram marcas na pintura popular. Côres fortes como base. Ornatos e legendas escritas a branco, preto ou amarelo sobre fundo contrastante. Fundos vermelhos ou azuis com motivos a preto e branco.

Os milagres são verdadeiras memórias do povo: milagres da sua vida na terra, no mar, na doença, nas tentações demoníacas, no parto, na guerra, nas lutas e assaltos dos ladrões e bandoleiros, no trabalho, dos seus animais, etc. ...

A composição das pinturas dos milagres, compõe-se dum todo único no mesmo ambiente umas vezes, outras o caso narrado é separado da parte celestial, formando 2 ou mais compartimentações.

Um milagre da região vimeirense, hoje no Museu de Belém de Arte Popular, tem 2 medalhões divididos por nuvens: num o coração de Jesus, noutro a Virgem do Pilar, dum dos mais antigos santuários marianos da Península, com o de Monserrate, o de Guadalupe e do de Santa Maria de Guimarães, que foi o primeiro santuário Mariano com a legenda: Quem rezar 3 N. N. e 3 A. M. ao Coração de Jesus, Ganha 80 Dias de Indulgência.

Não vamos aqui descrever os imensos «milagres» que ainda hoje ocupam as paredes de santuários portugueses. Mas não queremos acabar

este pequeno estudo sem deixar de o fazer para um, desconhecido, que não vem nas obras de escritores que ao estudo da arte popular se dedicaram, e pela sua originalidade e temática imprevisível, se destaca de todos os conhecidos. Um pouco estranho já é aquele ex-voto da Igreja do Senhor da Piedade de Elvas, onde um contrabandista agradece ao Senhor, por lhe ter amparado a «passagem» do seu contrabando. Vejamos agora aquele que se encontra em Guimarães, um ex-voto de grande tamanho: A cena já não é no Purgatório que se passa, mas nas labaredas do Inferno. Ao alto Santo António colhendo um recibo de um condenado onde se lêem alguns dizeres. Um morto, no caixão, entregando um bilhete: «*Arrecebi deste meu feitor tudo quanto lhe pedem meus erdeiros e por verdade pazei este e me asigno. Inferno 7 de maio de 1363. João de Moreno.*»

REGISTOS

Com a criação da imprensa no século XVI na Europa, a gravura em madeira e em metal teve uma grande expansão. Como consequência, imagens de santos e cenas do Antigo e do Novo Testamento, divulgadas as suas composições, serviram para a realização de pinturas e inspiraram os pintores dos nossos belos painéis de azulejos, e, como testemunho de promessa era dado aoromeiro pela irmandade do santo patrono do Santuário, na sua festa e romaria, uma gravura com a imagem do santo: o Registo. Na volta da romaria mostrava no seu chapêu, preso pela sua fita, ao alto, o Registo comprovativo de que havia cumprido uma promessa, a um rogo que o santo patrono satisfizera. O registo servia em seguida, emoldurado, como decoração da casa.



REGISTO



REGISTO



REGISTO

S. Torcato, Santa Maria da Oliveira, Senhora da Lapinha, Senhora da Madre-de-Deus, Santo Amaro, S. Brás e S. Mateus, com S. Tiago e S. Roque, Senhora de Antime de Fafe, Santa Águeda e Bom Jesus de Barrosas de Riba-Vizela e Senhora do Porto de Ave de Lanhoso, ocupam todo o ano com as suas romarias a região de Guimarães, Santo Amaro a 15 de Janeiro, a primeira, S. Mateus no último domingo de Setembro, a última, uma das freguesias onde o nome bárbaro pré-histórico ainda se mantém: Gonça.



N. S. DA MISERICÓRDIA, duma Tabela de irmãos

O tamanho do registo tinha a escala da dádiva dada, desde a simples pagela ao quadro com uma grande gravura primorosamente colorida à mão com tinta de água. A impressão seguiu a evolução da gravura: em madeira, a xilogravura, em metal, geralmente cobre e mais tarde em zinco, em pedra, a litografia, e agora em fotografia. Com gravuras populares e algumas de artistas com nomeada eram feitos os registos. Mais com a função das «alminhas» são chamados também «registos» os pequenos painéis de azulejo, evocativos de um ou mais santos, tão usados principalmente nas fachadas das casas populares de Lisboa. Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal desde o Rei D. João IV, na Restauração da Independência (antes a Padroeira era Santa Maria da Oliveira de Guimarães), N. S. do Amparo, N. S. do Carmo do Monte Carmelo, N. S. da Piedade, a Pietá, Senhora-de-ao-pé-da-Cruz, Cristo Crucificado, a Fuga para o Egipto, com Santo António e São Marçal, são as imagens mais usadas. Num destes registos de azulejo, o Menino Jesus com os 3 Reis Magos e a legenda:

Virgem pura esclarecida
Sois a Mãe do autor da Vida.

Registos também são chamados uns pequenos quadros feitos geralmente por freiras nos conventos, alguns maravilhosos como obra de arte e riqueza de imaginação, mas sempre ingénuos e duma factura dentro dos motivos e formas da arte popular, que decoravam as casas da classe média nos séculos XVII, XVIII e XIX. Uma imagem ou cena religiosa em gravura em madeira, ou em metal, litografia geralmente colorida, muita vez obra de grandes mestres italianos ou alemães, era completada e enriquecida com flores de fino linho, ou de penas, botões de flores de laranjeira de cera, rendas de linho e douradas, símbolos cristãos, emoldurando toda a gravura, enchendo o espaço entre ela e o vidro do caixilho, formando como que uma caixa. Às vezes a gravura é substituída por um baixo ou



ANDORES ARTÍSTICOS DE ROMARIAS POPULARES MINHOTAS

alto relevo ou em pleno relevo, em cera, ou madeira ou cerâmica. O chamado papel prateado, dourado e de outras cores brilhantes, tão usado na arte popular em arcos de romaria, em andores populares ainda usados no Minho, em Guimarães e Sousado, faz parte da decoração destes registos de quadros. Há-os do Santo Cristo dos Açores, e de santos de grande devoção nacional, de grandes nomes da igreja católica. Talvez nas cidades históricas portuguesas do Brasil, ao manterem-se tradicionalmente fiéis ao seu passado, se encontre a maior colecção de registos, de oratórios



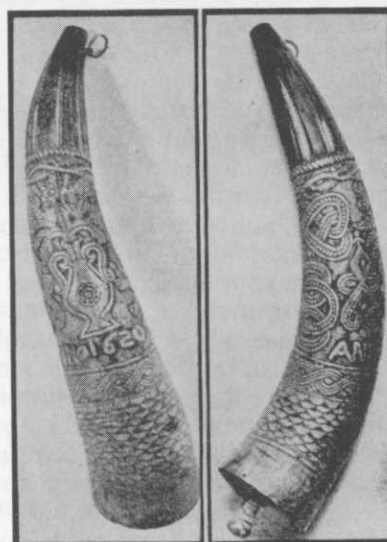
REGISTO DE SANTUÁRIO DE SANTA
 MARIA DA OLIVEIRA DE GUIMARÃES

familiares, que temos visto. Há num Museu da cidade de S. Salvador da Bahia, o Porto Seguro, onde a 21 de Abril de 1500 aportou Pedro Álvares Cabral, uma imagem encantadora, com certeza obra delicada mas de sabor popular duma freira, ainda dentro desta espécie de registo: a Nossa Senhora Divina Pastora com o Menino Jesus, cheios de jóias, flores de recortes rendados, um alto ramo dum palmito florido, aos pés 12 delicados e brancos cordeirinhos de fios de linho, com lenço de renda dourada na cabeça, caído para trás, cordões, pulseiras e arrecados, o menino com pequeno bordão e cabaça.

Também nos Anos Santos da Basílica de S. Pedro, eram dados pelo Papa registos em cera de vários tamanhos, desde o de medanha ao grande, circular, com emolduramento de tecido grosso adamascado, rendas douradas e prateadas, pequeninas flores de pano de linho, engomadas, com uma pequenina missanga azul ao centro, pequeninas aves de cera polí-cromas, entre dois vidros, com o selo de cera de 13 cm de diâmetro, dum lado sobre um livro e com a bandeira da cruz, o cordeiro e o Brasão Papal, em roda a legenda *Agnus dei Quitolis Pecata Mundi...* com data (1500...?) e do outro lado o túmulo com as armas papais e Cristo Ressuscitado com a cruz ao meio de dois anjinhos, e os símbolos da Paixão em volta, legenda ao redor de difícil leitura, cera impressa em cunho de Miguel Ângelo.



REGISTO DE NOSSA SENHORA DA
MADRE DE DEUS DE GUIMARÃES.



BELÍSSIMOS CORNOS GRAVADOS,
DE 1620, POLVOREIRAS DA CAÇA.

A CERÂMICA Em Fevereiro de 1219 São Francisco de Assis deixa o Egipto a caminho da Terra Santa, em devota peregrinação, à Gruta de Belém, a Nazareth e a Jerusalém, ao Cenáculo, Calvário e Túmulo de Cristo.

Em Julho de 1220, inicia a viagem de regresso à Itália. Em 1223 o inverno foi muito rigoroso. São Francisco sofria muito com o frio, que suportava com alegria chamando-lhe o Irmão Gelo! Nos seus cantares, o Cantar da Criatura. Nas vésperas do Natal encontrava-se em Greccio, povoado de pobres camponeses próximo da cidade de Rieti. Isolando-se num bosque vizinho em meditação, da recordação de Belém, onde Cristo nascera, nasce-lhe a ideia de representar ao vivo o Mistério de Belém. Chegado ao povoado manifesta a um Amigo a sua ideia. Este, numa gruta, escavada na encosta quase a pique da montanha, de difícil acesso ainda hoje, por escadaria cortada na rocha viva e vários passadiços, onde numa capelinha românica com pinturas a fresco recorda a história, manda colocar uma mangedoura com palha, um boi e um burrico e o altar para a Missa (do Galo). Dois miúdos que assistiam a este arranjo, curiosos, perguntaram ao santo para que era aquilo. Deus seja convosco, preciso de vós e pensa «os anjos»... Seguindo o seu conselho os miúdos sobem ao alto do monte atravessando o bosque, chegam aos campos onde pastavam as ovelhas que os pastores vigiavam, dizendo-lhes para virem a Greccio, adorar o Menino Jesus que nascera. E assim foi; Como 1223 anos antes, encontraram a gruta com a mangedoura, o boi e o burrico com Nossa Senhora, o Menino e São José. É que, diz a lenda, ainda não tinha começado a missa, a gruta cheia de gente rude, um menino ao colo duma mulher começou a chorar. De todos os lados se ouviam vozes ásperas, para que a mulher abandonasse a gruta; esta encaminha-se para sair acompanhada do seu homem. Intervem S. Francisco, chamando-lhes homens sem coração, duros, pois não viam que o inocente era como o Menino Jesus. Chama os pais, pega no pequenino e coloca-o nas palhas da mangedoura. Nasce assim o *Presépio*.

O PRESÉPIO O barro foi o primeiro material aproveitado pelo homem quase a par do aparecimento do fogo, que origina o barro cozido tão útil na sua vida primitiva nos povoados pré-históricos, duas das mais importantes conquistas da humanidade. Com ele se moldaram os primeiros ídolos no encaminhar lento na nascerça dos primeiros indícios de civilização, que na sua parte espiritual, tem o seu paralelo com o culto dos



PRESÉPIO, COM BANDA DE MÚSICA E JUNTA DE BOIS
COM CANGA, COLORIDOS — CERÂMICA DE BARCELOS.



PRESÉPIO, COM SANTA BÁRBARA, TOCADOR DE VIOLA
E VARINA — COM SANTO ANTÓNIO E SÃO FRANCISCO
DA CERÂMICA DE MAFRA — VIDRADOS.



SÃO FRANCISCO — CERÂMICA DE MAFRA



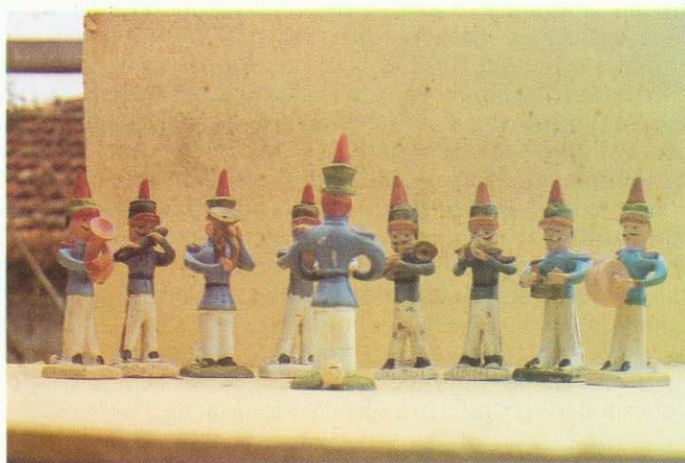
PRESÉPIO, COM PASTORES ALENTEJANOS E LANCEIROS
CERÂMICA DE ESTREMOZ



JUNTA DE BOIS — BARCELOS



FIGURAS DE ROSA RAMALHO — BARCELOS



BANDA DE MÚSICA — BARCELOS



JUNTA DE BOIS COM CANGA E POMBAL
BARCELOS

mortos. Nele se gravaram e coloriram motivos geométricos que influenciaram formas artísticas durante milénios.

Em Portugal, no século XVIII aparecem, em barro, os grandes presépios criados por artistas de nome, numa verdadeira procissão de figuras, espalhadas pela paisagem e casario, dirigindo-se para a Gruta de Belém, onde o Menino nas Palhinhas, a Virgem e São José, ao fundo o boi e o burrico, recebem as homenagens dos Anjos, dos pastores e dos Reis Magos e a romaria do povo, com pandeiretas e outros instrumentos, dançando. Outros enquadramentos às vezes ligados ao nascimento: a Anunciação, a fuga para o Egito e a Matança dos Inocentes, completam o quadro, com cenas da vida rural dos meses, ou da vida palaciana. Uma história contada em todos os seus pormenores, as pequeninas esculturas da sua figuração espalham-se em ritmo por todo o conjunto, monumental, em miniatura trabalhada até ao mais simples elemento, numa composição geral em torno dum elemento central: a Sagrada Família.

PRESEÍPIOS POPULARES Os autores destes presépios são os escultores saídos da Escola do Convento de Mafra e dos Mestres barristas de Alcobaça, verdadeiros escultores que ergueram no Mosteiro a monumental Morte de São Bernardo, e são estes que originam o nascimento de presépios populares, que nas suas oficinas de cerâmica, barristas começaram por copiar e imitar, e depois a sua imaginação adaptou à sua maneira de ser, criando com fantasia e espírito satírico, tão do feitio popular, figuras tiradas do seu dia-a-dia, mais próprias do seu sentir crítico que dos Evangelhos.

A mais antiga escultura do Nascimento de Cristo encontramos-na em Atouguia-da-Baleia. Mas o Presépio, consequência do montado por S. Francisco, chega a Portugal através dos Presépios Napolitanos, com figuras vestidas com tecidos ricos, largamente floridos de flores estilizadas artificiais em maquinetas e redomas, em madeira, papel, algodão e fios de linho e em cera, em «registos». Mas é como vimos no século XVII que adquire uma expressão tipicamente portuguesa, com os presépios dos escultores Machado de Castro e António Ferreira e os mestres populares Ferreirinha de Chelas, Manuel Teixeira, Barros Lobozão, Faustino Rodrigues, artífices desconhecedores da técnica da escultura, uma habilidade inata e ingenuidade pura, equilibravam os conhecimentos dados pelo ensino, resultando uma obra de carácter e sabor popular, um saber duma mesma cultura de arte, com outra expressão.

Em alguns conventos fizeram presépios parecidos com os presépios napolitanos decorados com flores de cera, búzios, vidrilhos, rendas e plumas, coloridos com cores finas, engrinaldados de pequeninas flores azuis de miosetes⁽⁵⁾. A arte popular dos presépios teve influências nas imagens dos santeiros do século XIX, deu origem aos ceramistas bonecreiros de Gaia e aos seus santeiros actuais, assim como aos da Maia, nas suas

(5) Contas de coral, papel recortado, cordões e rendas douradas, tecidos aproveitados de velhos farrapos bordados a ouro de panos de pallos, capas de asperges, vestimentas de santos de roca, etc., presépio em técnica de registos de parede.



PRESÉPIO — ESTREMOZ



FIGURAS DE PRESÉPIO — ESTREMOZ



PRESÉPIO — ESTREMOZ



FIGURAS DE PRESÉPIO — ESTREMOZ

esculturas em madeira quase na fase de esboçadas, que depois são apuradas com gesso e encarnadas e pintadas nos santeiros de Braga.

Os ceramistas populares de Barcelos fazem, em alto e pleno relevo, sobre placas formando uma gruta estilizada, em arco, cercado por palmas inscritas em pontas de estrela, ou em figuras isoladas, policromadas ou na cor do barro vidrado, presépios com o Menino, a Virgem e S. José, o boi e o burrico. Estas figuras isoladas para a montagem dum presépio, são completadas, por figuras de pastores, cabras, bois e parselhas de bois com sua canga, cenas da vida rural, vendedeiras, a matança do porco, aves da capoeira, mulheres com cântaro ou canastra do peixe, procissões completas, cavaleiros, banda de música no coreto, músicos isolados, moleiros com o burrico e as taleigas, músicos populares, carros de bois e de burros, a leiteira, a vendedora de castanhas com assador e fogão de barro, a doceira, o azeiteiro com o burrico, o sapateiro, etc., para montagens de presépios do Natal e cascatas, em Junho, de Santo António, S. João e S. Pedro. Obra com execução perfeita, no sabor popular. Quase a mesma temática e para o mesmo fim vamos encontrar nos ceramistas de Gaia, mas sem o esmero de forma dos de Barcelos, os mascatas ou mascateiros. As formas são só esboçadas em barro e cozidas e depois é a pintura que lhes faz os olhos e a boca, marca os cabelos e as vestes e a pele.

Antigamente todos os bonecos de Barcelos tinham na base um assobio de barro. A música anda sempre ligada à vida e arte popular.

A cerâmica de Estremoz e Niza, destacam-se por, nas suas bilhas, nos ornatos em relevo ou sem ele, incrustarem pequeninas pedrinhas brancas de mármore formando lindos desenhos florais, como que uma renda fina muito decorativas. Seus púcaros ou búcaros, moringues, canecas, parras, quartas, infusas, cântaros, tarefas, talhas, potes, graes, conforme o tamanho a forma ou o uso, já a famosa, culta e bela Infanta D. Maria os nomeia e elogia no seu diário, no século XVI. Da fama do barro vermelho da Estremoz já Cosme de Médicis na sua visita a Portugal o descreve como o mais fino e estimado.

Do seu barro branco se fizeram pratos, gomis, azulejos, terrinas, a louça fina usada pela nobreza rural na sua mesa e como adornos das suas arcas, cómodas e armários, principalmente as suas coloridas jarras com flores de barro, as suas bonecas, onde a Primavera com o seu arco florido se destaca, pelo seu simbolismo popular, concepção e fantasia, o «lanceiro» a cavalo, imponente, com o seu galhardete, as «pretas», a Senhora, o Peralta, a mulher dos enchidos, o pastor e o rebanho ou merendando, todos numa técnica original; vestidos, o surrão, a samarra, o jaleco, os safões, a manta, o alforge, os vestidos, as saias; o barro é espalmado, fino, a veste recortada vai vestir a figura em barro também ainda fresco, ficando colada por uma pequena pressão. Depois de cozidos é que são pintados.

O seu original presépio compõe-se duma parte unida formando um conjunto, embora em pleno relevo e de figuras avulsas. Uma base simples com um muro recortado a fazer de fundo, ao centro fica o Menino Jesus deitado em cama rústica, uma espécie de berço sem balançar, onde em vez de cabeceira é um dos lados da caminha, voltada para o fundo, que é mais alta, com três passarinhos empoleirados; aos lados, Nossa Senhora e S. José ajoelhados, formam o conjunto. Não há boi nem burrico. Soltos



BOI (cerâmica popular brasileira)

os três Reis Magos, pastores em pé ou ajoelhados, ovelhas, e a figuração já descrita, completam o presépio: cabreiros, ganhões, mulheres do campo, domésticas e senhoras, soldados, janotas, etc. Todos incluindo a Sagrada Família e os três Reis, vestidos a moda do século XVIII, transposição para popular de formas eruditas.

Com a extinção das ordens religiosas nos fins do século passado, os conventos fechados e muitas vezes abandonados ao desbarato com o aparecimento de novos ricos, nobreza de aviário e de uma burguesia laicizada, acabou o gosto pelos presépios e a expressão que nós lhe demos, e teriam desaparecido se não fossem os ceramistas populares manterem tradicionalmente o seu labor: Barcelos e Estremoz. Talvez ainda do século XVII sejam algumas imagens de Estremoz, Senhoras da Conceição, que D. João IV, tomou como Padroeira de Portugal, e um Santo António mutilado que possuímos, com uma técnica duma espessura mais fina, sirvam para um estudo mais perfeito, para salvar este ramo da arte popular.

Uma breve referência aos barros da região de Maфра que não são pintados, mas vidrados a verde de cobre ou amarelo acastanhado. Suas bilhas de figura humana com suas cestas, seus cântaros, suas vacas verdes e burricos azuis, com formas elegantes duma estilização bem encontrada, com característica própria da parte inferior da figura ter a forma de sino, para uma maior base de segurança e equilíbrio para não tombar com facilidade. Possuímos um Santo António e um D. Afonso Henriques, inspirado na estátua de Soares dos Reis de Guimarães, que mantém intactas estas características.



D. AFONSO HENRIQUES — MAFRA



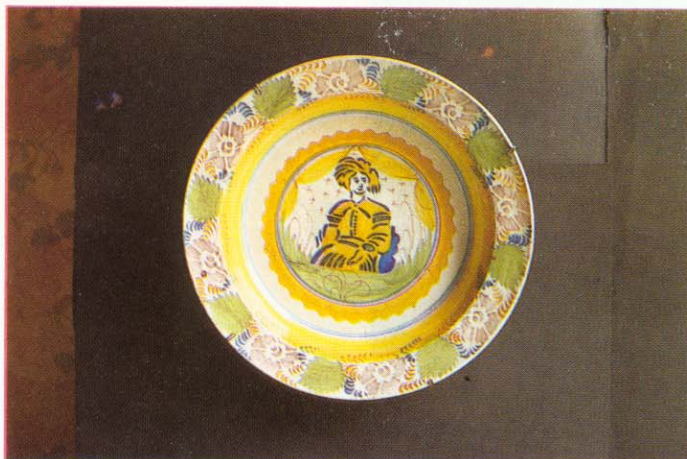
S. FRANCISCO — MAFRA



BOI — MAFRA



CERÂMICA POPULAR DE MAFRA



PRATO



PRATO POPULAR DO SÉCULO XIX
(Centenário de Santo António)



PRATO

TRADIÇÃO Começamos este pequeno estudo por fazer uma chamada à arte pré-histórica dos lusitanos, mantida na arte popular, onde vamos buscar as suas raízes, e que por tradição foi mantida. Não podemos desligar, assim, estas palavras: arte popular, tradição.

Do grande escritor vimaranense, que é para a Proto-história, o que o sábio vimaranense Martins Sarmiento é para a pré-história, e, Alexandre Herculano para a História de Portugal, Alberto Sampaio, transcrevemos, em condensação, todo um caminhar de milénios, marcando o valor da tradição e a sua força de testemunho da vida nos tempos, dos usos e costumes que une, como elo de cadeia, o passado, o presente e o futuro.

* *

Dado o método de partir dos documentos medievais para o domínio romano, era necessário fundamentar as investigações com extractos deles... Partindo das cidades, abranger o período romano, o suevo-visigodo, o asturo-leonês ou neogodo, até terminar no meado da dinastia borgonhesa, quando o Estado Português se constituiu definitivamente; só assim é possível conhecer o encadeamento histórico...

As investigações históricas... desde os tempos mais remotos, como questão de origem, terão sempre um atractivo especial para os seus habitantes, por isso eles representam ainda hoje a raça antiga...

Na sua história, a conquista romana é o acontecimento de maior vulto. Opondo-lhe uma resistência tenaz foi a última parcela da Hispânia a submeter-se-lhe; vencida porém, recebeu então de vez a norma do seu modo de ser social. O domínio de Roma, implantado aqui por Augusto (século I d. C.) subsistiu até 409, ... data do ingresso ... das hostes germânicas ... quatro séculos durante os quais os nossos antepassados assimilaram ... a civilização latina. Ao domínio dos romanos seguiu-se a ocupação dos suevos, e, depois a dos visigodos ... moralmente inferiores aos romanizados, que ... longe de alterarem a estrutura social que encontraram, aceitaram-na, fundindo-se nela.

Decorreu este período de 409 a 712 ... três séculos ... de sangue germânico — algumas gotas apenas, que o fundo antigo da maioria absorveu.

A Batalha de Guadalupe (711) abriu as portas aos árabes, diante dos quais sucumbiu ... o império visigótico. Em 712 ano da chegada ... ao norte. Mas eles pelo seu curto domínio não exerceram nenhuma influência,

social ou étnica, nesta parte da península. Logo em 718 ou 719 Pelaio levantou heroicamente a bandeira de guerra contra os invasores, que Afonso I (739-757) expulsou além do Douro. Mesmo no tempo de Almanzor (985-1002) ... estreita cinta voltasse ao poder sarraceno, os vestígios deste apagaram-se ... pela segunda reconquista ... só em alguns termos populares ... Não alteraram a população ou regime social.

Com a agricultura está intimamente ligada a propriedade territorial ... base das instituições do Ocidente; é por isso que sobre ela se fundou a sociedade que desde a sua origem ... os romanos lançaram as fundações perduráveis encontrando ... um terreno adequado. A nova civilização foi recebida pelos nossos antepassados e se radicou, desenvolvendo-se ... Do Império Romano saiu a Idade Média, deste Mundo moderno.

Grande número de costumes tem as raízes nesse fundo, sobre o qual passaram muitos séculos.

Base da história dos primeiros tempos da formação do estado português, ... desta época ... derivou o desenvolvimento ... que chega ainda à actualidade.

Principiar com a conquista romana; mas havendo aqui anteriormente uma população ... a massa sobre que operavam os vencedores, no tempo de Augusto ... existia ainda, em pleno vigor, a constituição cantonal ... havia duas distribuições da população: uma ... introduzida pelos conquistadores ... outra, a antiga, que persistia por baixo dela.

As *Civitates* eram pequenos povos com organização política autónoma ... cobriam toda a província ... em *Oppidum*, como centro de ... defesa ... conhecidos hoje por *Cidades*, *Citânias*, *Castros* ou *Craustos*.

Chegaram os romanos. Exceptuada a telha, nenhuma alteração ... os seus povoados ... continuaram ... o que tinham sido. As cidades eram governadas por um chefe, assistido por uma nobreza ... regendo-se por costumes próprios. Os labores das pedras, os restos de cerâmica e outros objectos ... testemunham bem uma altura, ... noções artísticas.

Cada cidade ocupava uma superfície maior ou menor e um oppidum, para refúgio. Terras de pastagem comunal, pouca cultura se fazia. Tudo em comum.

É hoje ainda a vida das gentes de Rio-de-Onor, de Montesinho, Bragança.

As cidades chamadas pelos romanos *Vilæ* fixaram-se tão profundamente que ainda hoje existem.

Villa ... quanto se continha dentro dum prédio rústico, habitação do proprietário, a dos trabalhadores, os estábulos e celeiros, os terrenos cultos e incultos ... uma unidade rural ... enquanto durou o sistema romano ... os documentos da restauração não escrevem outra palavra, ... ainda é, empregado no século XIII. Desde o século IX ... os títulos nunca se esquecem de declarar que os limites são os antigos. Os suevos e visigodos, apoderando-se de um país romanizado, não destruíram os costumes, nem alteraram o regime e limites das propriedades. Sobre demarcações ... os marcos (romanos) mantiveram-se e existiam ainda no período asturo-leonês. Os limites antigos, romanos, aí estavam claros sobre o solo. Não eram só os marcos. Pedras nativas, árvores ... denotavam demarcações. Esta maneira de indicar os limites é ainda hoje corrente, e a sua origem ficamo-la conhecendo. A unidade rural antiga, que eles assinalaram, tinha sido fundada e demarcada primitivamente no período romano.

As vilas ... eram as superfícies rurais ... desde o tempo das cidades, e legalizadas pelos romanos.

Quintanella, no século X, tem na actualidade a mesma demarcação da vida romana. Vila do Conde tem o nome já no século X com a mesma superfície demarcada que já vinha de Vila Romana.

As vilas anezani, pinário, maneti, matalo, colnos, montecello, christofoi, tanadello, no século XI mencionadas como freguesias demarcadas e hoje freguesias ainda de Guimarães, São Tomé da Abação, Pinheiro, Urgeses, S. Mamede, Matamá, Calvos, Montezelo, S. Cristovam da Abação, Tabuadelo, foram antes, vilas romanas.

Diplomas, Inquirições e a Circunscrição da actualidade, mostram-nos que as (vilas) maiores se converteram ... em *freguesias* e as mais pequenas em *lugares*. E assim a *freguesia rural*, molécula fundamental da sociedade portuguesa ... remonta a tempo em que *Roma* ensinou aos habitantes das *cidades* as suas leis e a sua civilização.

Guimarães, o segundo concelho do País em número de freguesias, quase todas elas não só são as herdeiras das cidades lusitanas e vilas romanas e atravessam os tempos godos e visigodos e a Idade Média com milénios de vida, como, não só mantiveram seus nomes latinos, em algumas o nome bárbaro já encontrado das cidades, baptizadas desde a cristianização com o patronímico dum santo, demonstrando a força e o valor da Tradição.

DICIONÁRIO

A ORDEM ALFABÉTICA LIMITA-SE A PRIMEIRA LETRA DA PALAVRA

A

ARCA — caixa grande de tampa plana, geralmente de castanho, para guardar o bragal ou os cereais em grão, ou para as opas das confrarias.

ALAMBIQUE — aparelho de cobre para destilar a aguardente bagaceira.

ALGUIDAR — vaso de barro vidrado muito aberto para lavar, amassar e preparar carnes.

ARGAMASSA — mistura de cal, saibro e água, usada na construção de muros e casas.

ADOBE — barro amassado com areia, palha cortada, em forma de grande tijolo, seco ao sol.

ALPENDRE — coberto suspenso por colunas para arrumação de alfaías agrícolas.

ARGOLA — anel de ouro, arrecada, brinco das orelhas popular.

ANCINHO — instrumento agrícola, sachola em forma de pente, para juntar palha, caruma, folhas.

AUTO — composição dramática, teatro medieval popular sobre a Paixão de Cristo, o Velho e o Novo Testamento, vida de Santos e Romances Cavallheirescos.

ABERTURAS — partes abertas, buracos de janelas ou portas.

AZUL — tinta de anilina muito usada em faixas das paredes ou moldura das janelas e portas em casas rurais.

AZINHO — azinheira, espécie de sobreiro que não dá cortiça, mas, boa madeira, muito resistente.

ARGILA — barro de grão fino, saibro.

ABOBADILHA — abóbada pouco arqueada formada com tijolos.

ALFARROBEIRA — árvore típica algarvia, que dá vagens, a alfarroba, de grande valor nutritivo para animais.

AÇOTEIA — cobertura em forma de terraço, mirante.

AEDOS — cantores gregos, trovadores.

ALMINHAS — painel com figuras das almas penando no Purgatório em nicho ou capelinha.

ARTES — profissões mecânicas, artesanato.

APRENDIZES — os que aprendem um ofício ou arte, principiante.

ARTESANATO — manufactura, com matéria prima da região, de arte popular.

ADAMASCADO — tecido parecido com o pano de Damasco.

AÇAFATES — cestos baixos, de verga fina, e grande fundo plano.

AZULEJO ÁRABE — tem vários moldes que se encaixam facilitando a formação de inúmeras composições estreladas, diferente da forma quadrada do azulejo português.

ACORDOADOS — em forma de cordão.

ARADO — instrumento agrícola para lavrar a terra. charrua.

ALVIÃO — instrumento de lavoura que serve ao mesmo tempo de cavadeira, picareta, enchada e machado.

AURÉOLAS — nimbo de forma circular que rodeia a cabeça dos santos, diadema, coroa.

ANTRE — entre.

AFRUITE — faça nascer e crescer, frutificar.

ARCO — figura ornamental com elementos vegetais ou papéis coloridos em grinaldas de flores, erguidos em romarias ou festas e trabalhos do campo. Peças de madeira, curvas, que assentam no pescoço dos bois, e, ao alto, ligam à canga, para o carro ser puxado pelos animais.

ARRINCADO — arrancado.

AGUADOUROS — lugares da ribeira onde o linho ripado é posto, com pedras, para não ser levado pela corrente, e onde fica de molho a amolecer.

ARRELENTAR — estar ao relento, orvalho, humidade da noite, para amaciar.

ARREBOUÇA — tomentos ásperos.

ALIMPA — tomentos mais aperfeiçoados, presumados.

ASCORDADA — acordada.

ATAVIAR — ornar, enfeitar, assear, ade-reçar.

ARRAIADO — raiado, sol com raios em volta.

APERTADEIRA — cavilhas que nos carros de bois regulam a sua chiadeira.

ALEIJADINHO — escultor brasileiro, filho do arquitecto, escultor e pintor português António de Lisboa, que no Brasil tem muitos trabalhos em igrejas das cidades históricas portuguesas.

ALBARRADAS — vasos de origem greco-romana, com duas asas, usados muito em pinturas e mosaicos e na arte popular.

ARRECEBI — recebi.

ASIGNO — assino.

AZULEJO — placa de cerâmica quadrada usada na azulejaria portuguesa.

ANDORES — padiola com obra de talha, em madeira, que conduz imagens cristãs nas Procissões.

ARRECADAS — argolas, brincos populares.

ASSADOR — peça de barro, púcara cheia de furos, para assar castanhas.

ASSOBIO — apito, silvo, pequena peça de cerâmica, perfurada e uma abertura superior, colocada na base das pequenas figuras da cerâmica popular.

ALFORGE — sacos fechados, gémeos, abertos no cimo, usados ao ombro ou no dorso dos animais.

ARCHOTE — tocha, facho, de palha e breu.

ALGIBEIRAS — saquinho usado à cintura no traje popular.

ANEL — pequena argola de metal precioso usada nos dedos.

B

BRACA — palavra bárbara arcaica, bragal, bragas (latim bárbaro).

BRACELAS — braçais.

BRAGAL — medida de 7 varas, pano grosseiro, roupa branca, enxoval.

BALDIO — terreno maninho, sem dono, público.

BUCAROS — recipientes cerâmicos alentejanos.

BONECAS — peças de cerâmica alentejana com a figura de raparigas.

BILHAS HUMANAS — jarras para líquidos, campaniformes, da cerâmica mafrense.

BATEIRAS DO MAR — barcos em crescente muito ornamentados.

BAMOS — vamos.

BÃO — vão.

BOU — vou.

BAI — vai.

BELHO — velho.

BREU — pez, produto negro da destilação do alcatrão da hulha, resina ou petróleo.

BRASÃO FAMILIAR — distintivo próprio das famílias dos pescadores poveiros, marca, sinal.

BORDÃO — bastão, cajado, pau de apoio.

BONECREIROS — artistas de Gaia, criadores das pequenas figuras de cerâmica para os presépios e cascatas.

BARRELA — maneira de branquear o linho, em meadas ou em peça. Num pipo velho sem tampo e ao alto, o fundo todo furado, deitam as meadas de tomentos, estopa ou de linho, conforme a barrela, cobertas com um lençol velho. Por cima, peneira-se cinza e põe-se ervas cheirosas: alecrim, alfazema, maçã-camoesa, alfáfega ou manjerição e deita-se-lhe água a ferver.

BOTA-LHE — delta-lhe.

BATEIRA — pequena embarcação sem quilhe, canoa de fundo chato, de Aveiro.

BATEL — barco pequeno, bote, canoa.

BATELA — pequeno barco de fundo chato do Minho.

BATELÃO — grande barca de transporte de carga.

BARRAS LAVRADAS — tiras de pano ornamentadas.

BARBA DE CÚCU — erva filamentosa parasita do mato de cor avermelhada.

BORDEADEIRAS — a que trabalha sobre o pano, com linhas brancas ou de cor cobrindo desenhos feitos no tecido.

BRACALES — Braçais.

BANDEIRA — inflorescência terminal do milho.

BARRIGA — parte superior da roca.

BORDADO — trabalho da bordadeira.

BAILADOS SACRAMENTAIS — bailados de autos que se faziam nas igrejas, onde os pares nunca se voltavam de costas para o altar-maior.

BARRENTAS — terras de barro que com as chuvas se tornavam lamacentas, ficando os caminhos intransitáveis.

BRITA — material de construção da pedra partida em pequenos fragmentos, pequeno cascalho.

BERLOQUES — do francês Breloque, jóia que se prende a um cordão ou corrente de ouro.

BARRELEIRO — recipiente de pedra, pia quadrangular de rebordos baixos, para lavar a louça, na cozinha da casa rural.

BALAUSTRE — colunela do suporte de corrimões, peitoris e varandas, em madeira, simples, com recortes ou torneados e em pedra com várias formas.

BRINCOS A PRÍNCESA — adorno das orelhas muito trabalhado, pendente, comprido.

BILROS — trabalho das rendilheiras, renda feita com uma almofada redonda, alfinetes e bilros pequenos paus redondos com uma bola num extremo e o fio no outro, como um pequeno fuso.

C

CANUTILHO — ponto de bordado, onde o fio é enrolado em torno de outro fio mais ou menos grosso.

COSSOIRO — fuseiras.

CELEIRO — construção onde se guardam os cereais.

CANTARO — grande vasilha de barro, bojuda, para água.

CANECA — vasilha de cerâmica para vinho.

COPOS — espécie de «caneca de cerveja» de barro branco com asa, para beber o vinho, minhota.

CÓMODA — mobília da casa rural com grandes gavetões, onde se guardava a roupa.

CABUCOS — vala onde assentam os alicerces duma construção.

CRUZEIRO — cruz de pedra, mais ou menos rica em decoração e imagens, erguida em caminhos e adros das igrejas.

COLMO — cobertura de algumas casas serranas, feita com palha de trigo ou centeio, junco, palha.

CAIXILHARIA — armação de madeira que cerca o vão de portas e janelas e sustem os vidros delas.

CAIBROS — viga de madeira que sustenta as ripas, para forramento dos soalhos e das telhas.

CACHORROS — pedra saliente que sustenta a cornija, suporte de balaústres, apoio de arcos, vigamentos ou para colocar vasos. Usam-se também em madeira.

CURRAL — recinto para gado, corte.

CORDÕES — fios entrançados ou encordoados de ouro ou prata.

- CORRENTES** — fio com anéis, entrançados ou encanastrados, onde se dependuravam os berloques, e se prendiam os relógios de bolso, dos homens do campo.
- CANTARINHA** — pequeno cântaro muito ornamentado, para as jóias, e com uma pucarinha, tampa com passarinhos, para os anéis, presente de noivado do povo da região de Guimarães.
- CAMISA DE HOMEM** — peça do vestuário em linho, profusamente bordada com pontos regionais de Guimarães.
- COLETES DE RABO** — peça de linho, corpete, todo bordado.
- CONTAS DE VIDRO** — glóbulo de vidro, furado de várias cores, para serem cozidos a tecidos, com ornamento.
- CAROLOS** — maçarocas das espigas de milho depois de debulhadas.
- CASCATAS** — troncos em escada, ou grutas vegetais com paisagem, casario e figuras, nas festas dos Santos Populares, como os presépios rústicos, de Santo António, São João e São Pedro.
- CHINELAS** — calçado feminino aberto e sem tacão.
- CRIVO** — peneira de rede de malhas largas. Bordado com orifícios, ralos panejamentos.
- CÂNTARO DE ALMUDE** — vaso grande de folha, parecido com o cântaro de barro, que leva um almude.
- CANDEIAS** — lâmpadas de torcida em azeite ou petróleo.
- CLAMORES** — rezas em voz alta rogando a Deus e aos Santos, piedade por nós.
- COPINHOS** — cilindros de papel, tendo dentro uma grizeta acesa, típico nas iluminações das romarias.
- CAVAQUINHO** — pequeno instrumento musical popular de 4 cordas.
- CASTANHOLAS** — Duas peças de madeira em forma de concha, ligadas por cordel, que batendo uma na outra representa um som e marcam o ritmo musical.
- CANA DOS BONECROS** — cana com pares de bonecos em trajes regionais e castanholas que se movem, com um arame que os liga, dançando ao ritmo da música popular.
- CHULA** — dança regional simples.
- CORRIDINHO** — dança regional ligeira, que aos pares vão correndo, avançando e recuando.
- COMÉDIAS** — autos medievais satíricos de costumes.
- CHACOTAS** — comédias medievais burlescas, de crítica aos costumes dos judeus.
- CALHAU** — pedra de cascalho mediana, seixo de pedra dura.
- CHAPAS DE ZINCO** — folhas grandes, lisas ou onduladas, usadas na construção civil.
- CHAMINÉ** — tiragem do fumo das cozinhas, construção de pedra ou cerâmica, com várias formas e tamanhos.
- CAIAR** — pintar as paredes com água de cal.
- CHARNECA** — terreno inculto e árido com vegetação rasteira.
- CAMPINO** — homem ribatejano que trata do gado bravo, a cavalo e uma grande vara, guiando-o nos pastos e na recolha.
- CONTRAFORTE** — muro que reforça outro muro, perpendicularmente, em pedra ou alvenaria, como uma pilastra em saliência, tornando o muro mais sólido.

CASTREJA — referente aos Castros, aglomerados lusitanos da pré-história.

CITÂNIA — cidade ou cidade pré-histórica dos lusitanos.

CARREGA-SE — colocação da linhaça na roca para fiar.

CIRANDAR — o girar do fuso.

COBRETOIO — toalha rica de linho para cobrir os açafates, que levam ofertas de gente rural.

COMPARANÇAS — pareoenças.

CARCELA — tira com aberturas onde se abotoam os botões.

CESTINHAS — pequenas cestas de vime fino. Bordados estilizados de cestas floridas.

CRUZ — ponto de bordado com o desenho feito com pequenas cruces.

CHEIO — ponto de bordado em que as pequenas formas do desenho são completamente enchidas com a linha de forma a ficarem em relevo.

CADEIA — ponto de bordado, presponto, onde cada ponto nasce no meio do presponto anterior, formando corações entrançados.

CORDÃO — ponto de bordado feito com pequenas linhas, obliquamente e em paralelas, seguindo o desenho com o fio.

CASEADO — aberturas, como as de casas para botões.

CANGALHO DO CARRO — parte dianteira, delgada, do carro de bois.

CHIAR — o cantar do carro de bois.

CHIADEIRA — música das cantadouras do carro de bois.

CANTADOURAS — cantadeiras.

CANTADEIRAS — duas hastes, aguçadas, enforcadas no eixo móvel do carro de bois, de pinho, que fazem «chiar» o carro por fricção.

CHIÕES — o mesmo que cantadeiras.

CURTIR — demolhar.

CORAR — tecido ou fio molhado, estendido ao sol para branquear.

CORADOURO — local à beira dos cursos de água onde se cora o linho.

CANGAS — jugos que unem as juntas de bois, para puxar o carro.

CABEÇALHO — haste dianteira do carro de bois.

CANGALHO — jugo pequeno.

CRINA — pêlo áspero e sedoso do dorso de animais.

CAMALHÕES — partes inferiores da canga, mais salientes.

CHAVELHA DE PÔR — pequeno pau todo trabalhado a goiva que segura o cabeçalho do carro.

CHAVELHA DE DESCANÇO — a chavelha de pôr, maior, para apoiar o cabeçalho do carro e descansar os bois.

CANGAS DE CABELEIRA — com um friso de tufos de crina na parte superior como decoração.

CHEDEIRO — leito do carro de bois, estrado, soalho, mais ou menos quadrangular.

CARAVELA — barco das descobertas com origem nos barcos dos pescadores do norte.

CHINCHORROS — barcos da Beira litoral.

CATRAIOS — barcos do Seixal, espécie de lanchas.

COLEIRAS — largas tiras de couro piro-gravadas, com enfeites de metal e campainhas.

CAÍQUES — pequenas embarcações de 2 mastros, velas triangulares, barco costeiro de pesca.

CALÃO — barco de pesca do atum.

CANOAS DO ALTO — embarcação do Tejo para pesca fóra da barra.

CERCADURAS — orla, guarnição em volta dum objecto.

COMPANHA — acampamento no areal de empresa de pescadores algarvios, companhia.

CRENADOS — barcos raspados e pintados com breu ou envernizados com resinas.

ÇÃO — são.

CUM — com.

CORES INTEIRAS — cores puras, principais, vivas, sem cores cinzentas, neutras.

CONTRASTANTE — cores que juntas se diferenciam muito uma da outra, como o preto e o branco, uma muito clara ao lado de uma muito escura.

CABAÇA — fruto da abóbora que, seco, serve de vaso para o vinho.

CANDEEIRO DE PETRÓLEO — de vidro com bocal de metal. torcida larga, de pé alto e depósito de petróleo, com um cilindro de vidro para resguardar a chama do vento.

CANDEIA DE AZEITE — de lata ou cobre ou latão com gancho para dependurar, espelho circular canelado, reservatório para o azeite com um bico por onde sai a torcida, com a forma lembrando as lucernas de cerâmica dos primitivos cristãos, herdadas dos romanos.

D

DIVISAS — marcas, emblemas usados para distinguir, famílias de pescadores ou empresas de pesca, identificando os barcos.

DOADOR — aquele que doou uma pintura, um altar, um vitral, um ex-voto e muitas vezes era representado, orando.

DOBADOURA — sarilho, roda arcaica de dobrar o fio, enovelar a meada, fazer novelos.

DEITADA — parte inferior da canga, reentrância central, horizontal, entre as duas, redondas, onde assentam os pescoços dos bois, os camalhões.

DESENHO A OLHO — desenho à vista directamente no tecido à mão livre e criado na ocasião no próprio tecido.

DENTES DE SERRA — desenho em zigzag, aos bicos, como uma serra da madeira.

DOBRADO — ponto de bordado, onde a linha passa duas vezes pelos mesmos buracos da agulha.

DANÇAS — espécie de auto ou comédia dançada.

DENTELADOS — bordado com uma espécie de grega com ângulos rectos.

DAMASQUILHO — adameado, semelhante aos tecidos de Damasco.

DANÇA DO REI DAVID — dança típica medieval com música própria, do Rei David e seu séquito, que faz parte do S. João de Braga.

DORNA — vasilha de aduelas de madeira, mais larga na boca, servindo para pisar a uva ou conservar o bagaço, o mosto.

DESCAMISAR — tirar as capas de folhas secas, o folhelho, que cobrem as espigas do milho.

E

ESTOPA — linho saído da segunda espadada, passando pelo restêlo, estopa restela.

ESPADELADEIRA — cutelo de madeira, ao alto, vertical, onde se coloca a linhaça que é batida pela espadela.

ESPADELA — cutelo talhado em madeira dura de carvalho, sem veios, decorados com gravados a goiva.

ENCOMENDAR — as almas, clamor de rezas pelas almas do Purgatório, orações fúnebres pelos mortos pedindo a protecção de Deus e os Santos pelas suas almas.

ENGAÇO — instrumento agrícola, dentado, de ferros, para tirar estrume, mato, ancinho.

ESTERLOQUIOS — autos populares de Trás-os-Montes, satíricos e de costumes, de fundo moralista.

ESCADAS — das vindimas, muito altas, de duas barras paralelas ligadas por travessas que servem de degraus, escadão, com mais de 30 degraus.

ESTÁBULO — curral, corte, onde se abriga o gado.

ENFORCADO — diz-se das cepas do vinho verde que crescem muito, trepando pelas árvores e cobrindo ramadas.

ESCANO — escabelo, banco com encosto junto à lareira.

ERDEIROS — herdeiros.

ESCARNIO — mofa, zombaria, sarcasmo.

EIDO — pátio, quinteiro, junto à casa, ligando as cortes dos animais.

ENTRANÇADOS — em forma de tranças.

EIRA — terreno liso e duro ou lajeado, onde secam e se debulham os cereais, terreiro.

ENCORDOADOS — em forma de corda.

ESPADELADA — festa agrícola onde se reúnem para espadelar, tirar as sementes e a casca, ao linho.

ENLAÇADOS — em forma de laços.

ESPIGUEIRO — lugar onde se guardam as espigas.

ESTRIGA — porção de linho que se põe na roca.

ESCABELOS — bancos compridos com costas, aos lados da lareira.

ESCUPE — cuspo.

ESTUQUE — argamassa feita com gesso, para rebocar paredes.

ENTRELAÇADOS — em forma de laçadas seguidas.

ESPLENDOR — brilho.

ENCANASTRADOS — em forma de vimes de canastra.

ESBULHA — descamisar o milho.

ENTRAMADO — fios cruzando os da urldura, formando a trama, o tecido.

ESBORDA — transborda, desborda.

ÉVOÉ — grito das bacantes gregas e romanas.

ENCHUMAÇO — bordado a cheio, feito por cima de uma pequena almofada de linho ou algodão, para lhe dar relevo.

ERVAS MALIGNAS — que nascem selvagens entre as culturas empobrecendo as terras, arrancadas com as mondas.

ESTRALEJANDO — ruído que fazem as sementes do linho ao sol, semelhante ao estalar, estralejar, dos foguetes de fogo de vista.

ENTERRADOUROS — pegos dos rios onde se põe a planta do linho a demolhar.

ERGUER — o linho, tirá-lo da água, dos enterradouros.

ENGENHO — do linho: espécie de pequena nora, tambor, que macera a planta do linho.

ESPADADOUROS — cutelo ao alto onde o linho é batido pela espada, espadeladeira.

ESTOPA RESTELA — estopa saída do restelo, batida no pente fixo.

ESTOPA SEDEIRA — estopa batida no sedeiro.

ENTREMEIOS — tira rendada que liga dois panos lisos.

ENSOGAS — entrançados de couro.

EX-VOTOS — «milagres», pinturas populares, «naif», descrevendo um milagre feito ao doador da pequena obra ao santuário do santo.

ESFUMADO — transição duma cor onde não se conhecem as graduações, sombras esbatidas.

ENSOGADOUROS — ensogas, correias de couro.

F

FUEIROS — paus que se erguem aos lados dos carros de bois, servindo para amparar a carga.

FALUAS — embarcações parecidas com o bote, maiores, e com velas, do rio Tejo.

FAIXAS — bandas, frisos.

FRAGATA — barca sólida, para carga, descarga e transporte de carga, dos navios, do Tejo.

FRINGIDOS — pintura imitando madeiras e seus veios ou mármore, na cor e nas manchas e veios.

FOGÃO DE CASTANHAS — peça de cerâmica campaniforme com grelha para o carvão, e rebordo que sustém o assador de cerâmica, furado, para assar castanhas.

FUSEIRA — pátulas redondas e furadas ao meio dos teares antigos e actuais, cossoiros, pesos de madeira para torcer a linha.

FORMÃO — carpintaria, lâmina de aço rectangular com gume, e cabo de madeira.

FURAS — partes vazadas da canga dos bois, umas decorativas outras funcionais.

FAVOS — alvéolos, bordados semelhantes a favos, em préguas cozidas duas a duas, e, alternadamente.

FORAL — leis dadas aos concelhos, com os seus deveres e os seus privilégios.

FUSIOLAS — o mesmo que fusaíolas.

FORCADO — pau terminado em 2 ou 3 dentes, na direcção do cabo, de madeira ou ferro, biforcado ou triforcado.

FUSAIOLAS — patelas redondas e furadas ao meio dos teares arcaicos, de barro ou de pedra decoradas ou não, usadas na pré-história.

FIO TORÇAL — cordão feito de fios, em forma de corda.

FORO MUNICIPAL — privilégio, direitos dos povos e povoados, conjunto dos componentes da câmara, edis/vereadores.

FIADIRA — fiandeira, mulher que fia o linho.

FEVERAS — pequenas porções.

FUSOS — pau torneado onde enrola a linha que sai da roca.

FILAÇA — fio irregular que sai da roca.

FOLHO — guarnição franzida sobreposta a sala, avental, toalha.

FOICE — fouce, lâmina curva, gume, cabo de madeira para cortar mato, lenha ou segar plantas das searas.

FESTADA — orquestra rural minhota.

FERRINHOS — triângulos de metal que batido tem o som de pequeno sino, usado em agrupamentos musicais.

FANDANGO — dança típica do ribatejo, no Minho tem uma expressão própria. O movimento dos pés é sua característica.

FUMEIRO — vão da chaminé onde se dependuram enchidos e persuntos, para serem defumados.

FRAGA — penhasco, pedregulho.

FEIRA — lugar onde se expõem mercadorias, mercado.

FILIGRANA — obra feita de fios de ouro ou prata entrelaçados, entrançados e encordoados.

G

GARNISÉS — ave galinácea pequena, de capoeira, originária das ilhas Garnisés, cocós.

GARFOS — populares, de ferro, com 4 dentes aguçados.

GRANITO — rocha dura, usada na construção de casas, muros e pavimentos.

GRADE — instrumento de esterrear a terra lavrada.

GADANHA — foice de segar, espécie de ancínho de ferro com dentes grandes, para juntar e levar tojo, palha, estrumes.

GAMELAS — vasilha de madeira, rectangular, onde comem os animais.

GRISSETAS — pequeninas malgas de cerâmica enchidas de sebo com um pavio ao meio, para iluminação das ornamentações das romarias.

GADO BRAVO — bois selvagens, touros domesticados e adestrados para usar nas touradas.

GESTA — canções da

GIRAR — cirandar, rodar.

GREGAS — frisos rectangulares, ondulados, floreados, dentados, serrados...

GAVINHAS — forma filiforme das plantas que servem para se fixarem a suportes, elo, abraço.

GOTAS — elementos usados em bordados, pontos, pérolas.

GALHOFAS — brincadeiras que fazem rir, gracejos, festa ruidosa e alegre, risota.

GRAVADOS — sulcos abertos a buril ou cinzel.

GOIVA — carpinteiro, formão de lâmina curva ou em (vê), entalhe em meia-cana.

GUARITA — casota, pequena casa de madeira.

GRAES — vasilhas de cerâmica alentejana.

GOMIS — jarro de boca estreita e asa.

GALHARDETE — pequena bandeira fardada ou estreita e comprida.

GANHÕES — moço de lavoura e outros serviços do Alentejo, que ganha.

GAZÓMETROS — de carboneto, em geral de metal que serviam para a iluminação, com uma luz mais intensa que as dos lampiões e candeias.

I

INFUSAS — caneca para líquidos com asa, bilha.

IRMANDADE — confraria religiosa de irmãos, membros.

J

JUNTAS — pequenos espaços que ficam entre as pedras ou tijolos numa construção e que é preenchido com argamassa para os unir.

JAQUETA — jaleca, pequeno casaco curto.

JUGOS — ou cangas, de madeira, muito trabalhada que une, no pescoço, a junta de bois, para puxar o carro.

JUIZES — de ofício, operários que classificavam e diplomavam os aprendizes, oficiais e mestres das artes artesanais.

JUGO GRANDE — canga.

JUGO PEQUENO — cangalho.

JARRAS — com flores de barro.

JALECA — jaqueta.

JANOTAS — que veste à moda, catita, peralta, cerâmica alentejana.

L

LANCEIROS — soldado armado de lança e galhardete, da cerâmica alentejana.

LIMITES ANTIGOS — termo usado na era visigótica e leonesa para significar limites romanos ou bárbaros.

LAMPIÃO — de azeite, vela de cera ou griseta.

LANTERNA — dos carros, cúbica, com vidros nas 4 faces, espécie de lampião, para ir a corte do gado, resguardada para acautelar incêndio da palha, de azeite, petróleo ou griseta.

LAMPARINAS — lâmpada pequena, pequeno vaso com água, no cimo uma camada de azeite, com disco de cortiça

- a boiar tendo no centro trespassada a torcida, que acesa, produz uma leve luz.
- LAVADO** — o linho, depois da barrela e do coradouro, vai para ser passado e batido nas águas correntes do rio.
- LANCHA** — pequena embarcação para serviço de navios, tráfego e pesca costeira.
- LABREGAS** — rústicas, próprias do homem aldeão grosseiro, rude.
- LEVANTADOS** — puxamento de fios.
- LANDES** — fruto do carvalho, sobre e azinheira para alimento de animais. Desenho estilizado regional.
- LÁGRIMAS** — desenho regional de bordados.
- LANTE-JOULAS** — pequeninas coroas metálicas douradas ou prateadas, usadas cozidas a tecidos em panejamentos de igreja, registos e trajos regionais.
- LINHAL** — plantação de linho, campo de linho.
- LINHAÇA** — sementes do linho.
- LINHO DE RAPOSA** — planta parasita do mato, rosada, filiforme, barba de cúcu.
- LARES** — divindades romanas protectoras das casas e da família.
- LEZÁRIO** — tecelão lusitano da pré-história..
- LINÁRIOS** — cultivadores e tecelões de linho. Terra rica para a cultura do linho. Linares.
- LENZÁRIOS** — fiandeiros e tecelões de linho.
- LINARES** — o mesmo que linários.
- LINO TEMPORANIO** — o primeiro linho, temporão.
- LINO SEROTINO** — o linho tardio, seródio.
- LINHO** — planta herbácea de flores azuis e caule fibroso, pano fino com o fio saído da estopa, passado pelo sedeiro, estopa sedeira.
- LIBRÉ** — vestimenta de lacaios e cocheiros de casa nobre.
- LAJE DE RISTO** — pedra chata de xisto, lastra, lajem.
- LOUSA** — rocha sedimentar xistosa, placa de ardósia, pedra de quadro-preto, lastra chata.
- LAJEDO** — pavimento coberto de lajes.
- LEZÍRIA** — terreno que é alargado com a cheia de inverno dos rios.
- LADRILHOS** — pequenas lajes de barro cozido, quadradas.
- LAZER** — vagar, ócio.
- LENÇO** — pano quadrangular, agasalho da cabeça, da gente do povo.
- LENZO** — lenço, medida de 14 varas, linho fino de cambrala.
- LAMPADÁRIO** — lustre.
- LINGUIÇA** — chouriço delgado de carne de porco.
- LOUCEIRO** — armário onde se guarda a louça.
- LENÇO DE NOIVADO** — pequeno lenço de mão primorosamente bordado, penhor de noivado, dado pela moça ao moço.
- LADAINHAS** — oração de invocações à Virgem.

LOJAS — pavimento térreo, arrecadações, corte de gado, adega, celeiro.

LINTEIS — vergas superiores de porta ou janela, de pedra ou madeira, para firmar as ombreiras, verticais.

LIBRAS — moeda de ouro inglesa.

LATIM BÁRBARO — não o clássico, nem o escrito, mas o falado dos primeiros cristãos da Península Ibérica. Latim dos documentos oficiais medievais. Alguns nomes dos linheiros de Guimarães: Plagio Mauro, Petro Soariz, Menendo Viegas, Pelagiz, Sumiza.

M

MASSEIRA — mesa com boca e fundo retangular e os lados inclinados para fora, onde se amassa a farinha para fazer o pão.

MOUROS — chouriços negros de carne de porco sangrento e sangue.

MERCADO — feira de mercadorias e artigos de comércio.

MESTER — arte manual, ofício.

MONOLÍTICA — casa que parece feita, quase de uma só pedra.

MEIAS-LIBRAS — moeda de ouro inglesa.

MACHADO — instrumento, cortante, cunha encavada de ferro afiado, para abater árvores, cortar lenha grossa.

MACHADINHA — machado pequeno de cabo curto, de uso caseiro para cortar lenha miuda.

MANGUAL — malho, um pau, mangueira, ligado por tira de couro a outro curto e grosso, pirtigo) com que se malham na eira os cereais.

MACERADEIRAS — engenho simples para trilhar o linho, maçar.

MEDIDAS DE GRÃO — cúbricas, de madeira.

MEDIDAS DE MADEIRA — para cereais.

MEDIDAS DE FOLHA — espécie de caneca com asa para líquidos.

MEDIDAS DE LÍQUIDOS — de folha ou de madeira, copos ou canecas com asa.

MEDIDA DE CÂNTARO — de folha, com o feitio do cântaro de barro bojudo, para medir o vinho ou azeite. De almude, meio almude, etc. (medidas antigas).

MAL-DIZER — cantigas medievais satíricas.

MALHADAS — debulhar os cereais, batidos com o malho, mangual.

MONDA — arranque nas culturas das ervas daninhas, não cultivadas.

MALHAO — dança popular cantada, simples.

MONTE — conjunto da casa de habitação e anexos agrícolas no Alentejo.

MOLDES — «cofragem» termo internacional usado na construção civil. Peça oca para formar obras de fundição de metais ou, com argamassa, cimento ou barro, arcos, pavimentos e peças de cerâmica.

MASSARE LIGNUM — latim bárbaro, maçar, trilhar o linho.

MAÇAROCA — o fio torcido e enrolado no fuso.

MAUNÇA — latim bárbaro, mainça, parte mais delgada do fuso.

- MOSÁRABES** — ou moçárabes, cristãos que viviam entre os árabes muçulmanos, depois das invasões árabes, influenciados pelos seus costumes.
- MILAGRES** — pinturas populares, oferta a santuários cumprindo um voto, por milagres concedidos por intercessão de santos oragos em ocasiões de doença ou perigo, salvando-os.
- MESTRES** — posto superior dum mester, arte ou officio.
- MOSAICO** — pavimentos ou paredes, feitas cravando pedras cúbicas de 1 cm de várias cores. Pavimento de ladrilhos.
- MANTILHAS** — manto de renda ou véu, para a cabeça ou em vez de xaile.
- MORTALHA** — lençol que envolve o cadáver. Vestidura branca que os penitentes levam a cumprir um voto.
- MEADA** — o fio do linho enrolado no sarilho como coroa circular.
- MINGA-LHE** — falta-lhe.
- MANELO** — estopa e tomentos.
- MAINÇA** — maunça.
- MERCÕES** — morcões, ponto de bordado.
- MEIAS-LUAS** — argolas populares.
- MATIZ** — bordado com combinação de cores e graduação de cores.
- MISSANGAS** — contas de vidro miudas, furadas e de várias cores, cozidas a tecidos, como ornamento.
- MOSCAS** — bordado regional, espécie de travão no final dum risco, como o que se faz no final das aberturas das casas dos botões. Vários fios no mesmo pres-ponto, que outro fio enrolando, os une.
- MARELIDO** — amarelo. maduro, amadurecido.
- MAÇA** — maço, pau cilíndrico, pesado, com cabo, para macerar o linho.
- MAÇADOURO** — engenho de trilhar o linho, substituindo o maço ou maça.
- MANADAS** — pequena porção de linho a distribuir pelas espadadeiras, na espadada ou espadelada.
- MEIA VARANDA** — o jugo mais simples e pequeno.
- MOLHEIRA** — almofada para a cabeça dos bois de Trás-os-Montes.
- MORTUZEIRAS** — barco da Beira Litoral.
- MEIAS-LUAS** — barco da Beira Litoral.
- MOLICEIROS** — barcos da Beira Litoral da apanha de limos, para estrume da terra.
- MOLETAS** — barcos do Tejo.
- MARCA INTEIRA** — marca do chefe da família dos pescadores poveiros.
- MARCAS DE FAMÍLIA** — sinal usado por uma família de pescadores poveiros.
- MEIAS TINTAS** — tintas de cores neutras acinzentadas, fora das cores vivas, principais, fortes.
- MANGEDOURA** — recipiente de madeira, com pernas ou sem elas, ou pregado na parede, onde comem os animais.
- MALGA** — tigela de cerâmica onde se come o caldo, a sopa.
- MISSA DO GALO** — missa da meia-noite de 24 para 25 de Dezembro.
- MESES** — tradição muito antiga de representar os meses do ano, com as cenas que melhor os represente, dos animais

domésticos, dos trabalhos do campo, da vida religiosa, etc., em escultura, iluminuras de pergaminhos, mosaicos, talha ou gravados.

MAQUINETA — trono ou oratório, espécie de caixa com caixilharia de madeira com ou sem talha, dourada, e vidros com composição de imagem e vidas de santos.

MASCATAS — mascateiros.

MASCATEIROS — ceramistas de Gaia, criadores de bonecos para presépios e cascatas de figuras esboçadas em barro e depois completadas na pintura.

MORINGUES — vasilhas de barro alentejanas.

MANTA — cobertas que os pastores alentejanos usam, dobradas, aos ombros e usadas como agasalhos.

MARCOS — balizas de pedra que os romanos colocavam nas estradas para marcar distâncias.

MOLHELHA — almofada bem enchumada coberta de couro com franjas, dos bois transmontanos.

N

NETA — barco da Nazaré.

NETINHA — barco da Nazaré.

NICHO — cavidade aberta numa parede para colocação duma imagem ou pequenina capela isolada, de pedra ou de madeira.

NAÏF — «naïves», pintores populares sem conhecimentos técnicos, ingênuos, no desenho e na cor, arbitrários, preocupados nos pormenores em prejuízo do total.

NOVELOS — bola de fio enrolado.

O

ORATÓRIO — pequeno móvel de madeira em forma de capela envidraçado que contém imagens.

OBRA DE TALHA — trabalho artístico em madeira feito com goivas e dourado ou pintado.

OFÍCIOS — artes manuais.

OFICIAIS — grau nos ofícios a seguir à aprendizagem.

OLHO DE PERDIZ — ponto de bordado regional.

OURIÇOS — fruto do castanheiro, usado estilizado em bordados regionais.

OLIVAS — fruto da oliveira, azeitonas, usadas estilizadas em bordados regionais.

ORIENTAL — ponto de bordado.

ORVALHADAS — humidade nocturna.

OLHAIS — ochais.

OCHAIS — abertura das rodas de madeira dos carros de bois.

P

- POTES** — recipientes de ferro da cozinha. Grandes recipientes de cerâmica, usados para líquidos e cereais no Alentejo, com as arcas e pipos noutras regiões.
- PRETAS** — figurinhas da cerâmica alentejana.
- PERALTA** — figurinha da cerâmica alentejana.
- PEDRAS NATIVAS** — penedos naturais de um dado lugar.
- PANAIS** — desenhos ou pinturas populares de panos, panejamentos.
- PIQUES** — traços da heráldica popular dos pescadores poveiros.
- PELOURINHO** — padrão municipal, da liberdade, poder e justiça popular do Concelho ou Povoado.
- PADRÃO** — pelourinho, alpendrado comemorativo de 4 arcos cobrindo um cruzeiro.
- PERGATÓRIO** — Purgatório, onde se purificam as almas dos justos antes de entrarem no Céu.
- PURPURINA** — pó metálico para dourar ou pratear.
- PACEI** — passei.
- PAPEL PRATEADO** — dourado ou de outras cores metálicas, brilhante, papel metálico.
- PALHINHAS** — diz-se das palhas que na mangedoura dos presépios está o Menino Jesus.
- PANDEIRETA** — cilindro baixinho em madeira, de aberturas em volta com pares de rodela de folha unidas ao meio por um arame, forrado com pele fina, acompanhador da música regional. Quando é quadrada e sem metais, tem o nome de adaúfe.
- PÚCARO** — vaso cerâmico com asa, para tirar líquidos de vasos maiores.
- PRESUMADA** — presumida, vaidosa.
- PASSARINHO** — pão de — pão de mistura com trigo, centeio, milho e milho alvo, comida de passarinho.
- PALHETE** — espécie de formão.
- PIARÇAS** — pequenas cunhas dos carros de bois.
- PERTIZELAS** — ferros recurvos dos carros de bois.
- PENACHOS** — tufo de crinas, decorativos, das cangas.
- PASSOS** — as 14 estações da Paixão de Cristo.
- PERRO** — chiadeira, cantadeira.
- PROAS** — parte dianteira do navio.
- PEITO** — da camisa, a parte superior da frente.
- PERLADOS** — bordado com o desenho parecido com enfiada de pérolas, ou contas de rosário.
- PAROLO** — rústico, grosseiro.
- PARRECO** — ave, pato, marreco.
- PICOTAS** — aparelho de tirar água à flor da terra.
- PRESIGO** — merenda, pequena refeição a meio da tarde de tora de chouriço, toucinho, carne, sobre o pão e comida de pé e à mão, conduto.

PREGUEADOS — pregas de tecidos cosidas formando favos.

PEDRA FORMOSA — frontão muito decorado em pedra, encontrado na Citânia de Briteiros, dum monumento de sacrifícios, pré-histórico.

PALMITOS — ramos de folhas e flores com a forma duma palma, em papel, papéis metálicos de várias cores, misangas e vidrilhos, penas coloridas, tecido de linho — de uso popular.

PATELAS — bolas chatas furadas, usadas nos teares arcaicos e rústicos.

PANO DE BRAGAL — panos de linho.

PADROEIRO — Santo orago duma freguesia, duma irmandade ou dum mester.

PODEIRA — a galinha poedeira de ovos.

PONTO DE NÓ — ponto usado em bordados regionais.

PELO DE CÃO — ponto de bordado.

PROCISSÃO DE S. JORGE — procissão do Corpo de Deus.

POSTIGOS — pequena abertura ou porta, aberta em portadas de portas ou de janelas, fresta de parede.

PLACAGEM DE LOUSA — placas regulares geométricas de lousa que cobriam, como escamas, paredes e telhados.

PRUMOS — escoras de vigas verticais que seguram varandas ou beirais de madeira.

PEDRA ROLADA — pedras arredondadas dos leitos dos rios.

PAREDES — muros exteriores dum edifício, ou das divisões da casa, em pedra, tabique, ou madeira.

PENEIRA — instrumento circular de madeira com o fundo de trama metálica ou crina.

PICARETA — instrumento de ferro, encaçado, com duas hastes aguçadas em bico para escavar terrenos.

PODÔA — tesoura da poda mais forte de podar canos de árvore, podão.

PODAS — corte de ramificações desnecessárias das árvores de fruto.

PEREGRINAÇÃO — caminho a pé até um santuário por devoção, a cumprir uma promessa.

PASTORINHOS — carro alegórico típico, das festas de Braga ao São João, de pequenos pastores que cantam e dançam em torno do trono do Santo.

PÍFARO — instrumento de sopro popular semelhante à flauta, gaita.

PIPO — barril, recipiente de aduelas para vinho.

PISADA — pisa das uvas, no lagar, com os pés.

POTE DE 3 PERNAS — recipiente bojudo e com tampa, de ferro usado na cozinha de lareira com lenha. Panela.

PILARES — coluna simples, quadrada ou redonda, com o mesmo papel dos prumos de madeira. Coluna suporte sem ornatos.

PERPIANHA — ou juntura, muro onde as pedras têm as juntas verticais travadas.

PUCHAMENTOS — puchar os fios do tecido em alguns bordados com fins decorativos.

PALHA — colmo seco de trigo, centelo, arroz e cevada.

Q

QUADRICULADOS — superfície dividida em quadrados, tracejados.

QUIETO — parado, sossegado, tranquilo, imóvel.

QUARTAS — a quarta parte duma medida.

R

ROKKA — roca, latim bárbaro.

REGISTOS — gravuras de Santos, testemunho de promessas.

ROCA — instrumento com o fuso para fiar o linho.

RESTELO — espécie de escova que em vez de pêlos tem pregos de madeira ou ferro.

RABELO — barco do Rio Douro, de transporte de pipos de vinho.

RODAS RADIADAS — com raios, ligando o centro ao aro.

RESPLENDORES — coroas de raios brilhantes em ouro ou prata que se colocam na cabeça dos santos.

RODÍSIO — círculo, o sol, raiado com curvas como na cruz suástica pré-histórica.

ROSÁCEAS — formas circulares, como rosas, usadas estilizadas em desenhos e pinturas e bordados regionais.

RAMO — agrupamento de flores, estilizados nos bordados.

RIPEIROS — de pau ou de ferro, para limpar o linho.

RIPO — espécie de pente de madeira cravado num tronco de madeira com grandes pregos ao alto, como os ripeiros.

REDOMA — campânula de vidro que resguarda a imagem dum santo ou ramalhete de flores artificiais (palmito).

RIFANDO — ripando o linho, separando as sementes e a casca do caule.

ROCHEDO — penhasco, rocha escarpada.

REBOCO — argamassa para cobrir paredes.

ROMARIA — festa religiosa a um Santo, com Procissão, arraial, feira, e iluminações e fogos de artifício, em santuários afamados, participadas por imensas camadas populares.

RICHELIEU — bordado com muitos abertos cortados no tecido base, quando grandes amparados por aranhas de linha e rendas com a mesma técnica.

REQUE-REQUE — instrumento de fricção de madeira da música popular.

RABECA — violino popular.

REGADINHO — dança popular cantada, em fila aos pares.

RAMADA — de traves e prumos de madeira ou pedra e aramada, com a vinha de forçado formando como que uma cobertura vegetal, caramanchão.

RESSALTOS — saliência, relevo que havia, de andar para andar, nas casas medievais, com as paredes saídas da prumada.

RELÓGIO DE BOLSO — medidor de tempo quase a desaparecer, redondo e chato grande, de meter no bolso das calças ou do colete, presos por uma cadeia de ouro.

S

SACHINHO — enchada pequena.

SACHA — sachinho.

SACHO — sachinho que tem às vezes um pico no lado oposto à folha.

SACHOLA — enxada pequena.

SACHOLO — enxada mais pequena que a sachola mas maior que o sacho.

SACHÃO — enxadão para arrancar pedra da terra.

SELHA — vaso redondo de aduelas de madeira seguros com arcos de ferro de bordos baixos, tina, para levar água.

SALGADEIRA — arca onde está em sal grosso a carne de porco.

SACADAS — varandas, ressalto da parede, balcão, com parapeito de madeira, ferro ou pedra e balaústres.

SAIBRO — argila misturada com areia e pedras.

SOCOS — tamanco com base de madeira.

SAIA RODADA — saia com pregas em toda a volta.

SEGADA — ceifa, corte de cereais com a foice.

SEMEADURA — semeada, terreno semeado, acto de semear.

SÃO JOÃO TRAÇADO — dança onde os pares se cruzam.

SOBRO — sobreiro, donde se extrai a cortiça.

SEVILHETAS — panos de linho, guardanapos (do espanhol servilhetas?)

SARILHO — aparelho simples que faz as meadas.

SOL RAIADO — desenho dum disco rodeado de raios dos bordados regionais.

SINGELO — simples, puro.

STUPE — estopa, latim bárbaro.

STILO DA TERRA — à moda de fazer do povoado ou região.

SOLEIROS — solheiros, soalheiros.

SEDEIRO — escova com pregos finos e juntos para cardar o linho.

SENHORA — figurinha da cerâmica alentejana.

SALPICÕES — chouriço grosso de carne do lombo.

SARILHOS — dobadeiras para enrolar os fios.

SIGNO-SAMÃO —

SIGNO-SAIMÃO —

SANSELIMÃO —

SINOSAIMÃO —

SIMSELIMÃO —

SIGNO-SALOMÃO — figura estrelada formada por dois triângulos entrelaçados, de origem judaica.

SANGRINHO — madeira de salgueiro.

SIGLAS — sinal convencional.

SAVEIROS — barco comprido e estreito de pesca à linha e da travessia de rios.

SIMBÓLICA — emblemático, sinal representante duma ideia duma pessoa.

SIGLAS DE FAMÍLIA — sinais representativos duma família de pescadores po-
veiros. Símbolo.

SANTEIROS — os artesãos que fazem ima-
gens de santos.

SURRÃO — bolsa de couro do farnel do
homem alentejano.

SAMARRA — casaco de pele de ovelha
usado pelos pastores alentejanos.

SAFÕES — vestimenta popular alentejana.

T

TAREFAS — trabalho que se faz com o
tempo contado, empreitada.

TI — tio.

TALEIGAS — sacas ou medidas antigas de
sólidos e líquidos.

TOMENTOS ou **TORMENTOS** — linho que
sai da primeira espadada.

TENDAL — coradouro em baldio, lugar
público.

TAMOEIRO — vasado, fura, da canga de
cabeleira.

TUFOS — de crina, ornamentos usados no
topo das cangas.

TOLDO CILINDRICO — cobertura do carro
alentejano.

TORNEADOS — toros de madeira felts
ao torno.

TREITORAS — paus onde se move o eixo
dos carros de bois.

TOUCAS — cobertura da cabeça de pano.

TALHAR A CAMISA — festa campesina do
linho, brincadeira.

TORA — rodela de chouriço.

TOCATA — pequena orquestra rural.

TORREIRA — ao calor forte do sol.

TEAR RÚSTICO — tear manual antigo.

TREMOIA — tecido ralo.

TELIZES — panos que cobrem a sela do
cavalo.

TERRA FRIA — terra na montanha do inte-
rior.

TERRA QUENTE — terra do vale do inte-
rior.

TEXTURA — material base de que é feito
um tecido.

TAIPA — muro onde se usa barro ou arga-
massa sobre prechas pequenas de ma-
deira (fasquias), paralelas em pranchas
verticais de madeira.

TAMANCOS — socos com a base de ma-
deira.

TESOURA DE PODA — tesoura de cortar
ramos, de podar.

TIRANA — dança popular cantada.

TALHAS — cântaros vidrados para líquidos.

TULHA — arca grande de cereais.

TRAVESSA — prato grande e longo para
servir comida.

TELHA VÃ — telha em que o telhado não
tem forro, cobertura interior.

TESTO — tampa de cerâmica, prato para
tapar panelas e cântaros.

TELHA DE CANUDO — tipo parecido com
a telha romana.

TRAVEJAMENTO — conjunto de traves que segura os soalhos e os telhados e tectos. Esqueleto da casa.

TRAVADAS — juntas, na parede de per-pianha a pedra superior fica a meio da junta das duas pedras que lhe ficam por baixo.

TRAVE — viga que serve para segurar madeiramentos.

TELHÕES — telhas compridas dos beirais minhotos.

TERRAS DE BASTO — região minhota agrícola de Basto.

V

VARANDA — balcão, sacada, terraço, pequena saliência com parapeito de balaustres ou grade de ferro, das fachadas.

VIGAS — madeiros que sustentam barrotes e traves na construção de pavimentos e tectos.

VIDRILHOS — pequenas contas de vidro furadas.

VIOLA — instrumento musical decorado, regional em forma de oito.

VIOLÃO — viola grande, para acompanhamento.

VIRA — dança popular em três tempos.

VERDE GAIO — dança popular cantada.

VAREIRA DESCANÇADA — dança popular de Guimarães, talvez de origem grega.

VELHO — o, dança típica popular de Guimarães, satírica, de sabor medieval de mal-dizer.

VILAE — núcleo agrícola romano que deve origem às freguesias actuais.

VARA — antiga medida de comprimento.

VASADOS — ponto de bordado regional, com aberturas no tecido.

VARANDA INTEIRA — parte superior dos jugos grandes.

VIKINGS — navegadores pré-históricos dos povos nórdicos.

VARINOS — vareiro de Ovar, gabão usado no litoral, embarcações pequenas, conduzidas à vara.

X

XISTO — rocha sedimentar, em lajes, como a lousa e ardósia.

XAILE — manta popular triangular de agasalhar ombros e costas.

Z

ZUPEM — batam

ZÉ — José.

ÍNDICE

A TRADIÇÃO É A HISTÓRIA DO POVO	13
O HOMEM E A CASA, A CASA E O TEMPO. ARTE POPULAR	21
ROMANCE DO LINHO	45
A FIADEIRA E A ROCA	47
BORDADOS DE GUIMARÃES	48
A VIDA DO LINHO	54
CARROS DE BOIS	59
O BARCO	67
CRUZEIROS, PELOURINHOS, ALMINHAS, PADRÕES, MILAGRES E REGISTOS ...	75
A CERÂMICA	93
TRADIÇÃO	107
DICIONÁRIO	111

talvez mais de valorizar o que a vida, a observação e a curiosidade natural lhe deram de bom.

Assim, os primeiros anos (n. em 1914) passados em Guimarães na vizinhança do castelo, a palmilhar as citânias e a descobrir as pequenas igrejas minhotas. Do Minho, de resto, dirá sempre que ele é a parcela mais portuguesa de Portugal, saudando a arte medieval, que lhe define o perfil artístico, como a grande bíblia dos iletrados (Monografia de Guimarães e seu termo, 1984 e A Arte na Idade Média, 1981).

E logo, a seguir, as viagens que lhe permitiram o contacto directo com as obras primas do passado (os antigos vitrais franceses e a pintura mural do trecento e do quatrocento italianos são um bom exemplo). Lhe alvitram certos motivos (desenhos de S. S. Pio XII) e lhe abriram portas para a investigação, exposições e palestras.

A partir de 1949, conheceu a Espanha, a França, a Alemanha, a Itália; em 1957 viajou para a Escandinávia e para a Holanda, Bélgica, Áustria e Suíça; em 1965 percorreu a Grécia, o Líbano, a Síria, Israel, a Turquia, Chipre e a Inglaterra.

Actualmente está entre nós e compatibiliza a criação estética com a reflexão escrita sobre História e História da Arte.

MARIA IDALINA RESINA RODRIGUES
(Professora Catedrática da Universidade de Lisboa)

Este livro de António Lino *O Homem e a Casa, a Casa e o Tempo*, poderá ser considerado como um roteiro da Arte do homem do Minho e de Trás-os-Montes (e não só), em estreita conexão com os ambientes onde se desenvolveu; e será ainda um livro de memórias, não no sentido que vulgarmente lhe damos, mas no de ser o registo das memórias de todo o povo das duas regiões mais setentrionais do país, onde a nacionalidade se gerou e onde persistiram até hoje muitas das formas da sua mais genuína expressão. É, assim, um livro que nos convida a olhar as nossas coisas de modo diferente daquele a que nos habituámos, ou seja, através das múltiplas referências de um saber haurido no contacto directo com as realidades da vivência secular do Homem daquelas províncias, constantemente confrontadas com a experiência do Homem universal, recolhida e filtrada pela apurada sensibilidade do Artista durante as suas largas peregrinações pelo espaço e pelo tempo. Um livro que comove como uma visita ao lar da nossa infância, e inquieta como um pressentimento em face dos perigos a que esse imenso acervo cultural está exposto no nosso tempo. Um livro que nos pode fazer sentir mais lucidamente responsáveis e mais vivamente interessados pelo que é nosso — e de uma forma bem diversa da usual, sem vã retórica e sem ostensiva erudição. Mas tão sentidamente como só um verdadeiro Artista é capaz de fazer.

FLÓRIDO DE VASCONCELOS
(Historiador e Crítico de Arte)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ISBN 972-566-138-9